

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO
(PPGE_n)**

ANDRÉA CAROLINA BERNAL MAZACOTTE

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA SURDA E SUA PRÁTICA

FOZ DO IGUAÇU, 2018

ANDRÉA CAROLINA BERNAL MAZACOTTE

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA SURDA E SUA PRÁTICA

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação *Stricto*
Sensu em Ensino, Nível Mestrado,
da UNIOESTE.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Tamara
Cardoso André

FOZ DO IGUAÇU, 2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração
Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Mazacotte, Andréa Carolina Bernal
História de vida de uma professora surda e sua prática
/ Andréa Carolina Bernal Mazacotte; orientador(a), Tamara
Cardoso André, 2018.
161 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do
Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e
Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2018.

1. Educação de Surdos. 2. Libras. 3. História de Vida. I.
André, Tamara Cardoso. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733
Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

ANDREA CAROLINA BERNAL MAZACOTTE

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA SURDA E SUA PRÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino, área de concentração Ciências, Linguagens, Tecnologias e Cultura, linha de pesquisa Ensino em Linguagens e Tecnologias, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Tamara Cardoso André

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Kelly Priscilla Lóddo Cezar

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ (IFPR)

Marcos Lübeck

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Samuel Klauck

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Luciana Mello Ribeiro

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Foz do Iguaçu, 7 de dezembro de 2018

Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida.

À minha família que sempre me ajudou durante a jornada, principalmente minha mãe Aurora Bernal de Mazacotte, pela paciência, incentivo, conforto e diálogo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus na minha vida.

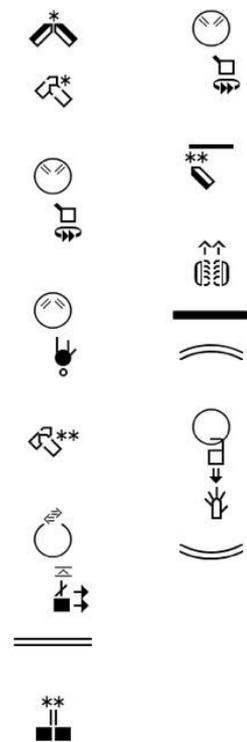
Em segundo lugar, agradeço à minha família que sempre me ajudou durante a jornada, principalmente minha mãe Aurora Bernal de Mazacotte, pela paciência, pelo incentivo, pelo conforto e pelo diálogo.

Agradeço, pela paciência, esforço para se comunicar em Libras, explicações e competência, à minha professora e orientadora Tamara Cardoso André.

Agradeço aos meus amigos surdos que me ajudaram na construção da identidade surda e aos amigos ouvintes com os quais convivi na Comunidade Surda, sempre compartilhando, dando força e apoio para continuar nos estudos de mestrado e levantando a bandeira por uma causa: valorização da Libras.

Também agradeço aos Tils, Douglas Fernando da Silva, Antonia Aparecida Lopes e Roberto Bernal Mazacotte, pois sem eles, não teria concluído os estudos por falta de acessibilidade de comunicação com professores e orientadora e de informação na sala de aula. Ambos aprendemos conteúdos de mestrado, criamos glossário de sinais na área do mestrado em ensino. Foi fundamental compartilhar experiência de tradução e interpretação.

À Escola de Surdo, à Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, à Gazeta Diária e à Unioeste/Foz do Iguaçu que contribuíram para minha pesquisa e meu trabalho.



“Importante na escola não é só estudar, é também criar laços de amizade e convivência.”

Autor desconhecido.

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ALEP	Assembléia Legislativa do Estado do Paraná
APASFI	Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu
ASL	Língua de Sinais Americana
ASSUFOZ	Associação dos Surdos de Foz do Iguaçu
BPC	Benefício de Prestação Continuada Pessoa com Deficiência
CELEM	Centro de Línguas Estrangeiras Modernas
<i>CEEBJA</i>	Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
CES	Centro de Ensino Supletivo
CMDPCD	<i>Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência</i>
CMFI	Câmara Municipal de Foz do Iguaçu
DA	Deficiência Auditiva
ENEM	<i>Exame Nacional do Ensino Médio</i>
<i>FEA</i>	<i>Formação de Educação Ambiental</i>
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
EF	Ensino Fundamental
EAD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
LP	Língua Portuguesa
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
MEC	Ministério da Educação
MP	Ministério Público
NRE	Núcleo Regional de Educação
PcD	<i>Pessoa com Deficiência</i>
PNE	Plano Nacional de Educação

PPP	Projeto Político-Pedagógico
PSS	Processo Seletivo Simplificado
PTI	Parque Tecnológico de Itaipu
RBV	Refúgio Biológico Bela Vista
SEED/PR	Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná
SUED	Superintendência da Educação
TA	Tecnologia Assistiva
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TILS	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TV	Televisão
UDC	Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino Americana

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - “ATENTADO CONTRA A LÍNGUA DE SINAIS”	20
FIGURA 2 - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM DESENHO	26
FIGURA 3 - FOTO DE MINHA INFÂNCIA.....	30
FIGURA 4 – AS PRIMEIRAS FONOAUDIÓLOGAS	32
FIGURA 5 - CURSO POR CORRESPONDÊNCIA PARA OS PAIS DE CRIANÇAS SURDAS.....	33
FIGURA 6 - DESENHO DOS DOIS SENTIDOS DA PALAVRA “BALA”	37
FIGURA 7 - FOTOS DA VISITA AO INSTITUTO BUTANTAN, EM SÃO PAULO	39
FIGURA 8 - DESENHO QUE FIZ NA INFÂNCIA SOBRE PASSEIO AO INSTITUTO BUTANTAN, EM SÃO PAULO	40
FIGURA 9 - RECORTE DE JORNAL – REPORTAGEM SOBRE PROFESSORA SURDA QUE VAI LECIONAR NA ESCOLA SURDO.....	62
FIGURA 10 - CARTAZ QUE FIZ AOS PROFESSORES	64
FIGURA 11 - FOTOS DO TRABALHO NO ECOMUSEU E NO REFÚGIO BIOLÓGICO DA ITAIPU.....	66
FIGURA 12 - FOTO DO CURSO SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	67
FIGURA 13 - CURSO NO POLO ASTRONÔMICO DA ITAIPU	67
FIGURA 14 - FOTO DA PASSEATA EM FOZ DO IGUAÇU NO ANO DE 2008	85
FIGURA 15 - PASSEATA DE COMUNIDADE SURDA EM CURITIBA.....	86
FIGURA 16 - LANÇAMENTO DO LIVRO.....	87
FIGURA 17 - QUADRO DAS FOTOS DA PRIMEIRA TURMA DE LETRAS/LIBRAS DA UFSC	88
FIGURA 18 – FOTO DA PASSEATA DOS SURDOS EM BRASÍLIA.....	89
FIGURA 19 - TEXTO ESCRITO EM ÁRABE	99
FIGURA 20 - CHARGE	111
FIGURA 21 - FOTO DA REPRESENTAÇÃO, EM LIBRAS, DE “PEIXE MULHER” E “PEIXE HOMEM” (REPRODUÇÃO SEXUADA DO PEIXE)	113
FIGURA 22 - FOTO DA REPRESENTAÇÃO, EM LIBRAS, DE “PEIXE-FÊMEA E PEIXE-MACHO SE ENCONTRAM. PEIXE-FÊMEA JOGA OVOS PARA	

ALGAS, PEIXE-MACHO JOGA ESPERMATOZÓIDES PARA ALGAS, ESPERMATOZÓIDE SE ENCONTRA OVOS, DENTRO OVO NASCE ALEVINOS, SAIR OVOS, SAIR MUITOS ALEVINOS”	114
FIGURA 23 - SINAIS DE ALGUNS ANIMAIS EM LIBRAS.....	117
FIGURA 24 - SINAIS DAS CORES EM ESCRITA DE SINAIS	117
FIGURA 25 - MATERIAL PARA ENSINAR O ALFABETO PARA SURDOS..	118
FIGURA 26 - CONFIGURAÇÕES DE MÃOS.....	120
FIGURA 27 - LETRA “A” NO ALFABETO EM LIBRAS	120
FIGURA 28 - ALFABETO EM LIBRAS.....	120
FIGURA 29 - JOGOS PARA ENSINO DE PORTUGUÊS	121

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – REPORTAGENS QUE MOSTRAM MINHA HISTÓRIA.....	103
QUADRO 2 - CONFIGURAÇÕES DE MÃOS EM LIBRAS:	119
QUADRO 3 - ALFABETO EM LIBRAS.....	119
QUADRO 4 - MINHA HISTÓRIA E O TEMPO HISTÓRICO	122
QUADRO 5 - REPORTAGENS SOBRE OS AVANÇOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.....	154
QUADRO 6 - REPORTAGENS SOBRE OS AVANÇOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NOS ESTADOS DE PARANÁ E SANTA CATARINA	155
QUADRO 7 - REPORTAGENS SOBRE OS AVANÇOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NOS MUNICÍPIOS PARANENSES DE FOZ DO IGUAÇU E CASCAVEL.....	158

MAZACOTTE, Andrea Carolina Bernal. História de vida de uma professora surda e sua prática pedagógica

RESUMO

Este trabalho é uma autobiografia de professora surda, nascida em 1979, em São Paulo, formada em Normal Superior em uma faculdade particular de Foz do Iguaçu e em Licenciatura de Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina, docente de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no ensino superior, já tendo atuado como professora de surdos desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos. Parte do seguinte problema: Como os surdos lutam por educação? Afinal, o que é educação bilíngue de/para surdo? A partir do método de autobiografia de professores, apresenta relação entre a história de vida da professora surda, autora deste trabalho, com as lutas históricas dos surdos pelo direito à língua e à educação; conforme noticiadas e reportadas em jornais e revistas. Para isso, apresenta pesquisa documental em jornais e revistas que mostram a história pessoal e a história da luta dos surdos pela educação. Tem como objetivo geral o registro da luta dos surdos pela educação, entendendo o que é educação bilíngue para surdos. Conceituar a educação bilíngue para surdos, mostrando ideias de metodologias de ensino da Libras como primeira língua (L1) e de Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua (L2), assim como apresentar o processo formativo de uma professora surda, são os objetivos específicos. A abordagem autobiográfica, com base em Nóvoa (1992), se justifica porque a experiência docente pode ajudar a entender a formação de professores surdos. O segundo capítulo trata da história da educação de surdos no Brasil e no mundo. O terceiro capítulo mostra a autobiografia, discutindo a educação e a cultura surda e a luta da comunidade surda pelo direito à língua. O quarto capítulo expõe a prática pedagógica na educação bilíngue de e para surdos, relacionando com a teoria educacional de Paulo Freire. Conclui que a educação bilíngue para surdos precisa ser pensada para que o surdo aprenda a Libras de modo significativo, o que não acontece em contextos nos quais a língua de instrução é a Língua Portuguesa e a Libras é ensinada de modo sinalizado, ou seja, sem respeito à sua própria gramática e imitando a estrutura da Língua Portuguesa. Surdos, para serem incluídos, precisam de escola que respeite a Libras e a cultura surda, pois só assim a educação formará cidadãos críticos e atuantes, que não dependam de assistencialismo e paternalismo. A palavra para os surdos precisa ter significado.

Palavras-chave: Educação dos Surdos; História de Vida; Docente Surda.

MAZACOTTE, Andrea Carolina Bernal. Life's history of a deaf teacher/professor and her pedagogical practice in basic education

ABSTRACT:

This paper is an auto-biography of the deaf professor Andréa Carolina Mazacotte, born in São Paulo, 1979. Graduated in Normal Superior in a private university in Foz do Iguaçu and in Arts of Teaching/Libras (Brazilian Sign Language) in the Universidade Federal de Santa Catarina. Worked as Brazilian Sign Language (Libras) professor for higher education and also has already taught as a teacher for deaf people from preschool education up to Teens and Adults Education. The problem to be discussed on this paper is: "How do the deaf's fight/struggle for education? And, after all, what is bilingual education for the deaf?". From the professor's auto-biography method is possible to see the relationship between the deaf professor's life story, this papers author, and the deaf historical struggle for their rights in education and in having their own language, as they were advertised and reported in newspapers and magazines. For this to take place, it presents documental research in newspapers and magazines that shows the personal history and the history of the deaf's fight/struggle for education. This paper also has as its general objective to register the fight/struggle of the deaf for education, understanding what is bilingual education for the deaf and conceptualize the bilingual education for the deaf, pointing out teaching methodology ideas for Libras (Brazilian Sign Language) as a first language (L1) and Portuguese in the written category as a second language (L2). And the specific objectives would be on how to present the formative process of a deaf professor. The auto-biographical approach, based on Nóvoa (1992), is explained for the fact that the teacher/professor experience may help understanding the development of the deaf teachers and professors. The second chapter approaches the history of the deaf education in Brazil and worldwide. The third shows the auto-biography, discussing the deaf culture and education and the struggle from the deaf community for their right to have their own language. The fourth chapter exhibits the pedagogical practice in the bilingual education *for* and *to* the deaf, associating with the educational theory from Paulo Freire. As we could conclude, the bilingual education for the deaf needs to be rethought in order that the deaf learn Libras (Brazilian Sign Language) significantly, which unfortunately is not happening in the today's scenario in which the main language is Portuguese and Libras is taught only as a signalization, in other words, not respecting the grammatical points from Libras, only imitating the Portuguese structures. The deaf, to be part of the society, need schools that respect Libras and the deaf culture, for that is the only way that it will be possible to raise active and critical citizens that do not depend on assistentialism and paternalism. The words for the deaf need to have meaning.

Key-words: The Deaf Education, Life story, Deaf theacher

MAZACOTTE, Andrea Carolina Bernal. Historia de vida de una profesora sorda y su práctica pedagógica.

RESUMEN

Este trabajo es una autobiografía de una profesora sorda, nacida en 1979, en São Paulo, graduada en Normal Superior en una facultad particular de Foz do Iguaçu y en Licenciatura en Letras / Libras en la Universidad Federal de Santa Catarina. Es docente de Lengua Brasileña de Señales (Libras) en la enseñanza superior, ya habiendo actuado como profesora de sordos desde la Educación Infantil hasta la Educación de Jóvenes y Adultos. Parte del siguiente problema: ¿Cómo los sordos luchan por la educación? Al final, ¿qué es la educación bilingüe de / para sordo? A partir del método de autobiografía de profesores, presenta relación entre la historia de vida de la profesora sorda, autora de este trabajo, con las luchas históricas de los sordos por el derecho a la lengua y a la educación, según lo informado y reportado en periódicos y revistas. Para ello, presenta investigación documental en periódicos y revistas que muestran la historia personal y la historia de la lucha de los sordos por la educación. Tiene como objetivo general el registro de la lucha de los sordos por la educación, entendiendo lo que es educación bilingüe para sordos. Conceptualizar la educación bilingüe para sordos, mostrando ideas de metodologías de enseñanza de Libras como su primera lengua (L1) y de Lengua Portuguesa en la modalidad escrita como segunda lengua (L2), así como también presentar el proceso de formación de una profesora sorda, son los objetivos específicos. El abordaje autobiográfico, con base en Nóvoa (1992), se justifica porque la experiencia docente puede ayudar a entender la formación de profesores sordos. El segundo capítulo trata de la historia de la educación de sordos en Brasil y en el mundo. El tercer capítulo muestra la autobiografía, discutiendo la educación y la cultura sorda y la lucha de la comunidad sorda por el derecho a la lengua. El cuarto capítulo expone la práctica pedagógica en la educación bilingüe de y para sordos, relacionándose con la teoría educativa de Paulo Freire. Se concluye que la educación bilingüe para sordos debe ser pensada para que el sordo aprenda libras de manera significativa, lo que no ocurre en los contextos en los que la lengua de enseñanza es la lengua portuguesa y Libras se imparte en el modo señalado, es decir, sin respeto a su propia gramática e imitando la estructura de la lengua portuguesa. Los sordos, para ser incluidos, necesitan de una escuela que respete la Libras y la cultura sorda, pues sólo así la educación formará ciudadanos críticos y actuantes, que no dependan de asistencialismo y paternalismo. La palabra para los sordos necesita tener significado.

Palabras clave: Educación de los sordos; Historia de vida; Docente Sorda.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	8
2.1 Idade Antiga: eliminação e exclusão social	8
2.2 Idade Média: fase de “aceitação” e “inclusão social”	10
2.3 Samuel Heinicke: pai do “Método Alemão”	12
2.4 L`Épée: “Pai dos Surdos” (França)	13
2.5 Controvérsia Oralismo x Gestualismo.....	15
2.6 O Congresso de Milão: “Era das Trevas”. O grande calvário dos surdos.	18
2.7 Idade da Luz no Mundo Surdo: Willian Stokoe (1960).....	23
2.8 Valorização Língua de Sinais	25
3 PRIMEIROS ANOS DE VIDA E EDUCAÇÃO BÁSICA.....	29
4.1 A Luta dos Surdos no Paraná.....	76
4.2 As lutas e conquistas da Comunidade Surda em Foz do Iguaçu-PR	79
4.3 Licenciatura em Letras/Libras.....	82
4.4 Paraguai	84
4.5 Movimento e Luta da Comunidade Surda em Foz do Iguaçu	85
4.6 Turismo em Foz do Iguaçu	97
4.7 Acessibilidade para Surdos nas Empresas.....	100
4.8 Acessibilidade para Surdos na Saúde	100
4.9 Libras e Identidade Surda.....	101
5 PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE UMA PROFESSORA SURDA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	107
5.1 Educação dos Surdos a partir de Paulo Freire	110

5.2 Metodologia de Ensino de Língua de Sinais para Surdos	113
5.3 Metodologia de ensino de língua portuguesa como L2 para surdos.....	118
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
7 REFERÊNCIAS.....	146
APÊNDICE 1	154
ANEXO 1- AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DIÁRIOS COMO FONTE	161

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho autobiográfico, com base na metodologia de história de vida de professores, conforme perspectiva de Nóvoa (1992), que mostra a minha história. Sou professora surda de Língua Brasileira de Sinais nas Licenciaturas de Pedagogia, Matemática, Letras e Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Foz do Iguaçu.

Nasci e estudei na educação básica em São Paulo. Mudei para a cidade de Foz do Iguaçu, onde fiz magistério nível médio, graduação em Normal Superior e graduação em Letras/Libras a distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Este trabalho mostra como me tornei professora e como participei das lutas da comunidade surda por direito à educação e à língua. Tal constatação leva a uma indagação natural, que é perguntar o que é educação bilíngue para surdos e como os surdos lutam por direito à língua e à educação. Para entender melhor o sujeito surdo, é fundamental conhecer sua história e como a sociedade o percebe. O berço linguístico da criança surda começa onde? Como desenvolver aquisição de linguagem para que o surdo possa desenvolver o conhecimento, a compreensão das emoções e a autoestima? Como garantir a identidade surda? Como aprender a ler e escrever?

O problema desta pesquisa é: como os surdos lutam por educação? Afinal, o que é educação bilíngue de/para surdo? Para responder a esta questão, foi feita uma relação entre a história de vida da professora surda, autora deste trabalho, com as lutas históricas dos surdos pelo direito à língua e à educação, conforme noticiadas e reportadas em jornais e revistas. O objetivo geral desta pesquisa é registrar, por meio da autobiografia de professora surda, a história da luta dos surdos pela educação, entendendo qual é a educação que querem os surdos. Os objetivos específicos são: 1) Mostrar o processo formativo de uma professora surda por meio do método da autobiografia de professores; 2) Discutir o que é educação bilíngue para surdos, mostrando ideias de metodologias de ensino da Libras como primeira língua (L1) e de Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua (L2).

A justificativa deste trabalho é que a educação dos surdos é historicamente discutida e alavancada pelos movimentos liderados pela

comunidade surda, com vistas ao reconhecimento de sua língua natural¹, que é a língua de sinais, e de sua própria identidade. Contudo, percebem-se grandes dificuldades dos surdos na chamada “inclusão” de modo geral, na qual o concluinte do ensino médio apenas desenvolve a habilidade de decodificação e não a de interpretação. A Lei Federal nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão e os outros recursos de expressão a ela associados. Destaca-se, no parágrafo único do quarto artigo dessa lei, que o uso da língua de sinais não poderá substituir a modalidade escrita do português.

Segundo Svartholm (2009, 2014), a educação bilíngue para surdos é quando a língua de sinais é a primeira língua ensinada à pessoa surda, desde o nascimento, sendo esta também a língua usada para ensinar todos os conteúdos. A língua oral do país onde o surdo mora é ensinada como segunda língua, na modalidade escrita, usando-se para isso a língua de sinais. A educação bilíngue para surdos se originou na Suécia. Lá, segundo Svartholm (2009, 2014), assim que nasce, a criança surda vai para uma escola de educação infantil aprender língua de sinais com professores surdos e interagir com outras crianças surdas. Isso é importante porque, segundo a autora, 95% das crianças surdas são filhas de pessoas ouvintes que não sabem a língua de sinais. A língua de sinais é considerada a primeira língua L1. A língua das pessoas ouvintes é ensinada como segunda língua L2, na modalidade escrita, por professores fluentes em língua de sinais e em escolas onde estudem crianças surdas. No Brasil é diferente, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/1996, prevê que todas as pessoas com necessidades especiais estudem na mesma escola, a chamada escola regular. O Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005 de 2014, abre brecha para que a educação de surdos seja feita em escolas regulares.

A criação da Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e a reconhece como meio legal de comunicação e expressão, e os

¹ Língua Natural é qualquer linguagem desenvolvida naturalmente pelo ser humano, ou seja, é uma língua humana ou um idioma. A língua possui sua própria estrutura, dividindo-se em sintaxe: fonologia, morfologia, semântica e pragmática, elementos utilizados para a comunicação. Para os surdos, a língua natural é a Língua de Sinais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p.28) “a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural”.

decretos que a regulamentaram, passaram a garantir que as escolas onde estudam pessoas surdas tenham um profissional Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (TILS). Desde então, há uma modalidade de educação na qual as pessoas surdas estudam em escolas de ouvintes, com professores ouvintes, acompanhadas de um profissional que faz a tradução e a interpretação em Libras daquilo que é ensinado, o TILS. A partir da promulgação da lei, algumas escolas bilíngues, onde só estudavam pessoas surdas e os professores ensinavam em língua de sinais, começaram a ser fechadas.

Diante disso, a comunidade surda seguiu lutando pela educação bilíngue e também lutando para não fechar escolas de/para surdos. Assim, este trabalho se justifica pela necessidade de registrar a luta das pessoas surdas, entender suas razões e objetivos e o que é educação bilíngue para surdos, contribuindo com pesquisas similares.

Para atender aos objetivos, optou-se pela metodologia de pesquisa autobiográfica de história de vida de professores.

A abordagem autobiográfica se justifica porque a autora deste trabalho é surda, docente universitária e foi professora desde a educação infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo muita experiência para ser contada. Nóvoa (1992) ajuda a fundamentar a pesquisa com base na história de vida de professores. Segundo Bueno (2002), têm sido cada vez mais comum as pesquisas autobiográficas de professores que tratam das carreiras e dos percursos profissionais, produzindo uma literatura pedagógica.

Demartini (1988) mostra que uma pesquisa educacional pode se basear na história de vida de professores, permitindo uma visão não oficial e o entendimento das relações entre o geral e o particular. O método autobiográfico e os estudos da história de vida de professores são, segundo Bueno (2002), muito usadas nas ciências da educação. Por se tratar de uma história de vida, este trabalho é escrito na primeira pessoa.

Conto neste trabalho minha vida desde a infância até a fase adulta, mostrando como superei, como aprendi e lutei transpondo vários obstáculos por ser surda em uma sociedade majoritária ouvinte.

Na época da minha educação escolar no ensino fundamental eu não estudei na escola bilíngue para surdos, mas na escola regular básica. Parece-

me que não havia debate sobre inclusão e escola “especial”². Estudei em escola regular e meus professores tiveram de enfrentar “barreira” para entender como me ensinar o conteúdo na sala de aula. Tive momentos de altos e baixos, de queda e superação. Os professores “suaram”, criaram estratégias, tentaram criar método de ensino para que eu assimilasse o conteúdo.

Estudando no Magistério, foi a primeira vez na minha vida que tive uma “educação inclusiva”, com colegas surdos, cadeirantes e Intérprete de Libras. Isso deu-me outra visão, foi um novo desafio, para a escola e para a sociedade, pois era tudo novo. Os professores não estavam preparados para lidar com a presença de Intérprete e tinham preocupação ao ministrar aula para futuros professores. Professores, Intérpretes e surdos trocavam ideias sobre ensino, trabalhos e métodos, aprendendo como lidar com pessoa surda na aula, em um processo contínuo.

Cursei Normal Superior em uma faculdade particular. Naquela época já havia discussão sobre inclusão, mas não tive Intérprete de Libras. Meus amigos e meus colegas me diziam que os professores não sabiam como lidar comigo na sala de aula, por falta desta formação.

Depois fiz uma segunda faculdade. Estudei na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), No curso de licenciatura em Letras Libras, modalidade Educação a distância (EAD). Esta faculdade mudou muito minha vida, pois encontrei “meu mundo”, isto é, Comunidade Surda. Desde pequena, até neste momento, sempre estudei no mundo de “ouvinte”. A cultura do ouvinte é diferente do surdo. Na cultura surda o mundo é visual. A Libras é língua de sinais e o português, para o surdo, é a segunda língua. No curso de Letras Libras da UFSC os acadêmicos, na maioria, eram surdos. Havia professores surdos com doutorado e mestrado e professores ouvintes que sabiam Libras ou que acompanharam os TILS na sala de aula. O ensino tinha recurso visual e era adaptado à cultura surda. Os estudos linguísticos sobre Libras fortaleceram a Identidade Surda e sua língua. Também contribuíram à pesquisa e à

² “Escola Especial”, naquela época, se ocupava do atendimento e da educação de pessoa com deficiência. Segundo Lopes (2007), a escola especial acaba por oferecer uma educação menor, apenas de habilidades básicas, pois é espaço de reabilitação, assistência e cuidados dirigidos a quem se imagina não ser capaz de aprender: “está fortemente marcada por um interesse clínico e corretivo.” (LOPES, 2007, p.14).

criatividade sobre métodos pedagógicos para ensino de Libras como primeira língua (L1) e língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua (L2) e, também, para a Literatura Surda.

Minha formação como professora teve dois momentos, um em que eu estudei na cultura ouvinte e outro em que estudei na cultura surda, no curso da UFSC. Segundo Bueno (2002), o professor conhece melhor a si quando lembra a sua formação.

“O recurso aos relatos de vida escolar se mostra, então, neste caso, extremamente favorável para se investir neste aspecto da formação docente. Ou seja, ao favorecer aos futuros mestres a oportunidade de refletirem sobre os processos de sua formação e adquirir um melhor conhecimento de si mesmos, [...]” (BUENO, 2002, p.27)

A formação é importante para entender o professor e também suas experiências de vida. Bueno (2002), cita Knowles (1992) para afirmar que a identidade do professor está ligada às suas experiências, do que aos cursos de formação.

Para documentar minha história, realizei a pesquisa dos documentos históricos, com objetivo de comprovar, fundamentar e entender o processo histórico que os surdos vivenciaram na sociedade. Usei jornais, revistas, folhetos e atas, em abordagem bibliográfica e documental, para mostrar os fatos da história dos surdos no Brasil, no Paraná, em Foz do Iguaçu e também a minha história. Coletei leis, decretos, resoluções, minutas, e outros documentos, como a fonte de pesquisa documental. Essa prática foi fundamental para comprovar fatos históricos e registrar. Com isso, pude analisar que, ao vivenciar com os surdos, eles relataram a luta, sua história e é importante registrar o histórico para futuras gerações ou futuras pesquisas, e também “ver” a vozes dos surdos.

Bueno (2002) cita Goodson (1992,1994) sobre a importância da voz do professor:

“nessa abordagem está implícita uma reconceitualização da própria pesquisa educacional, pois dar voz aos professores supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito dos mestres de falarem por si mesmos.” (BUENO, 2002, p.22)

De acordo com Goodson (1992, 1994), é fundamental dar voz ao professor para que os docentes sejam ouvidos.

Após as duas faculdades, passei no concurso da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), para ser professora de Libras nos cursos de licenciatura que atende à demanda do Decreto nº 5 626. Assim, este trabalho conta toda a trajetória de luta da comunidade surda pelo direito à educação e como esta luta influenciou minha vida, mas, principalmente, como me tornei professora de surda.

A partir de Goodson (1992), posso dizer que é importante que os surdos sejam vistos, e entender como esta docente surda, neste caso, trabalhou durante a vida, apontando os problemas e despertando para mudança do paradigma. Isto quer dizer, por falta de empatia dos professores ouvintes que têm estudantes surdos, quando esta professora foi estudante, tem muito que demonstrar sobre como trabalhar com estudante surdo na sala de aula. Tem muito a mostrar, para professores ouvintes que trabalham na escola do surdo, sobre a necessidade de repensar métodos de ensino. Quero demonstrar, para os professores surdos, que a maioria estudou no ensino superior de acordo com Cultura Ouvinte, que é diferente da Cultura Surda, e é preciso mudar o método de ensino de acordo com a Cultura Surda, para que o discente surdo aprenda melhor.

Samara e Tupy (2007) mostram que os registros históricos precisam ser decodificados a partir dos seus usos e finalidades.

Usei os jornais e as revistas que mostram a minha história e a história da luta dos surdos para a educação. Segundo Trivinos (1987) é preciso tomar certos cuidados no uso da mídia impressa.

É fundamental registrar a história de vida de docente surda para que se possa entender o processo de aprendizagem e método de ensino.

Para o levantamento bibliográfico na compreensão da educação do surdo, foram utilizados autores como Quadros (1997, 2004, 2006), Sacks (1998), Sánchez (1990), Svartholm (2009, 2014) e Fernandes (2003, 2008, 2011, 2012). Para fundamentar a teoria de educação geral foi utilizada a teoria de Freire (1996).

Para conhecer a história da vida de docente surda, é importante saber a história de educação do surdo desde antiguidade até momento contemporâneo. Isso é importante para que se possa entender o processo histórico que tem influenciado e, também, para quebrar os mitos e paradigma

sobre Comunidade Surda, principalmente. Assim, o segundo capítulo é sobre a história dos surdos.

O terceiro e o quarto capítulos apresentam a história de vida que deu a origem a esta pesquisa. O terceiro mostra minha formação escolar e o quarto a trajetória profissional e o ensino superior. O quinto capítulo apresenta alguns dos meus princípios pedagógicos para o ensino para os estudantes surdos. Concluo que durante o processo histórico na educação dos surdos no Brasil, ainda falta muito para divulgar sobre a importância da Libras para os estudantes surdos e na sua luta. Também constato a importância de mudar o método de ensino na sala de aula de acordo com a Cultura Surda.

Dessa forma, o convido para que tenha uma “boa leitura nos olhos”, procure refletir sobre a vida de autora e sua vida profissional e, quando se deparar com uma pessoa surda, já lembre como trabalhar com ela.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A pesquisa bibliográfica sobre história da educação de surdos teve o objetivo de compreender melhor a autobiografia da docente surda.

2.1 Idade Antiga: eliminação e exclusão social

Desde a Antiguidade, está registrado na Bíblia, um dos mais antigos documentos históricos, havia uma lei acerca de como o povo devia tratar os surdos: *“Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR”*. (ALMEIDA, 1996), comprovando que já nos tempos de Moisés existiam surdos e a preocupação de como “tratá-los”.

Na Antiguidade as pessoas que nasciam surdas eram discriminadas, desprezadas e em vários casos eram assassinadas.

Na história, sabe-se que os povos egípcios e antigas leis judaicas (2000 a 15000 a.C.) protegiam os surdos, porém eles não eram educados. Na antiguidade chinesa, os surdos eram lançados ao mar. Em Esparta, os surdos eram jogados dos rochedos e, em Atenas, eram abandonados em praças públicas ou nos campos. (SOTEL, 2006, p.21)

Nessa época as pessoas pensavam que o surdo era “louco”, “imbecil”, “sem razão”, “sem pensamento” e “doente”, por isso era excluído da sociedade e não tinha condições de educação. A capacidade cognitiva era associada diretamente à expressão oral.

O filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que, como não falavam, conseqüentemente os surdos não possuíam linguagem e tampouco pensamento. Dizia que: *“(…) los que por nacimiento son mudos también son sordos: ellos pueden dar voces, más no pueden hablar palabra alguna.* (SÁNCHEZ, 1990, p.31)³

Segundo Costa (2010, p.19), os egípcios viam a pessoa surda como sujeito que não falava e por isso era incapaz de aprender. Para os romanos “os surdos não tinham possibilidade de desenvolvimento moral e intelectual”. Com

³“(…) os que por nascimento são mudos também são surdos: eles podem emitir vozes, mas não podem falar palavra alguma” (SÁNCHEZ, 1990, p.31, tradução da autora)

o passar do tempo, os surdos continuaram sendo marginalizados, excluídos da sociedade e desvalorizados.

Por volta do século VI, em Roma, com o novo Código de Justiniano, passou-se a perceber a diferença entre os tipos de surdez: a) o surdo de nascença (pré-linguístico); b) que ficou surdo após nascer (pós-linguístico).⁴ Se começou a dar mais valor para surdo pós-linguístico do que ao pré-linguístico, por causa da suposta incapacidade de aprender. Os surdos pós-linguísticos tinham mais direitos, pois haviam adquirido um mínimo domínio da língua antes de perder a audição.

“Esta distinción traía aparejadas importantes consecuencias en cuanto a la situación legal y al reconocimiento de los derechos de unos y otros. El hecho de haber podido recibir educación hace suponer que los sordos del segundo grupo habían alcanzado un dominio mínimamente eficaz del lenguaje antes de perder la audición.” (SÁNCHEZ, 1990, p. 32)⁵.

Sánchez (1990) cita Meadow (1980) e afirma que há uma diferença entre o surdo que nasceu surdo e aquele que perdeu a audição depois de ter aprendido a ler e escrever. Antes se acreditava que o surdo de nascença era incapaz de aprender a leitura e a escrita. Mas hoje se sabe que ele não é incapaz. A aquisição da escrita pelo surdo se dá pelo meio visual, como mostra Gesueli (2011). A aprendizagem ocorre de maneira diferente. Na verdade, os surdos são inteligentes, e podem receber educação. O surdo pode, através da língua de sinais, ter acesso a todos os níveis de conhecimento: “Las lenguas

⁴ Surdos pós-linguísticos são aqueles que perderam a audição após o aprendizado da língua falada. Ou seja, são os que nasceram ouvintes e em pouco tempo se tornaram surdos, devido à doença ou acidente. São capazes de estabelecer conexões visuais-auditivas através da experiência e da memória, conseguem ler os lábios e “não são usuários nativos da língua de sinais e não se identificam com a comunidade surda ou com a língua de sinais”. (SACKS, 1998, p.150). Surdos pré-linguísticos são aqueles que já nasceram surdos, não têm conhecimento linguístico pois nunca ouviram, “não dispõem de imagem auditiva, não têm ideia alguma de como é realmente o som da fala, não têm noção da correspondência entre som e significado.” Aprendem alguma língua na infância, mas têm dificuldade de entender, compreender, elaborar e transmitir as ideias: “é falta de habilidade linguística e, de fato, competência linguística, muito notável nas crianças com surdez pré-linguística na idade escolar, uma deficiência léxica e gramatical.” (SACKS, 1998, p.70). Os surdos pré-linguísticos aprendem tudo pelo meio visual e pela língua de sinais.

⁵ “Esta distinción trouxe importantes conseqüências para a situação legal e o reconhecimento dos direitos de uns e outros. O fato de ter recebido educação faz supor que os surdos do segundo grupo haviam alcançado um domínio minimamente eficaz da linguagem antes de perder a audição”. (SÁNCHEZ, 1990, p. 32, tradução da autora)

de señas aparecieron desde el momento en que los sordos pudieron reunirse, la crearon y compartieron su uso.” (SÁNCHEZ, 1990, p.32) ⁶

2.2 Idade Média: fase de “aceitação” e “inclusão social”

Na Idade Média não se dava tratamento digno aos surdos. Os surdos eram colocados em imensas fogueiras. Eram vistos como sujeitos estranhos e eram objetos de curiosidades da sociedade. Aos surdos era proibido receber a comunhão, porque eram tidos como incapazes de confessar seus pecados. Também haviam decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido àqueles que recebiam favor do Papa. Existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e de exercerem todos os direitos de cidadãos. Acreditava-se que os surdos eram seres pecadores e não podiam conviver com a sociedade.

“San Agustín cuando asevera que aquél que no tiene oído no puede oír y el que no puede oír jamás podrá entender y la falta de oído desde el nacimiento impide la entrada de la Fe”. (SÁNCHEZ, 1990, p.32) ⁷

No ano de 1198 o Papa Inocência III autorizou o matrimônio de um mudo, argumentando que ele não poderia falar, mas poderia se manifestar em sinais. (SÁNCHEZ, 1990. FERNANDES, 2012)

Os surdos na Idade Média eram considerados “loucos” e as congregações religiosas começaram a “adotar” os surdos para integrá-los na sociedade (COSTA, 2010, p.20).

Segundo Costa (2010) há evidências de que os monges trabalhavam na igreja e precisavam estar em silêncio. Por isso, criaram um código secreto, ou alfabeto digital. No entanto, não era o mesmo que a língua de sinais. A origem dos sinais dos surdos não está nos sinais monásticos, pois o léxico e a sintaxe eram diferentes.

⁶ As línguas de sinais aparecerem desde que os surdos puderam reunir-se, a criaram e compartilharam seu uso” (SÁNCHEZ, 1990, p.32, tradução da autora)

⁷ “Santo Agostinho asseverava que aqueles que não têm ouvido não podem ouvir e quem não pode ouvir jamais poderá entender, de modo que a falta de ouvido desde o nascimento impede a entrada da fé”. (SÁNCHEZ, 1990, p.32, tradução da autora)

A partir do século XVI, começou aos poucos a haver ensino para surdos, quando começaram a perceber que:

O sujeito surdo passa a ser olhado como apto à linguagem, capaz de comunicar-se, de pensar, de expressar de sentimentos, um ser moral, não é mais considerado um ser rudimentar, a posição – sujeito é tomada humana. (COSTA, 2010, p.21)

De acordo com Fernandes (2012, p. 267), a educação de surdos foi uma iniciativa pioneira.

“(...) pioneiros educadores de surdos no contexto europeu buscavam suplantar a equivocada visão sentenciada por Aristóteles, na Antiguidade, de que os surdos eram seres irracionais por estarem privados da palavra falada, que era compreendida como o conteúdo que nutria o pensamento.”

Primeiro pensava-se que os surdos eram loucos e/ou doentes. Os surdos eram excluídos da sociedade e assassinados, pois não tinham valor. Mas já havia surdo que, para se comunicar, utilizava Línguas de Sinais. Alguns surdos viviam mendigando, procurando sua sobrevivência. Na atualidade ainda se vê vários surdos que vivem pedindo esmola, vendendo canetas e adesivos para sobrevivência, condição histórica que fortalece os mitos.

Na Idade Média, várias pessoas começaram a se interessar em trabalhar com surdos, vendo a possibilidade de educar.

O italiano Girolamo Cardano (1501-1576), médico, matemático, e filósofo, reconheceu a habilidade do surdo para a razão. De acordo com Costa (2010, p.22), Cardano foi primeiro a considerar que o surdo tem capacidade de pensar e de ser ensinado. Segundo Goldfeld (2002, p. 28), Cardano usava figuras, imagens e gravuras, ensinando surdos a ler e escrever, e considerava um crime não instruir as pessoas surdas.

Pedro Ponce de Leon (1520-1584), um monge espanhol, foi reconhecido como o primeiro professor de surdos na história. De acordo com Costa (2010, p.22), Leon ensinou surdos nobres a ler, escrever e contar e ensinou também latim, filosofia e a ciência da época. Leon mostrava que os surdos possuíam faculdades intelectuais, comprovando que surdos não tinham lesões no cérebro, como a medicina, naquela época, dizia. Ficou reconhecido por fundar a primeira escola para surdos na Espanha.

Juan Pablo Bonet (1579-1633), filólogo e soldado à serviço do rei da Espanha, começou a se interessar pelo trabalho com surdos devido ao irmão do capitão do exército espanhol, que era surdo. Bonet publicou o primeiro livro sobre surdos da história em 1620 “Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos” (Redução das letras e arte para ensinar a falar aos mudos. Tradução da autora). O livro, contendo a ilustração do alfabeto manual elaborada por Bonet, explicava que “seria mais fácil para surdo aprender a ler, se cada som da fala fosse representado por uma forma visível invariável” (MOURA, 2000, p.18).

Naquela época os educadores ensinavam surdos de famílias nobres. Muitos surdos nobres se desenvolveram nos estudos e na educação. O objetivo deles era: “manter direitos de herança e propriedade que pudessem lhes ser negados em função da condição da surdez.” (FERNANDES, 2011, p. 268)

De acordo com Sánchez (1990), no entanto, ao final da Idade Média e início da Idade Moderna muitos métodos de ensino buscavam ensinar os surdos a falar.

⁸ “[...] era éstos pudiesen desarrollar su pensamiento, adquirir conocimientos y comunicarse con el mundo oyente. Para ello, se procuraba enseñarles a hablar y a comprender lo hablado a través de la lectura de los labios, a leer y a escribir y a comunicarse mediante el deletreo digital, [...] (SÁNCHEZ, 1990, p.35.)

Os surdos de classes inferior ou baixa não tinham direitos. Ficavam nas ruas pedindo esmola, ou ficavam escondidos na casa dos pais.

2.3 Samuel Heinicke: pai do “Método Alemão”

Na Alemanha, Samuel Heinicke (1729-1790), conhecido como o “Pai do Método Alemão” – Oralismo puro – iniciou as bases da filosofia oralista, na qual um grande valor era atribuído somente à fala. Heinicke, quando viu um menino surdo, iniciou seu trabalho com ele, ensinando a escrever e a falar pela leitura

⁸ Para que os surdos pudessem desenvolver seu pensamento, adquirir conhecimento e comunicar-se com o mundo ouvinte. Para isso, se procurava ensiná-los a falar e a compreender o falado através da leitura dos lábios, a ler e escrever e a comunicar-se através da ortografia digital.” (SÁNCHEZ, 1990, p.35. Tradução da autora)

labial. Satisfeito com o trabalho, decidiu ensinar os surdos a compreenderem a linguagem oral pela leitura labial e a comunicação escrita.

Heinicke publicou a obra *“Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra”*. A língua de sinais e o alfabeto digital não eram importantes, pois acreditava que os surdos poderiam prejudicar o desenvolvimento da oralidade e do pensamento, gerando atraso de fala. A língua de sinais, em razão disso, tornou-se proibida.

Heinicke se dedicou ao ensino usando método exclusivo da fala e, por isso, fundou um instituto público para os surdos da Alemanha poderem estudar e viver. Os professores não podiam ser surdos. Apenas ouvintes podiam ser professores.

“Seguidores de Heinicke aperfeiçoaram técnicas e metodologias oralistas, proibindo terminantemente qualquer manifestação que identificasse outra forma de comunicação que não a fala.” (FERNANDES, 2012, p.26)

“Exemplificam esse fato a perfuração de ouvidos, a criação de instrumento mirabolantes que pretendiam interligar o ouvido às cordas vocais, a confissão e a remissão dos pecados permitindo apenas pela oralidade e, sobretudo, a proibição de qualquer forma de comunicação gestual, chegando a ocorrer a amarração ou a mutilação das mãos.” (FERNANDES, 2012, p.27)

O objetivo de Heinicke era “normalizar” o surdo, ou seja, fazer o surdo tornar-se igual ao ouvinte. Para isso, era preciso que o surdo aprendesse a falar e a ouvir para ser “incluído” na sociedade. “O método de Heinicke se difundiu na Alemanha e na Inglaterra.” (COSTA, 2010, p.23)

2.4 L`Épée: “Pai dos Surdos” (França)

O abade francês Charles Michel de L`Épée (1712-1789) é considerado “Pai dos Surdos”, pois foi um dos primeiros a se preocupar com os surdos marginalizados, que não recebiam educação e moravam nas ruas, vistos sem qualquer valor social. L`Épée começou seu trabalho com surdos em 1760, com duas irmãs surdas que se comunicavam em língua de sinais. Utilizava um alfabeto manual, assim como Bonet, para o ensino, e aprendeu a língua de sinais em convivência com surdos. Começou seu trabalho com surdos na educação:

“(...) ele pensou em dar aos surdos o acesso à língua escrita pela associação de suas ideias com a Língua de Sinais. Isso permitiria que eles tivessem acesso e entendessem a Palavra de Deus. Para tanto ele usava os sinais que os surdos já dominavam para explicar conceitos abstratos.” (MOURA, 2000, p. 23)

Segundo Moura (2000, p.23), L'Épée defendeu a Língua de Sinais como uma língua natural dos surdos e concluiu que ela acontece por meio da modalidade gestual-visual e que é um verdadeiro meio de comunicação e desenvolvimento do pensamento. Procurou instruir os surdos em sua própria casa com combinações de língua de sinais e da gramática francesa, método denominado de Sinais metódicos”. Os surdos conseguiam sinalizar qualquer texto escrito ou escrever textos de forma correta em francês. Também alunos surdos eram capazes de planejar adequadamente a linguagem escrita e traduzir sem dificuldades na leitura.

“[...] os alunos conseguiram sinalizar qualquer texto escrito ou escrever qualquer texto em francês gramaticalmente correto quando ditado por ele (L'Épée). Este sistema foi chamado de Sinais Metódicos e implicava num aumento muito grande de sinais. Entretanto, a explicação do conteúdo do texto se dava através da Língua de Sinais, que também continuava a ser usada na comunicação entre Surdos.” (MOURA, 2000, p.23)

L'Épée fundou o “Instituto Nacional para Surdos – Mudos” em 1760, na cidade de Paris, passando a ensinar surdos coletivamente. Por permitir que seu método fosse conhecido e aberto ao público e a outros educadores, influenciou e fundou inúmeras escolas públicas para os surdos, e também treinou muitos professores surdos para ensinar em diversos lugares, entre eles, os professores surdos Laurent Clerc (que posteriormente foi aos Estados Unidos) e E. Huert (que veio ao Brasil). L'Épée se posicionou contra métodos relacionados à oralização dos surdos e defendeu a Língua de Sinais.

“O abade Charles Michel de L'Épée publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: ‘A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos’, o abade colocou as regras sintáticas também o alfabeto manual inventado pelo Pablo Bonnet e esta obra foi mais tarde completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard.” (MOURA, 2000, p. 24).

L'Épée escreveu um livro em 1760, lutando contra grupo de oralistas contrários à Língua de Sinais: “Para ele o treinamento da fala tomava o tempo demais dos alunos, tempo este que deveria ser gasto em educação.” (MOURA, 2000, p.24). O abade organizava demonstrações públicas dos seus alunos. Os

surdos educados na sua escola, nessas demonstrações, mostravam e comprovavam os conhecimentos, aprendidos no Instituto, para o público, formado por nobreza, filósofos, educadores e religiosos. Nas demonstrações L'Épée atuava como "Intérprete de Língua de Sinais" para os surdos, que demonstravam suas capacidades intelectuais ao público, que podia fazer perguntas.

Segundo Moura (2000), L'Épée morreu em 1789, durante a Revolução Francesa. Ao morrer ele havia fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa. Ele foi considerado "Pai dos Surdos", pois salvou os Surdos e deu nova vida e nova esperança. Ele ensinou os surdos a lerem a Bíblia, filosofia, latim, dentre outros conteúdos.

De acordo Sacks (1998) e Fernandes (2012), L'Épée foi responsável por uma nova era histórica para os surdos, que passaram a ter oportunidade de sair da condição de miséria e se profissionalizar, como engenheiros, pintores e filósofos, por exemplo. Ocorreu a valorização e o fortalecimento da Língua de Sinais para a Comunidade Surda, crescendo o número de professores surdos e profissionais surdos. No entanto, ainda continuava o conflito contra grupo oralista.

2.5 Controvérsia Oralismo x Gestualismo

O oralismo vê a surdez como algo que precisa ser curado, superado. Segundo Moura (2000) e Sánchez (1990), no século XIX os médicos procuraram a "cura" para a surdez, tentando corrigir a anormalidade, evitando manifestações de diferença, e tentando a todo custo fazer o surdo falar, proibindo-lhe que se manifestasse através de sinais.

"A surdez, vista até agora como um problema filosófico, religioso e social, [...] transformando o Surdo num doente. [...] a maioria dos profissionais que trabalham na área, para os quais a surdez é uma doença a ser erradicada. [...] a transformação da surdez, num problema exclusivamente médico, com promessas de cura e reabilitação." (MOURA, 2000, p.26)

⁹ (...). [...] un objetivo: corregir la anormalidad, evitar la manifestación de la diferencia, y concretada en dos indicaciones: hacer que el sordo hablase como los oyentes e impedir que se expresase con señas. (SÁNCHEZ, 1990, p. 60)

Um exemplo é Jean-Marc Itard (1775 – 1838), que ficou conhecido como o médico que sempre dizia que: “a surdez é uma doença” (MOURA, 2000). Ele queria integrar o surdo na escola regular, um aluno surdo por sala, evitando a língua de sinais. Fazia-se tratamento com fonologia, psicopedagogia, psicológico e muitos outros. Ao passar dos anos, verificou-se que o surdo não aprendia nada e ficava cada vez mais alienado. Isso significava que o surdo em sala de aula tentava ler os lábios ou ouvir a professora falar, mas não conseguia compreender, era adestrado sem saber o sentido e nem o significado do que era transmitido a ele.

“Após 16 anos de tentativas e experiências frustradas de oralização e remedição da surdez, sem consegui atingir os objetivos desejados, Itard rendeu ao fato de que o Surdo só pode ser educado através da Língua de Sinais. (MOURA, 2000, p. 27)

Nos Estados Unidos, Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) começou a se interessar pelo trabalho com surdos quando viu a filha do vizinho que era surda; não havia escola para ela. Gallaudet partiu à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Na Inglaterra, Gallaudet conheceu o trabalho realizado por Braidwood, na escola “Watson’s Asylum” (uma escola onde os métodos eram secretos, caros e ciumentamente guardados) que usava a língua oral na educação dos surdos, porém foi impedido e recusaram-lhe a expor a metodologia. Não tendo outra opção, Gallaudet partiu para a França, onde foi bem acolhido, e impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard. (SACKS, 1998, p.35). Gallaudet ficou um tempo na França estudando e conhecendo o trabalho de Sicard para iniciar uma escola para surdos nos EUA. Voltou à América trazendo o professor surdo Laurent Clerc (1785-1869), melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos-Mudos”, de Paris. Durante a travessia de 52 dias na viagem de volta aos Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais para Gallaudet que, por sua vez, lhe ensinou o

“Um objetivo: corrigir a anormalidade, evitar a manifestação da diferença, e concretada em duas manifestações: fazer com que o surdo falasse como o ouvinte e impedir que se expressasse por sinais.” (SÁNCHEZ, 1990, p. 60, tradução da autora)

inglês. Os estudiosos Clerc e Gallaudet fundaram a primeira escola para surdos dos Estados Unidos. Com o tempo, alunos surdos começaram a lhe ensinar a língua de sinais utilizada por eles, o que veio dar origem à Língua de Sinais Americana (ASL). Também era ensinada astronomia, inglês escrito, geografia, história, literatura, matemática e religião. Com o fortalecimento da ASL, a comunidade surda começou a se expandir por vários lugares nos Estados Unidos, fundando várias escolas. Em 1864, o filho de Thomas Gallaudet, Edward Miner Gallaudet (1837- 1917), funda a primeira universidade para surdos em Washington, hoje a reconhecida Gallaudet University, com vários professores surdos, mestres e doutores formados, que dão aula nessa universidade. Na Gallaudet University são formados vários professores surdos e profissionais de diversas áreas. Também tem professores ouvintes fluentes em ASL que sabem ensinar o conteúdo. As aulas são ministradas em ASL, todos respeitam, até o reitor e a diretoria falam em ASL.

Em 1846, Alexander Melville Bell, professor de surdos, o pai do célebre inventor de telefone Alexander Graham Bell (1847 – 1922), defendeu o oralismo. Bell nasceu na Escócia. Era o segundo filho de Alexander Melville Bell, que era professor de surdos, ensinando sempre a oralização. A mãe era surda oralizada. Bell queria também ensinar o mesmo e foi convidado a trabalhar em uma escola para surdos. Era a favor de trabalho de oralização, de leitura labial e de escrita na instrução de crianças surdas. Em 1872, abriu uma escola de treinamento para os professores de surdos, em Boston. (SACKS, 1998, p.40)

Seu filho, Alexander Graham Bell, era contra a maioria das escolas surdas que usavam métodos de língua de sinais e lutou contra este método silencioso. Alexander Graham Bell começou a fazer experiência para encontrar alguns métodos mecânicos de fazer a fala visível e desenvolveu o amplificador. Durante estas experiências, Alexander Graham Bell foi conduzido à invenção do telefone. Recebeu muitos prêmios pelo seu trabalho e, usando este dinheiro, fundou o departamento de educação de surdos, em 1887. Alexander Graham Bell acreditava que a educação das crianças surdas deveria ser oral. (SACKS, 1998, p. 40)

Entre os anos 1870 e 1890, Alexander Graham Bell publicou vários artigos criticando casamentos entre pessoas surdas, a cultura surda e as

escolas residenciais para surdos, alegando serem fatores de isolamento dos surdos da sociedade. Ele era contra a língua de sinais, argumentando que a mesma não propiciava o desenvolvimento intelectual dos surdos. (SACKS, 1998, p.42)

Em 1872, Alexander Graham Bell abriu sua própria escola para treinar os professores de surdos em Boston e publicou livreto com método “O pioneiro da fala visível”, dando continuação ao trabalho do pai.

No ano de 1873, Alexander Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para surdos na Universidade de Boston. Lá ele conheceu a surda Mabel Gardiner Hulbard, com quem se casou no ano 1877 e teve 3 filhos. (SACKS, 1998, p.42)

“Os protagonista dessa luta, Bell e Gallaudet – ambos filhos de mães surdas (mas cujas atitudes em relação à própria surdez eram completamente diferentes), cada qual arduamente devotado aos surdos a seu próprio modo.” (SACKS, 1998, p.151)

A partir da história podemos ver que Bell e Gallaudet sempre lutaram por sua “bandeira”.

Assim, percebe-se que a corrente oralista (que ensina surdo a falar) dizia que a Língua de Sinais é limitada e não tem estrutura certa. A corrente Gestualista (que ensina surdo a língua de sinais) mostrou a importância da língua de sinais, dizendo que era preciso gastar mais tempo com educação do que com treinamento oral.

2.6 O Congresso de Milão: “Era das Trevas”. O grande calvário dos surdos.

Foi realizado, nos dias seis a onze de setembro de 1880, na cidade de Milão, na Itália, o *II Congresso Internacional de Educação do Surdo*, com o objetivo de definir a educação do surdo e discutir se era melhor o oral ou o gestual. Este congresso foi preparado pelos oralistas para acabar com a língua de sinais. Estiveram presentes vários educadores, médicos e pouquíssimos surdos. Houve controvérsia, mas foi decidido, por meio de votação, que o método melhor para a educação de surdos era o oralismo, que deveria ser tornado obrigatório no mundo todo. A obrigação do oralismo durou por mais de

100 anos. Foram tempos tristes e de sofrimento para os surdos, que podem ser chamados aqui de “Era das Trevas no Mundo Surdo”¹⁰. A Língua de Sinais foi oficialmente proibida, como mostra Silva (2008, p. 20):

“O II Congresso Internacional aconteceu 1880, em Milão, e foi considerado um marco histórico para a corrente oralista. A organização do congresso era majoritariamente oralista, seguidora da corrente alemã. A eficácia da oralidade foi apontada pela apresentação de surdos que falavam bem, e o uso exclusivo e absoluto da metodologia oralista foi pregado em detrimento do uso de gestos e sinais, pois os mesmos desviavam o surdo a aprendizagem da língua oral.”

Segundo Sánchez (1990), o congresso foi realizado por defensores do oralismo, com objetivo de defender o oralismo

¹¹“El Congreso de Milán fue preparado por La militancia oralista con el propósito definido de dar fuerza de ley a sus posiciones respecto a la sordera y a la educación de los sordos.” (SÁNCHEZ, 1990, p. 67)

Fizeram no congresso uma votação que prescreveu o método oralista para o mundo todo:

¹² “[...] mayoría europeos y oyentes, votaron por aclamación la conveniencia absoluta de la metodología oralista y la proscripción de la lengua de señas. [...] se cerraron al grito de “viva la palabra!” (SÁNCHEZ, 1990, p. 67)

O objetivo do congresso foi afirmar o oralismo, e não discutir os métodos:

“O Congresso não discutiu diretamente métodos de ensino de linguagem. O interesse era reafirmar a necessidade de substituição da Língua de Sinais pela língua oral.” (MOURA, 2000, p.47)

Sacks (1998) afirma que a teoria de Alexander Graham Bell teve importante papel no congresso, isto é, que teve forte influência para que o

¹⁰ Expressão inventada pela autora para falar sobre a era, usando emprestado termo “era das trevas” utilizado para falar da Idade Média.

¹¹ “Congreso de Milão foi preparado pela militância oralista com o propósito definido de dar força de lei a suas posições a respeito da surdez e da educação de surdos.” (SÁNCHEZ, 1990, p. 67, tradução da autora)

¹² (...) maioria europeus e oralistas, votaram por aclamação a conveniência absoluta da metodología oralista e a prescrição da língua de sinais. (...) encerraram ao grito de ‘viva a palavra’.” (SÁNCHEZ, 1990, p. 67, tradução da autora)

oralismo fosse aceito. “Los sordos sufrirán las consecuencias indelebles de este largo periodo de oscurantismo.”¹³ (SÁNCHEZ, 1990, p. 68)

Somente Estados Unidos e Grã-Bretanha rejeitaram a proposta Oralista e continuaram com o Gestualismo (naquela época assim era chamada a Língua de Sinais), segundo a Ata do Congresso de Milão de 1880 (2011).

Para Skliar (1997, p. 50), as razões dessa posição estavam vinculadas a questões políticas, filosóficas e religiosas.

Silva (2006) acredita que o posicionamento do Congresso pode ser analisado pelo paradigma homem-máquina da ciência moderna.

“Desde o século XVII até o Congresso em Milão, a crença no paradigma homem-máquina, engendrada pela ciência moderna, vai excluindo os surdos do processo educativo e transformando-os em deficientes. Simultânea e contraditoriamente, o surdo que se expande e se organiza política e socialmente vai se tornando, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa para a medicina, uma vez que, no novo paradigma, a surdez é uma anomalia orgânica e, portanto, sujeita à cura.” (SILVA, 2006, p.31)

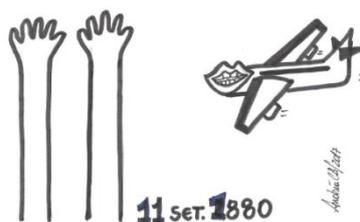
“Nesse processo de transferência de concepção – de trabalhador para deficiente -, o surdo perde o direito de vender a sua força de trabalho e passa a depender das habilidades e dos instrumentos do médico para curar aquilo que lhe falta: um dos sentidos mais importantes, na perspectiva dos ouvintes, a audição.” (SILVA, 2006, p.31)

Skliar (1997), Sánchez (1990) e Silva (2008) concordam que a partir do congresso de Milão o surdo passou a ser visto como alguém que tem uma patologia que precisa ser curada, medicalizada.

O dia 11 de setembro de 2001 ficou conhecido como o dia do atentado às torres gêmeas, no World Trade Center, em Nova Iorque, Estados Unidos. Os surdos, em 11 de setembro de 1880, sofreram, por coincidência, um atentado contra a Língua de Sinais.

Figura 1 - “Atentado contra a Língua de Sinais”

¹³ “Os surdos sofreram as consequências indeléveis deste período de obscurantismo.” (SÁNCHEZ, 1990, p. 68, tradução da autora).



Fonte: Arquivo Pessoal

Depois do congresso, as escolas que trabalhavam com surdos foram obrigadas a adotar o método oralista. Muitos professores surdos foram expulsos. “[...] *considerado como um marco da erradicação dos profissionais surdos das escolas.*” (COSTA, 2010, p. 24) “*O congresso de Milão fez desaparecer a figura do professor surdo que utilizava o canal espaço-visual para a educação dos surdos.*” (SILVA, 2008, p. 20)

Antes de surgir a corrente oralista e ser proibida a língua de sinais, os surdos se tornavam até acadêmicos, pois desenvolviam sua inteligência normalmente, tudo através da língua de sinais. Mas tudo isso acabou ao ser proibido o uso dos sinais. Nada era ensinado para a criança surda até os cinco anos de idade. O surdo tinha que aprender fazendo leitura labial, só que se ignorava que na leitura labial ele consegue captar pouca mensagem.

Foi também obrigatório o uso de amplificador (aparelho auditivo), tudo com o objetivo de ensinar o surdo a falar, sem dar-lhe opção de escolha. Por muito tempo, verificou-se que o oralismo não dava certo porque não ajudava o surdo a adquirir o conhecimento e a preparação para a vida na sociedade. Desta época ainda existem hoje os surdos que, depois de muito tempo, aprenderam a falar, mas já estão velhos e não aprenderam a ler e escrever, vivem uma vida dependente de outros.

Encontramos surdos acadêmicos, que na sua maioria são parcialmente surdos e surdos pré-linguísticos. A escola regular aceita facilmente surdos que já aprenderam a falar e ouvir. As escolas especiais ou institutos preparam o jovem surdo para o mercado de trabalho.

Segundo Sánchez (1990), os surdos de nascença e os profundos não conseguiam falar nem ouvir, por isso não podiam estudar. Na França, em 1979, o surdo deste tipo ganhava “certificado” dizendo que havia concluído os estudos sem ter aprendido nada. Cerca de 90% dos surdos eram então analfabetos e não podiam incorporar-se à escola regular, sofrendo pela

discriminação. Já o surdo pré-linguístico e “meio surdo” era “educado”. Viu-se, então, que era preciso usar a língua de sinais ou alfabeto manual para o surdo aprender. Este Certificado de Estudo equivalia à quinta série no Brasil. Os surdos ganhavam “certificado” para garantir sustento na vida, ou seja, conseguir emprego, mas trabalhavam com coisas simples para evitar mendicância, prostituição e delinquência. Os surdos profundos, educados na metodologia oralista, se tornaram analfabetos em aproximadamente 90% dos casos, segundo Sánchez (1990).

2.7 Idade da Luz no Mundo Surdo: Willian Stokoe (1960)

Na década de 1960, nos Estados Unidos, começou a ser trabalhada a língua de sinais, que tem sua estrutura semelhante à língua natural falada, pois cumpre as mesmas funções. Segundo Stokoe (2005), a língua de sinais tem gramática, sintaxe, pragmática e semântica, permitindo comunicação com precisão, igual todas as línguas.

De acordo com Quadros (2004), Willians Stokoe (1919 - 2000), que é um estudioso da linguística, e seu grupo de pesquisadores, descobriram e publicaram “Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf”, afirmando que ela é uma língua própria do surdo, que tem suas regras específicas e apresenta estruturas sistemáticas em todos os níveis linguísticos. Esta publicação foi uma semente de todas as pesquisas que floresceram nos Estados Unidos e na Europa. A pesquisa comparava que a língua de sinais é uma língua, o que salva comunidade surda no mundo!

“As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo e não como um problema do surdo [...]. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.” (QUADROS, 2004, p.30)

Os estudos de Stokoe causaram conflito com os oralistas, pois afirmaram que a Língua de Sinais é uma língua materna do surdo. O surdo com surdez leve ou moderada pode entender a língua oral, mas com a língua de sinais ele fala e se expressa melhor.

Segundo Sacks (1998), o oralismo foi entendido de modo errado e só contribuiu para a marginalização do surdo, que não pode participar da cultura dominante.

No Brasil, a preocupação com a educação dos surdos começou em 1855, quando Dom Pedro II trouxe o surdo francês E. Huet e inaugurou o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, que hoje é o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). (ROCHA, 1997; NASCIMENTO, 2009; CEZAR e ALMEIDA 2016). Foi no INES que surgiu a língua de sinais brasileira - Libras,

que pode ser um misto da língua utilizada pelos surdos brasileiros com a língua de sinais francesa. No ano de 1875, um ex aluno do INES, Faustino José da Gama, publicou o primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais, chamado “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”. (ROCHA, 1997; NASCIMENTO, 2009; CEZAR e ALMEIDA, 2016). Segundo Reis (1992), Dom Pedro II inaugurou a escola porque a Princesa Isabel tinha um filho surdo. O INES também foi afetado pelo oralismo do Congresso de Milão.

A grande modificação no ensino para os surdos no Brasil ocorreu em 1880, assim como nos demais países, após considerações e imposições realizadas no II Congresso Internacional em Milão. A organização do congresso foi realizada por uma maioria que defendia o oralismo como forma de ensino para os surdos. Por esse motivo, de forma internacional ficou decidido que o de surdos teria de ser pautado no oralismo. Adeptos no Brasil fizeram com que esse tipo de ensino também fosse predominante. (CEZAR e ALMEIDA, 2016, p. 183).

Segundo Bueno (1994), a educação de surdos no Brasil cresceu de modo lento. Apenas mais de setenta anos depois do INES foram criadas outras escolas de surdos no Brasil. Em 1929 foi fundado o Instituto Santa Terezinha, em São Paulo. Em 1954 foi fundada uma escola de surdos em Porto Alegre e em 1957 em Vitória. Na década de 50 a filosofia era o oralismo. A primeira especialização para educação de surdos no Brasil tinha visão oralista e ocorreu na década de 1950.

Segundo Cezar e Almeida (2016), o INES aderiu ao oralismo na época do oralismo e tentou implantar a Comunicação Total, em 1986. A partir da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu Libras como meio legal de comunicação e expressão, o INES aderiu ao Bilinguismo. De acordo com Svartholm (2014), a educação bilíngue para surdos tem origem na Suécia. No modelo bilíngue a língua de sinais é a primeira língua da criança, ensinada desde o nascimento. Svartholm (2014) explica que, como mais de 90% das crianças surdas nascem em famílias de ouvintes, é importante ir para a escola desde os primeiros anos de vida, aprender a língua de sinais e adquirir todos os conhecimentos por meio da língua de sinais. A língua de sinais é a língua de instrução e é a primeira língua. A língua oral é a segunda língua, ensinada na modalidade escrita ou por oralismo. No entanto, mesmo quando há oralismo, a língua de sinais é valorizada e é a primeira língua. Portanto, no modelo bilíngue a língua de sinais é a língua de instrução.

2.8 Valorização Língua de Sinais

De acordo Skliar (2005), Gallaudet¹⁴ afirmou que “*a língua de sinais era a língua materna de toda a humanidade*” e para L’ Epée, a língua de sinais facilita para que o surdo adquira o conhecimento e a aprendizagem da língua falada. No entanto, a língua de sinais não deve ser um meio para a aprendizagem da língua oral, pois ela é a língua natural e como tal deve ser respeitada.

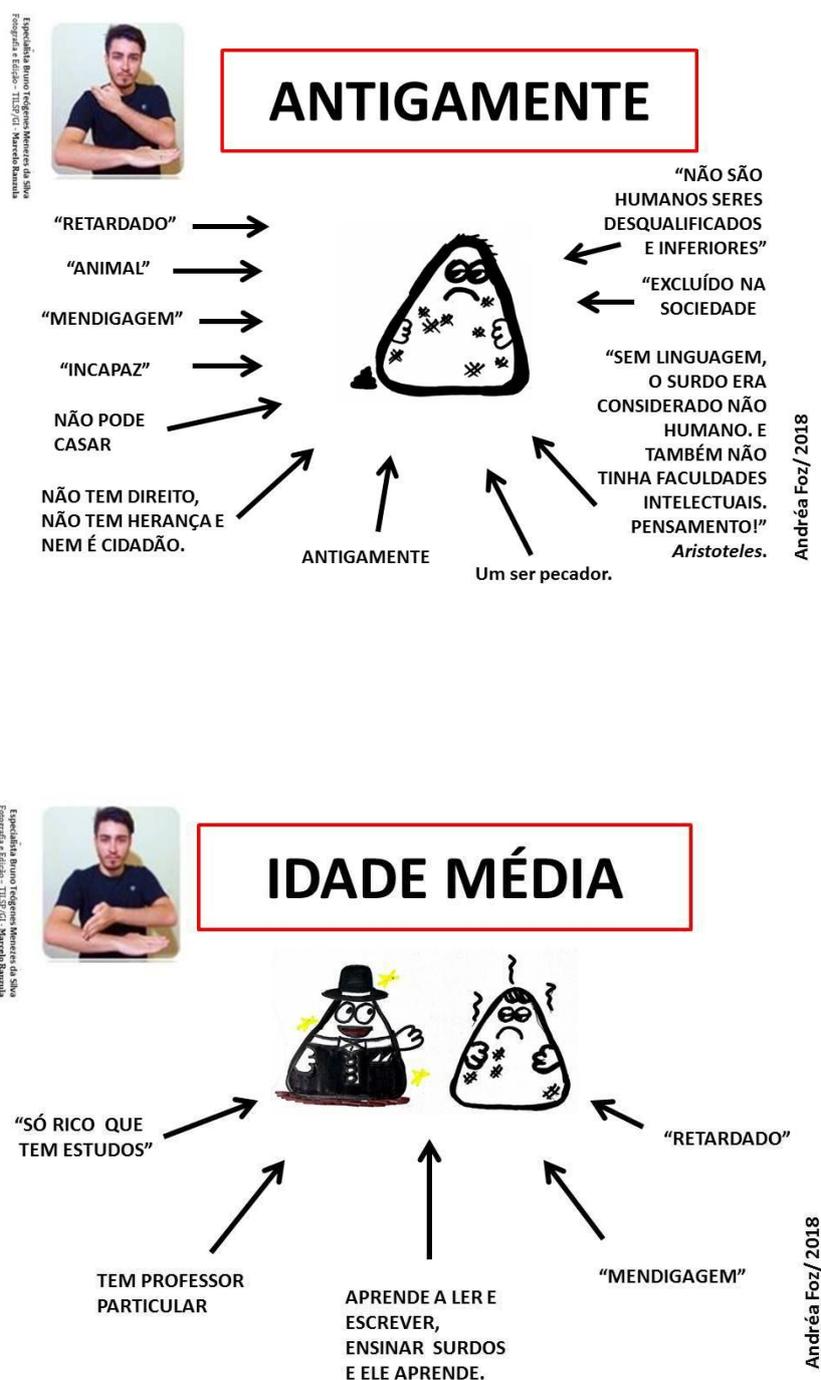
Sacks (1998) afirma que o cérebro dos surdos é mais adaptado à língua de sinais e que, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente. A língua de sinais permite que o surdo forme uma comunidade linguística e isso anula a deficiência. Os surdos que usam a língua de sinais podem ser vistos como uma comunidade linguística, e não como um desvio da normalidade.

Dessa forma, podemos dizer que assim começou a nova pesquisa linguística na área de Língua de Sinais. Surdos no Brasil ainda continuam lutando. Conseguiram aprovação da Lei de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e sua regulamentação com a Resolução 5626/2005 (Decreto de Libras), que deu novo horizonte para o mundo do surdo. Começa um novo capítulo na história da educação de surdos:

¹⁴ O reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), em 1814, nos Estados Unidos, observava as crianças brincando no seu jardim, quando percebeu que uma menina, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras. Por ser surda, era rejeitada pelas demais crianças. Com isso, despertou o amor e a preocupação com a criança surda. Naquela época não havia nenhuma escola de surdos nos Estados Unidos. Gallaudet e o pai da menina, Dr. Masson Fitch Gogswell, pensaram em criar uma escola para surdos. Visitaram, na França, o Instituto Nacional para Surdos Mudos de Paris, fundado por L’Epée. Aprenderam o método de língua de sinais ministrado pelo Abade Sicard. Voltando para os EUA, trouxeram o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do Instituto. Thomas H. Gallaudet, junto com Clerc, fundou, em Hartford, no dia 15 de abril, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. O sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas de surdos pelos Estados Unidos (*American School for the Deaf*). Quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes da língua de sinais americana (ASL) e muitos eram surdos também. Os surdos americanos já eram capazes de ler e escrever em inglês. Gallaudet morreu no ano de 1851, Seu filho, Edward Miner Gallaudet (1837-1917), fundou a primeira Universidade Nacional para Surdos, a “Universidade Gallaudet”, em Washington, Estados Unidos, em 1864. A universidade, que já era um sonho de Thomas H. Gallaudet, é a única instituição do mundo de estudos superiores para surdos e a sua língua oficial é ASL. Sacks (1998) considera que Gallaudet é o “Pai dos Surdos nos EUA”. (Sacks, 1998, p.35)

a valorização da Cultura Surda. Este capítulo termina com um esquema resumindo a história da educação de surdos no mundo. O próximo capítulo trata da história de vida da autora deste trabalho, escrita em 1ª pessoa.

Figura 2 - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM DESENHO

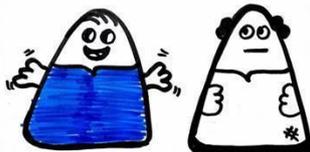


Especialista Bruno Tedesco, Mestrado da Silva
 Fotografia e Edição: TILSTIC | Marcelo Bannila



IDADE MODERNA

“Língua de Sinais (LS) É LÍNGUA DOS SURDOS”



“Língua Oral é uma Língua”

VISÃO ANTROPOLÓGICO

VISÃO PATOLÓGICO E DEFICIENTE.

UM SER CAPAZ DE TRABALHAR, ESTUDAR, NAMORAR, CASAR, ... TER VIDA NORMAL.

UM SER INCAPAZ, PRECISA NORMALIZAR E ESTERILIZADO (Moura, p23).

ORALISMO X GESTUALISMO

Andréa Foz/ 2018

Especialista Bruno Tedesco, Mestrado da Silva
 Fotografia e Edição: TILSTIC | Marcelo Bannila



IDADE MODERNA

ESCOLA ESPECIAL DE/PARA SURDO



A escola especial como uma “clínica”

PROFESSOR SURDO E OUVINTE FLUENTE EM LS.

Só pode professor ouvinte.

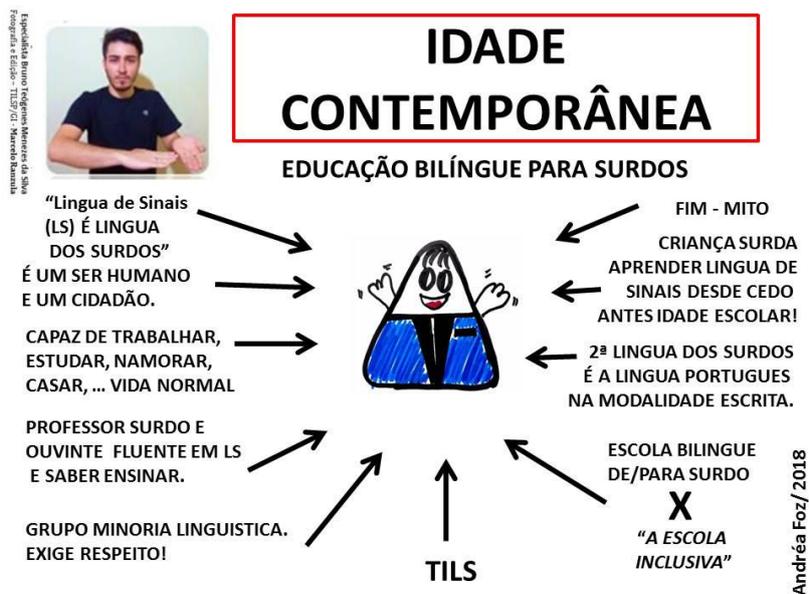
TECNOLOGIA: VISUAL

Pedagogia Corretiva Skliar.

COMUNICAÇÃO TOTAL

Tecnologia: Implante Coclear, Aparelho Auditivo, ...

Andréa Foz/ 2018



Fonte: Sistematização da Autora

O próximo capítulo apresenta a história da minha vida.

3 PRIMEIROS ANOS DE VIDA E EDUCAÇÃO BÁSICA

Quem é que não ouça?
É um surdo!
Quem é que não fala?
É um mudo!

Mas, aqui há surdos
todos falam
e não são mudos.
Todos que não ouçam, são surdos.

São inteligentes pelos seus sentimentos,
Sabe se estar feliz ou triste,
Também se tem saúde ou não.
Não importa, sabe tudo na vida.

Tua linguagem é através das mãos,
como seu gesto,
não é como se fosse para
espantar ou gritar.

Também não é louco
e nem é bobo.
Isto é as linguagens deles
que faz parte da cultura
e merece ser respeitado.

Ele é como todos os cidadãos comuns.
E devem ser educados e sem sofrer preconceito.

Na revista ou no livro
eles olham, mas não ler.
Tem terror de português.
Porque não sei. Detesta.
Afinal, tudo tem a vida
dos surdos e devem ser amados.

Andréa Carolina B. Mazacotte (2000)

Eu era surda oralizada quando escrevi este poema, estava em uma época na qual comecei a ter contato com os surdos. Para entender o processo histórico na minha vida, vou contar como aconteceu.

Meu pai é paraguaio e minha mãe é brasileira e se casaram no Paraguai. No ano de 1978 imigraram para Brasil fixando-se em São Paulo legalmente. É normal que todos os pais sonhem ter filho saudável. Nasci no dia 25 de abril de 1979, no hospital público, de manhã, em São Paulo, na capital. O

tempo estava muito frio, nasci normal, pesando 3,450 kg e 45 cm de altura, com saúde. Minha família se alegra, um novo dia e uma nova jornada de vida.

Em pouco tempo, a minha mãe ficou doente, teve que internar no hospital, veio a minha “tia-prima” do Paraguai em SP, para cuidar-me. Nada desconfiava da minha surdez.

Na época só meu pai que trabalhava para sustentar a família em SP, devido situação financeira. Mudamos para Foz do Iguaçu, no Paraná (PR) no ano de 1980. Foz do Iguaçu situa se na fronteira com Argentina, em Puerto Iguazu, e com Paraguai, em Ciudad del Este. Em 1982, nasceu meu irmão do meio, Luiz, com boa saúde. Eu já tinha dois anos de idade, com saúde, e não pronunciava palavras. Minha tia, de São Paulo, veio nos visitar de férias em Foz do Iguaçu e estranhou meu comportamento. Resolveu me levar ao médico para ver o que estava errado. Descobriu que sou surda, mas é comum médico falar deficiência auditiva (D.A.). Levaram um choque porque é normal de toda família que sonha ter um filho saudável. O médico disse ser bom fazer terapia da fala e auditiva, usar amplificador de som. Mas em Foz não tinha especialista e nem escola para tratar aluno com deficiência. A Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu (APASFI) estava começando fundação e não era muito conhecida. Minha tia resolveu me ajudar para fazer tratamento em São Paulo. Então eu, com dois anos e meio, fui com meu pai. Fomos na Capital de São Paulo, meu pai e minha tia me levaram ao médico, que fez vários testes e confirmou que sou surda severa. Ganhei aparelho auditivo para ouvir.

Figura 3 - FOTO DE MINHA INFÂNCIA



Fonte: arquivo pessoal

Minha família mudou-se novamente para São Paulo. Ficamos em um bairro pequeno. Tinha escola para surdo, mas o tempo era de oralismo¹⁵. Minha mãe levou-me para conhecer e ver os processos de tratamento. Como a fonoaudióloga percebeu que tenho capacidade diferente dos outros surdos,

¹⁵ Naquele tempo buscava-se ensinar os surdos a falar.

achou melhor fazer fono e psicopedagogia em particular, e já levar na escola para aprender ler e escrever. Minha mãe procurou os profissionais, no entanto, tudo ficava longe e era muito difícil/laborioso.

A minha primeira fonoaudióloga trabalhava com treinamento auditivo. Como eu era pequena, usava aparelho auditivo dos dois lados. A fono orientava as tarefas para fazer em casa e continuar o treinamento auditivo: distinguir barulho de latido, campainha, barulho de carro, barulho de avião, minha mãe batia as panelas para eu escutar e descobrir o que é. Muito treinamento auditivo ou estímulo auditivo para eu poder perceber cada barulho. A fono orientou minha mãe a fazer um curso por correspondência de Clínica John Tracy¹⁶, de Califórnia (EUA-1982), para os pais de crianças surdas de Idade Pré-Escolar. O curso era ensinado em espanhol. Ela anotava no diário as fases da minha vida e a fono acompanhava e ia dando dicas.

Eu tinha 3 anos e meu irmão Luiz era um bebê. Durante o curso do meu desenvolvimento, minha mãe sempre me estimulava na parte auditiva e na fala. Escutava ruídos e sempre apontava onde vinha o som, mas falava pouco, apenas balbuciava. Via os animais, por exemplo: cachorro eu imitava au-au-au, carro – brrrr, gato miaaaau! Minha mãe sempre falava e tentava copiar a fala, mas aos poucos, com uma palavra por vez. Sempre olhava para Luiz, ele fazia barulho do brinquedo ou chorava, eu falava “ui” e apontava para ele. Teve um dia que machuquei a orelha, não usei aparelhos auditivos e fiquei mais quieta. Quando voltei a usar, continuamos a repetição de sons.

Em setembro de 1982 comecei a estudar no colégio particular no Bairro Santa Cecília em São Paulo. Ganhei bolsa de estudo e comecei a estudar no Maternal II. Minha mãe sempre me levava junto com meu irmão do meio, pois não podia deixar ele sozinho em casa. Então, ela me levava na fonoaudióloga duas vezes por semana, psicopedagoga três vezes por semana e todos os dias na escola, no período da tarde. Minha família não era rica, pois meu pai trabalhava como gerente em um restaurante, trabalhava muito e só tinha um dia de folga. Minha mãe fazia negócio com a fonoaudióloga e com a psicopedagoga. Elas tinham filhas, as consultas geralmente eram na casa delas, elas precisavam de algumas empregadas para arrumar algumas roupas.

¹⁶ Sobre o link ver site <<http://www.jtc.org/>> Acesso em 20/08/2018

Como minha mãe é costureira, conversou com elas e fiz “o tratamento”. A psicopedagoga dava reforço em troca dos serviços da minha mãe. Quando meu pai estava de folga de trabalho, iamos a passeio, ou fazíamos compras por ali. Eu ainda não falava direito, só balbuciava. Quando minha mãe me levava ao médico, no fono e na psicopedagoga, eu sempre gostava de ir, “era feliz”.

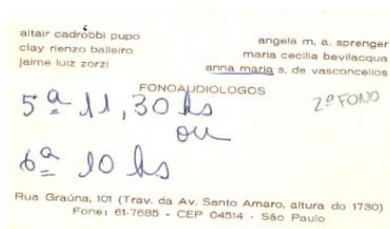
Minha mãe tinha um diário onde anotava sobre meu desenvolvimento. Parte da minha história eu sei porque li no diário de minha mãe. Minha mãe autorizou que eu consultasse seu diário para escrever esta dissertação. (ANEXO 1).

Li no diário de minha mãe que no ano de 1983 já comecei a falar alguns vocabulários: UI ACODO, TA AÍ. Também aprendi a falar certo: PAPAI, MAMÃE. Comecei soltar vários vocabulários: PANTERA, HULK, HE-MAN, SHE-MAN, COCA, vendo televisão (TV) e memorizando as palavras e nomes.

Ganhei dois jabutis, mas pensei que eram tartarugas. Como via TV sobre tartaruga no mar, nadando, vendo peixes, comendo peixe pequeno, olhei jabuti andando na varanda no meu apartamento e resolvi levar ele na banheira. Quando minha mãe viu, tirou rápido, tentou salvar ele, mas morreu afogado. Fiquei confusa, pois vi na TV ele nadando: “mas que estranho! Por que morreu?”

Por volta de novembro de 1983 minha mãe precisou mudar fono por motivo financeiro e distância. Resolveu mudar para fono perto da minha casa.

Figura 4 – AS PRIMEIRAS FONOAUDIÓLOGAS



Fonte: Arquivo pessoal

Minha mãe terminou curso por correspondência da Clínica de Jonh Tracy e ganhou certificado. Minha mãe quis aprender mais para continuar desenvolvendo o processo, mas ficou acompanhando a outra fonoaudióloga.

Figura 5 - CURSO POR CORRESPONDÊNCIA PARA OS PAIS DE CRIANÇAS SURDAS.



Fonte: arquivo pessoal

A Clínica de John Tracy continua até hoje, já tem 60 anos de experiência na linguagem falada, isto é, oralismo, pois tem ainda treinamento auditivo e da fala. A sua missão é ajudar a família que tem filhos pequenos que são surdos e incentivar a ouvir e falar normalmente.

Passou o tempo, continuei indo na fono e na psicopedagoga. Primeiro consegui falar TIA. Depois consegui falar nome de cada “TIA”: Tia Cecília, Tia Renata, Tia Escola. Já estava aprendendo escrever, ler, mas ouvir tinha problema. Então otologista fez exame e analisou seguinte: meu ouvido esquerdo não ouve bem e sim direito. Em 1985, nasceu meu irmão caçula, Roberto, saudável, e minha mãe ficou internada no hospital por infecção hospitalar. Então, minha tia do Paraguai veio a São Paulo para cuidar de mim e dos meus irmãos.

Durante pré-escolar, me lembrava de que teve um dia de apresentação de teatro de fantoche. Eu e meus colegas fomos assistir. Durante a apresentação, levei susto do barulho, não entendi o que eles falavam, ficava brava, dor de ouvido, fui lá pegar palco de fantoche tentando derrubar ou quebrar. A professora me viu, me pegou, tentava me acalmar, eu ficava brava e chorava, fiquei com dor de ouvido e cabeça, me consolava e dormia no colo da professora. Professores precisam ter cuidado para não assustar os alunos surdos com barulhos ou coisas que eles não entendam.

Eu fazia balé, imitava os colegas e a professora. Fui pegando cada passo. No final de ano sempre tinha apresentação. Como era personagem principal, tive dificuldade de acompanhar a música, mas a professora me ajudou, fez gesto para começar, fez gesto para cada passo, olhei para ela, fiz o que tinha aprendido e deu certo! Meus irmãos faziam judô.

No ano de 1985, no pré-escolar, aprendi a escrever, mas confundia as letras V, P, B. Passei na primeira série com dificuldade, por causa da deficiência auditiva.

No ano de 1986 fui para a 1ª série do 1º grau (hoje é 1º ano de ensino fundamental). Estudava em uma escola particular. Ganhei uma bolsa de estudos e meu irmão do meio estudava na escola municipal.

Com o tempo, minha mãe ganhou bolsa para Roberto estudar na minha escola e meu pai só pagava para Luiz. Então, eu e meus irmãos estudamos na mesma escola, que é particular, tinha bons professores e poucos alunos.

Na capital de São Paulo, como a cidade é considerada a mais movimentada, com superpopulação, muito trânsito e poluição, eu e meus irmãos sofriamos de problemas de saúde: eu e Roberto com asma e Luiz com problema de estômago. Mais uma dificuldade para minha mãe, levar ao médico. O tratamento era fazer exercício físico e natação para melhorar respiração e comprar alimento certo para Luiz evitar alergia. Admiro minha mãe por ser guerreira, lutar para o bem dos filhos, tudo com sacrifícios. Meu pai trabalhava para sustentar a família. Quando tinha folga, brincava conosco e levava para passeio.

Durante a semana eu e meus irmãos sempre íamos com minha mãe ao tratamento: fonoaudióloga, psicopedagoga e caminhada pela manhã. De tarde íamos na escola. Foi este processo que foi me desenvolvendo, por exemplo: fono ensinou a falar COPO e ouvir COPO. Escola me ensinou escrever COPO e psicopedagoga mostrou o que é COPO. Sentia-me em curso mecânico, curso de papagaio, pois não sabia o que significava isso, e via que meus irmãos não faziam isso e só brincavam, e eu só “tratamento”, o que havia de errado comigo?

O médico especialista otologista fez vários exames, disse que eu era surda profunda (Anacusia). Não tem como ouvir bem. Achou bom continuar usando aparelho auditivo. Então, meu tio comprou novo aparelho do ouvido, auricular, e não de caixa. E precisava continuar estimulando auditivo. Isso me incomodou, junto com óculos. Tentei ouvir e entender, mas só sentia barulho, estava cansada do curso de papagaio, cansada de ser robô e cansada de ser usada como cobaia.

Eu reclamava do barulho. O aparelho auditivo às vezes apitava, me irritava. Depois, fui acostumando com novo aparelho. Passei para segunda série do 1º grau com dificuldade auditiva e aprendi a ler e escrever igual às crianças normais.

Na escola particular e no ensino fundamental, primeira a quinta séries, estudava em uma sala de aula junto com alunos ouvintes. Eram poucos alunos e isso facilitava atenção dos professores e atendimento entre professor e aluno. Mas foi difícil entender o conteúdo. Professores falavam muito, explicavam detalhado. Não tenho seis olhos para ficar olhando quadro negro, lendo livro didático, lendo lábios do professor. Muito sacrifício tentando entender o que estavam falando. Sempre sentava na frente para poder ler lábios e usava aparelho auditivo. Só ouvia barulho e não entendia o significado e o contexto de que professor estava falando.

Lembro que na sala de aula os alunos faziam bagunça feio na aula, professor tentando dominar aula para ficar em silêncio e estudar, eu ficava na frente, quieta. Um dia, professor ficou nervoso, falou para alunos pararem de fazer a bagunça e disse olhando para mim: vejam como ela está quietinha! Quero que vocês sejam iguais! Como não ouvi bem, posso imaginar que um aluno respondeu que não queria ser igual surda, ou, ela é surda. Professor me olhou espantado, e me disse: você não ouve? Eu fiquei quieta, parada, sem jeito. Parece que acabou com professor, não sabia da situação. Conversou com pedagoga e coordenadora, que não foi avisado que havia uma aluna surda. O que fazer?

O professor ficou preocupado como eu podia aprender a matéria. Com todo esforço, minha mãe me ajudava na tarefa de casa à noite. Aprendia com psicopedagoga, olhava visual na aula que professor ensinava. Dava para ver professor todo preocupado e fazendo o que podia. Passei em todas as disciplinas, mas sempre ficava de recuperação em Português e Inglês, chato Português!

Fins-de-semana nós nos divertíamos na rua, andávamos de bicicleta, íamos ao parque, no Shopping, passeio de metrô, íamos a museus, memorial, banca de revista, praças, zoológico e vários lugares. Passeávamos com minha família, minha mãe mostrava as coisas e ensinava. Por exemplo, no Parque de Água Branca havia mini zoológico, eu via macaco, lia cartaz sobre ele, minha

mãe falava MA-CA-CO e eu repetia MA-CA-CO. Assim, treinava visual, fala e auditivo, enquanto brincava junto com meus irmãos.

Um dia meus irmãos foram consultar no fono junto comigo, fiquei feliz da vida. Mas depois só eu que ia. Não entendia o porquê. Meus irmãos foram levados à fono porque falavam errado. Fono orientou minha mãe a levar os irmãos na escola o mais rápido possível, pois em casa falávamos portunhol (português e espanhol). Fono disse que eles falavam errado por minha causa e porque meus pais eram estrangeiros. Logo eles aprenderiam a falar certo. Eu continuei indo à fono.

Na escola meus colegas sempre me provocavam, mas eu não entendia o que era. Minha amiga ficava brava e sempre brigava com eles. Eu não sabia o porquê da briga. Sempre ficava sozinha no recreio, difícil ficar junto com amigos.

Morava no prédio. Meus vizinhos sempre brincavam comigo e às vezes brigavam. Minha mãe sempre ligava no interfone para saber qual apartamento que nós estávamos. Também íamos à casa dos amigos e ficávamos o dia todo brincando.

Em casa, via meus irmãos não irem à fono e nem à psicopedagoga, só eu! Meus irmãos não tinham muita tarefa, ler livros, só eu. Eles brincavam e eu não podia brincar também! Ganhávamos presente de natal nos dias das crianças e páscoa, principalmente jogos e lego. Brincávamos com jogos e inventávamos cidades com as peças de lego. Nós tínhamos criatividade, brincávamos de escolinha, usávamos como alunos nossos bonecos de pelúcia. Andávamos de bicicleta no Minhocão (Elevado Presidente João Goulart em São Paulo, conhecido como Minhocão), no Parque de Água Branca e na calçada do bairro.

O tempo foi passando. Eu e meus irmãos começamos a estudar na escola particular no ensino fundamental. Tínhamos livros, material escolar, tarefas para fazer e aos finais de semana sempre íamos ao parque e ao restaurante do meu pai. No restaurante do meu pai também trabalhava minha tia. Ela falava para minha mãe comprar gibis na banca de revista que ficava perto do restaurante. Sempre íamos domingo comprar gibi e ficávamos lendo. Eu e meus irmãos líamos e trocávamos os gibis. Gostávamos de ler os gibis. Até hoje gosto de ler histórias em quadrinhos. Assim, foi estimulada a leitura.

Depois da leitura, almoçávamos junto com a tia no restaurante, sempre no domingo. Aprendia etiqueta, aprendia a falar com garçom e fazer o pedido.

Um dia minha mãe me pediu para comprar seis pães no minimercado. Eu sabia ir sozinha, pois conhecia o caminho. Quando cheguei, falei para a vendedora “seis pão”. Ela me deu três pães. Voltei para casa, falei para minha mãe que estava errado e que eu não conseguia falar seis! Minha mãe tentou me acalmar e me disse: “melhor você falar meia dúzia”. “Que isso?” Perguntei. “Meia dúzia é igual a seis”. Aprendi. Fui lá de novo e falei “Meia dúzia pão”! Deu certo! Nunca mais falei número 6, e sim meia dúzia ou gesto seis.

Um dia, na rua, vimos um orelhão, os meus irmãos queriam ligar para alguém. Então minha mãe ligou para meu pai. Pediu para cada um falar com papai. Assim, conhecemos telefone. Quando chegou minha vez, senti cócegas no ouvido. Tentei falar com papai, não conseguia entender o que ele falava, sei que sentia vibração, mas não sabia o que ele estava falando.

Um dia no domingo, em casa, estávamos junto com meus pais e meus irmãos. Estávamos assistindo jogo de futebol no rádio ou TV. De repente gritaram “GOOOOOOOOOOOOOOOL!”. Falei “Palmeiras?!” Meu pai falou que não, o “Corinthians”. Depois veio outro “GOOOOOOOOOOOOOOOL!”. Falei “Corinthians?” “Não, Palmeiras!” Nem adiantou ouvir com aparelho auditivo.

A psicopedagoga sempre foi esforçada, dedicada, bacana. Sempre me mostrava imagens, livros visuais, falando, por exemplo, para que serve casaco, que comer fruta faz bem, conversando e mostrando. Eu ia observando e falando, repetindo. Ela mostrava objeto real e também me levou para conhecer uma fazenda. Pediu para minha mãe me levar um dia na praia e na cachoeira. Nas férias fomos a Foz e conheci Cataratas do Iguaçu. Fomos à praia, conheci o mar.

Por exemplo: Bala.

Figura 6 - DESENHO DOS DOIS SENTIDOS DA PALAVRA “BALA”



Fonte: Arquivo pessoal

Eu conhecia bala que nós comemos ou chupamos. Tem vários tipos de balas que são gostosas. A psicopedagoga pegou outra “bala” e me mostrou que esta também era bala, mas para arma. Eu disse “igual filme de ação, tiroteios, policia e bandido usam”. Ela disse: “isso mesmo”. Aprendi um vocábulo com dois significados.

Lembro-me que o professor falou as palavras: PERIGOSO, QUENTE, FRIO, na aula de ciência. O livro tinha pouca imagem. Em casa, vi ferro de passar roupa e lembrei das palavras QUENTE e PERIGOSO. Nem sabia o que era. Fui pegar. Coloquei minha mão no ferro, abri meus olhos, não gritei. Depois meu irmão me viu e me copiou, ele gritooooooooou! Minha mãe foi ver o que era, mandou todo mundo colocar mão no balde de água fria. Entendi o que era QUENTE. Mas continuava não entendendo o que era PERIGOSO.

Minha tia tinha chácara, minha família e ela foram passear lá. Conheci uma chácara que tem plantação, matos, cachorro, galinha, porcos, lagarto, sapo, pato, pintinhos, frutas e árvores. Tinha rede de dormir, gostoso, tinha campo de basquete onde brincávamos, tinha porão, fomos desvendar mistério, tinha vários objetos antigos. Minha tia e minha mãe explicaram sobre isso e eu não entendia o que era. Meu irmão tentou ligar telefone, mas nada funcionava. Via na escola, em casa e na TV o fio de telefone que ficava na tomada. Então, como fio tava quebrado, arrumei e coloquei na tomada e de repente choque e barulho! POW! Minha prima e minha tia foram ver o que era o barulho e me disseram que não podia “é perigoso!”. Guardaram o telefone. Continuei não entendendo que era PERIGOSO, mas doeu meu dedo.

Já no ensino fundamental dois, no ano de 1990, na 5ª série do 1º grau, comecei a ter aula particular com a professora, que me ensinou a ler e a interpretar textos, fazer redação também resumo, e responder as tarefas, em três vezes por semana. Ensinou-me como fazer os trabalhos escolares e as tarefas. Aprendi praticando.

Sempre havia um evento no fim de ano, no tempo em que estudei no período de ensino fundamental (1º grau). Eu e meus irmãos apresentamos feira de ciência, dança, show, coreografia, festa de circo, festa de fantasia. Lembro-me da minha mãe no apartamento, que ela fazia muitas fantasias, para cada turma, para festa de encerramento do ano letivo, pois ela era a costureira da escola. Quando apresentava feira de ciência, sempre era um trabalho em

grupo. Um dia, fizemos jogo de matemática. As pessoas que vinham assistir tinham que resolver problemas de um jogo. Minha amiga precisou sair e me deixou sozinha para apresentar. Quando veio uma pessoa eu falei e apontei, não sei se a pessoa me entendeu e se conseguiu responder ao jogo. Eu estava acostumada com a minha amiga falar e eu só ficar de apoio.

Na aula de ciências, professor começou a explicar sobre cobra venenosa, falou muito sobre perigoso, venenoso, peçonhentas, cuidado. Apreendi a ler estas palavras, aprendi a falar e não sabia o que significava! Estudando e vendo livros e vídeos na TV Animal (SBT), como não tinha legenda, só via contexto e imagem. Meu irmão às vezes me ajudava falando. Imagina você assistindo TV em dublado, inglês ou francês ou árabe, sem legenda, como você conseguiria entender o contexto do programa? Dá para entender? Por isso é fundamental ter legenda, acessibilidade de comunicação. Para que possa entender o programa, a acessibilidade da comunicação é prevista pela Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que Estabelece Normas Gerais e Critérios Básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

Um dia teve passeio no Instituto Butantan, em São Paulo, famoso museu de animais peçonhentos. No ônibus a professora explicou sobre o museu, deu dicas, falou dos cuidados e das regras de comportamento. Mas eu não entendia nada, só olhava na janela. Chegamos ao local, formamos fila, chegou um biólogo do instituto Butantan, fomos acompanhando-o. Tinha uma grande piscina de cobras grandes e de outras espécies (Serpentário no Instituto Butantan). O biólogo disse que não podia aproximar, e sim olhar de longe. Eu, surda, fui à frente, cheguei perto da piscina, vi língua de cobra perto minha cara, fiquei observando. Biólogo me pegou e me levou na fila.

Figura 7 - FOTOS DA VISITA AO INSTITUTO BUTANTAN, EM SÃO PAULO



Fonte: Disponível em: <http://www.institutobutanta.com.br/serpentario-do-instituto-butantan/> Acesso em 08/04/2018

Entramos no museu, tinha uma sala grande. No chão tinha uma linha amarela que não podia ultrapassar. Ficamos na fila, perto da linha amarela, em pé. Biólogo entrou no quadro de linha amarela, com caixa de isopor, abriu, pegou cascavel e jogou no chão. Começou explicar sobre cobra, professora me disse “você está ouvindo barulho?” Eu olhei para cobra, vi rabo mexendo e olhei para professora que falou para mim: “ouveu?” Fiquei sem jeito, tentando ouvir. Percebi que quando mexia o rabo significava que tinha barulho. O biólogo continuou falando, cobra andando na minha direção, língua mexendo, meus colegas e professora se afastaram, eu na frente, me ajoelhei e observei. Professora desesperada avisou biólogo que eu não ouvia. O biólogo observou com calma, pegou pedaço de madeira (pau) com forma Y na ponta e segurou cabeça da cobra, levei um susto! Fiquei brava com ele, ele pegou, abriu boca da cobra, mostrou dente, explicou para todos, eu observando. Toquei dente dele. Biólogo pegou copo, colocou dentes dela, foi pingando, como tempo estava calor, pedi se podia beber água neste copo. Biólogo fez gesto com cabeça, não! Acho que ele ficou pensando como eu podia entender. Guardou a cobra na caixa de isopor, me pegou, chamou todos os alunos e a professora para acompanhar. No corredor tinham uns quadros enormes, de fotos, das ações que acontecem com a picada de cobra. Observei os detalhes de cada quadro: cobra morde menino, ambulância, hospital, velório. Abri meus olhos! Apontei quadro e disse “a cobra mata!” Ele fez gesto de cabeça “sim!”. Então, entendi, aprendi! Ele ficou feliz, me mostrou que tem mais outros animais peçonhentos. Observei os quadros, os aquários, aprendi nome de cada um, aprendi a palavra PERIGOSA e VENENO, que pode matar. Comecei a gostar, aprender mais sobre natureza.

Figura 8 - DESENHO QUE FIZ NA INFÂNCIA SOBRE PASSEIO AO INSTITUTO BUTANTAN, EM SÃO PAULO



Fonte: Arquivo Pessoal.

Neste caso foi uma compreensão da palavra. Comecei a me interessar mais sobre natureza, estudos, significados. Entendimentos foram ampliando aos poucos. Igual Hellen Keller (surdocega) a primeira compreensão dela do significado da palavra foi bomba d'água, e no filme "Seu nome é Jonas", foi morte de tartaruga que fez o menino entender o que é morte. Então, os professores precisam ser "mágicos" e criativos até encontrarem como fazer cada aluno entender.

Fui ao zoológico e no parque que tinha mini zoológico com minha família. Minha mãe mostrou cada animal, fui lendo cartaz, aprendi a falar e ler, conversei com família sobre cada animal, aprendemos juntos. Também eu e meus irmãos começamos a fazer Escoteiros no Parque de Água Branca, foi legal aventura com natureza, fui aprendendo por meio visual como cuidar natureza. Comecei a estudar muito sobre ciência, geografia e história para entender o assunto, fui melhorando o desempenho.

Até que um dia a professora perguntou para cada um: o que você queria ser? Uma profissão? Eu pensei ser médica ou veterinária ou algo que cuida a natureza. Ela me olhou e me disse: "você não tem capacidade, você precisa estudar muito para passar nisso."

Na escola tinha várias disciplinas: matemática, história, geografia, ciências, programa de saúde, educação física e artes. Também tinha disciplina de Português, mas foi dividido: gramática (aprendi regra), literatura e interpretação de texto, redação (treinando) e atualidade (me ensinou a ser crítica).

Em casa, de manhã, vi meu pai lendo jornal "Folha de São Paulo". Peguei uma parte, não conseguia segurar, pois é grande, e meu pai deu "Folha Teen", jornal de São Paulo para criança. Comecei a ler e me diverti. Hoje leio notícia na internet ou jornal se estiver disponível a meu alcance.

Um dia vi minha mãe conversando com meus irmãos e me chamou, explicou a situação que estávamos passando, por questão financeira, crise na época do Presidente Collor. Precisamos mudar para Foz do Iguaçu. Neste momento, alguns dos meus amigos, e alguns dos meus vizinhos, também se mudaram. Fizemos votação e ganhou Foz do Iguaçu. Rumo uma nova jornada de vida. Foi no ano de 1992.

Antes de mudar para Foz do Iguaçu, minha mãe conversou com médico, fono e psicopedagoga o que fazer para continuar meu tratamento em Foz. Orientaram muita coisa, conversaram comigo, pois na verdade eu não queria mudar. Minha mãe explicou-me que precisava aceitar nova mudança e enfrentar.

Tinha 13 anos de idade, meus irmãos tinham 9 e 7 anos de idade quando mudamos para Foz. Cidade pequena, pouca novidade como São Paulo. Não tinha Mc Donald's e nem Shopping Center. Só tinha Cataratas do Iguaçu e Itaipu. Gostava de passear muito, mas Foz tem pouco passeio. E meus pais trabalhavam numa pastelaria e às vezes minha mãe fazia costura. Como clima é diferente de São Paulo, eu e meu irmão caçula melhoramos de asma, continuou alergia respiratória, e o meu irmão do meio continuou com o problema de estômago, necessitando ainda cuidado com alimentação.

Começamos a estudar numa escola particular, pois não tinha vaga na escola municipal (para meus irmãos) e estadual (eu). Foi difícil para o professor lidar comigo. Minha mãe explicou para coordenação como fazia. Lembro-me na aula de matemática, um professor forte e bonito, sempre se preocupou, então ele escreveu na lousa, apontou, fez desenho de seta, alguns gestos. Assim fui assimilando pelos olhos e entendendo como aplicar atividade de matemática. Quando peguei boletim, tinha medo de ficar em recuperação, mas fui aprovada direto!

Ganhamos um gato. Eu e meus irmãos brincávamos muito. O gato sabia que eu era surda. Todos os dias eu e meus irmãos ficávamos no mesmo quarto, minha mãe abria porta para acordar-nos, ela sempre gritava, e eu, como surda, meu gato sempre pulava na minha cama para me acordar. Doía minha barriga, mas era legal. Acordávamos cedo para ir à escola. Meu irmão do meio sempre dava banho no gato. Era muito engraçado, pois ele não gostava de banho, vi meu irmão arranhado e ele levou no terraço para gato tomar sol, foi divertido!

Já na sétima série fui para escola estadual (Colégio Est. Bartolomeu Mitre). No princípio a diretora da escola estadual pediu para minha mãe que eu estudasse na APASFI. Na APASFI ainda era tempo de oralismo, com a visão clínica, e era centro de reabilitação. A APASFI me avaliou. Como meu desenvolvimento era melhor, não tinha motivo para ficar na APASFI, só ir à

escola regular com acompanhamento de fono e professora particular. Nem precisei professora particular, e sim fono. APASFI, naquela época, ainda era oralismo e não tinha escolaridade, só preocupava com a fala e o auditivo.

Um dia tinha aula vaga na escola, fui visitar APASFI escondida da minha mãe, era perto da escola. Lá conheci os surdos da minha idade, mas mal sabiam falar e ouvir, mal sabiam ler e escrever, parecia que estavam na primeira série. Observei-os, fiquei com vergonha, não queria ser igual a eles. Por toda minha vida me esforcei para ser melhor e ser igual aos ouvintes. A escola que estudava ficava perto da escola APASFI. Eu via os surdos que ficavam na esquina conversando. Eu observava e às vezes conversava escondida com eles na hora de entrada ou saída da escola. Na verdade, eu nem sabia que era surda, sempre falavam que eu tinha “problema no ouvido”. Sempre convivi com pessoas ouvintes e me sentia pessoa “ouvinte”.

Já na oitava série, faltavam dois meses para terminar o ano, passei mal e fui parar hospital com muita dor, foi difícil a comunicação, mas minha mãe ficou sempre por perto me ajudando. Médico fez vários exames, não encontrava a causa e eu estava falecendo. Até que um dia veio médico especialista, observou detalhe e logo chamou enfermeira e me levaram urgente à sala de cirurgia. Não estava bem, mal conseguia ver, corpo mole e dor, fechei meus olhos. Quando acordei em um quarto particular, vi meu pai ao meu lado. Olhei minha barriga que foi operada de apendicite aguda suturada. Poderia ter morrido, mas só foi por Deus e agradeço a Deus pela minha vida. Na verdade esta doença só aguenta três dias, e aguentei cinco dias, já estava estourando, médico colocou cano para tirar inflamação.

Fiquei internada duas semanas no hospital e depois fiquei de repouso uma semana em casa, quase um mês faltei na escola. Minha amiga ouvinte foi me visitar, conversamos sobre tarefas e trabalho na escola. Depois vieram três surdas e visitaram-me, conversamos e viramos amigas até hoje. Voltei para escola, fui correndo contra o tempo e consegui superar tudo, passei de ano!

Terminando ensino fundamental, minha mãe tinha dúvida qual melhor caminho: estudar no ensino médio ou magistério. Diretora disse que eu não poderia ser professora e seria melhor eu ficar no ensino médio. Meus amigos, cada um, seguiu seu caminho, os perdi e entrei em uma nova jornada. Era época de revoltas no Brasil: impeachment do Presidente Collor, fora Collor!

Mas não entendia esta política e só via na TV os jovens com cara pintada e hasteando bandeira.

Estudando no ensino médio, naquela época chamava-se segundo grau, no Colégio Estadual Monsenhor Guilherme, fiz nova amizade, estudava normalmente, fiz muitos trabalhos escolares, trocamos dificuldades com minhas amigas, íamos à casa delas para fazer trabalho e estudar juntas. Estava usando um aparelho auditivo, indo à fono, mas minha mãe se preocupava, pois eu não ouvia com dois aparelhos, como costume, e tinha medo de eu perder a fala ou memória auditiva. Não gostava de fazer gesto, sempre falava que tinha problema auditivo. Como São Paulo me influenciava ao oralismo, me sentia ser como ouvinte, mas não era feliz. Na escola minha mãe explicou a mesma coisa para professores e pedagogo, sobre como lidar comigo. Fui passando de ano graças às minhas amigas, que sempre me deram apoio, ajuda mútua de tarefas e trabalhos. Professor de matemática, de física e de química, sempre anotavam no quadro as equações e o conteúdo, mas sempre apontando, eu visualizando e entendendo o conteúdo. Quando tinha dúvida perguntava para professora ou trocava dúvida com minhas amigas. Antes da aula eu e minhas amigas sempre mostrávamos o trabalho feito e, quando não conseguíamos responder o “problema”, a gente sempre perguntava quem conseguiu responder, para explicar como faz, como é. Assim íamos trocando conhecimento. Sempre sofri com o problema de português. A professora sempre me cobrava que eu era ruim de português e poderia reprovar só por causa de português. Lembro-me que uma professora da escola especial para surdos conversou com a professora de português e, mesmo assim, não mudou a situação, sofrendo cobrança. Mas como a professora de português estava grávida e saiu de licença, entrou outro professor, que era padre. Passei de ano!

Na cidade onde eu morava teve “II Seminário: educação do surdo e cidadania”, no ano de 1995. Eu tinha uns 16 anos e me convidaram para participar. Fui lá. Num pequeno salão estavam reunidos vários profissionais, que trabalhavam com surdos, e surdos palestrantes. Havia surdos e ouvintes. Quando cheguei, me deparei com os surdos, fiquei sem jeito, tinha duas fileiras, me pediram para sentar ao lado direito. Durante seminário, palestrante explicando quem é pessoa surda, tentei ler lábios, mas não conseguia, pois

atrapalhava microfone, via intérprete, li lábios dele. Ao olhar ao redor, percebi que estava sentada em um lugar só para surdos e que havia outro lado só para ouvinte. Fiquei observando os detalhes da palestra, que estava explicando quem é surdo, levei um susto, igual meu problema, fiquei com vergonha. Quando cheguei em casa, perguntei três vezes para minha mãe: “Mãe! Eu sou surda?” Minha mãe me respondeu: Sim. Me parecia que estava ruindo minha vida.

Foi difícil aceitar minha identidade surda, pois sempre falavam que eu tinha problema auditivo ou no ouvido. Eu falo, ouço com aparelho, na verdade só barulho, sei ler e escrever. Leio os lábios e consigo adquirir uns 30% a 40 % da mensagem. Ficava com vergonha, revolta, tristeza, e não sabia como me expressar. Minha mãe procurava me acalmar, conversar (em voz) e dizer que eu superaria todas as dificuldades.

Durante o Ensino Médio tive de ler lábios das pessoas, ler livros, tinha dúvida, sempre procurava professor ou amiga para sanar dúvida, e sempre ia à biblioteca pública para estudar. Lia revistas e jornais para obter conhecimento cotidiano para redação e conversação com colegas e amigas. Às vezes, tinha uma professora particular para ajudar a fazer os trabalhos escolares e entender o conteúdo. Passei direto! Mais uma batalha vencida!

Tinha pouco contato com APASFI, mas me convidaram para participar nos jogos esportivos dos surdos – CEDAPAR em Cascavel. Fui jogar xadrez e fiquei em segundo lugar. Conheci surdos, aprendi um pouco da linguagem dos surdos (naquela época não sabia termo certo e falava assim) e resultado: Foz ficou em quarto Lugar!

Terminei o ensino médio em 1996. Cada um foi para seu caminho. Fui tentar vestibular de Matemática na Unioeste e não passei. Fiz pré-vestibular (ganhei a bolsa de estudos), tentei de novo para Ciência de Computação na Unioeste, não passei. Durante pré-vestibular, foi mais difícil, pois o professor andava muito, falava muito rápido, escrevia muito no quadro, apagava logo, tive que me acostumar com rapidez. Olhava toda hora na cara do professor, minha colega me falou: “você está apaixonado pelo professor?”. Respondi: “Como posso estudar sem olhar cara dele para ler os lábios?” O professor me olhava estranho e percebeu minha dúvida e me perguntou: “Tudo bem?”

Pensei falando para colega de trás, mas não é, é comigo, eu disse que tinha problema ouvido. Tinha vergonha de falar do meu problema.

Toda minha vida escolar estudei na escola de inclusão, mas sem Intérprete de Libras e nem aprendi Libras. Foi um momento mais pesado e difícil de comunicação. Isolada, poucos amigos, sempre ia “tratamento”. Graças à minha mãe, que sempre me apoiava e me estimulava, tive ajuda. Nestes momentos minha mãe sempre me comunicava em português falado, eu também falava e lia os lábios.

Para lembrar que nesta época era uma transição de oralismo para bilinguismo, foi um processo demorado, pois não se falava muito sobre Libras e demoraram para aceitar.

Foi importante, na minha vida, a identidade e a cultura surda, apesar de descobrir cultura e identidade apenas depois do ensino médio.

A Cultura Surda tem relação com as lutas dos surdos para serem incluídos na sociedade. Segundo Capovilla (2000, 2008), o oralismo rebaixou o desempenho dos surdos significativamente. Os dados mostraram que oralismo não trouxe benefício. Muitos surdos não evoluíram e só sofreram. Segundo Brito (1993, p.87), “surdos apenas oralizados têm enormes dificuldades em expressar-se por escrito embora saibam estruturar gramaticalmente frases escritas”.

O surdo aprender a falar, ler e escrever, significa que sabe copiar as palavras, não significa que sabe ler, escrever e falar. Pode estar fazendo algo como se fosse um robô, copista ou papagaio. O surdo, ao fazer o trabalho ou atividade, não consegue se expressar. Para conversar não consegue fluir, apenas imitar. Sá (1999) afirma que os surdos oralizados, muitas vezes, não conseguem de fato aprender a ler e compreender.

“a maioria do alunado surdo que teve sua história educacional nos moldes dos pressupostos dessa abordagem não consegue ter sucesso educacional nem nos níveis iniciais da escolaridade, apresentando dificuldades desde a alfabetização.” (SÁ, 1999, p.86)

Com a Língua de Sinais o surdo progrediu/evoluiu. A escola para/de surdo trabalha com a nova proposta de Bilinguismo, que compreende o ensino de duas línguas: a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e a Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Segundo Svartholm (2014), no bilinguismo o surdo aprende primeiro a Língua de Sinais como L1 e depois aprende a Língua oficial oral do seu país (no Brasil a Língua Portuguesa), na modalidade escrita, como L2. A língua de sinais é a língua de instrução, com o objetivo de que o surdo desenvolva sua aprendizagem e compreenda melhor as coisas que o rodeiam. Segundo Svartholm (2014), a escola é um importante lugar para aprender a língua de sinais para as crianças que nascem em famílias ouvintes. Segundo Dizeu e Caporali (2005), a língua de sinais é a língua natural dos surdos, pois os surdos aprendem a língua de sinais sem precisar de treinamento específico. Os ouvintes dizem que aprender a língua oral integra o surdo na sociedade, mas na prática não é isso o que acontece. Na prática, a oralização afasta os surdos de adquirirem uma língua.

A partir da aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando idéias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo, então, novas concepções de mundo. No caso de crianças surdas, filhas de pais ouvintes, esse processo não irá acontecer naturalmente, já que as modalidades lingüísticas utilizadas nas interações mãe-criança não são facilmente adquiridas por essas crianças. O processo de aquisição da língua não será natural, como é para as crianças ouvintes. Há então a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em LIBRAS, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a LIBRAS, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos. (DIZEU, CAPORALI, 2005, p. 587-588).

Segundo Strobel (2008), a família é fundamental para o desenvolvimento da criança. Mas o surdo é como um “estrangeiro” na família, quando nasce na família de ouvintes. Isto é, se a família é ouvinte e o indivíduo é surdo, como haverá diálogo entre eles? Pode haver carência de diálogo. Na maioria dos casos, com famílias de ouvintes, o problema encontrado por esses sujeitos é a carência de diálogo e entendimento e a falta de noção do que é a cultura surda, como mostram Dias, Pedroso, Rocha e Rocha (2006).

Strobel (2008) afirma que os surdos com ausência de diálogo sentem-se sozinhos ou estrangeiros na própria família, e com isso não se sentem bem e acabam saindo de casa para encontrar outros surdos para conversar, passear,

compartilhar a vida. Então, por isso, é importante ter uma Comunidade Surda, para que os surdos possam se encontrar, conversar, compartilhar experiências de vida, desenvolver sua cultura e luta.

A Comunidade Surda pode ser representada por um lugar onde um grupo de surdos se reúne e divulga sua cultura, troca ideias e experiências e usa a língua de sinais, por exemplo, associações, igreja, escolas, clubes.

Segundo Strobel (2008), a Comunidade Surda é importante para que os surdos possam se reunir e adquirir conceitos de cultura, política e esporte, ao invés de serem submetidos a uma prática clínica que força a aquisição da língua oral. A sociedade pensa que os surdos são incapazes, doentes, deficientes, têm problema, não podem casar, estudar e nem trabalhar; e surdos comprovam que são normais, só único problema é a falta de comunicação. Por isso, é importante aprender Libras para comunicar com o surdo. A Cultura Surda, conforme a pesquisadora Strobel (2008, p. 27):

“A Cultura Surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando – os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.”

Por isso, a Comunidade Surda está aberta para conhecimentos do público ouvinte, como um viés intercultural, mas contam com o apoio de sujeitos ouvintes envolvidos – familiares, intérpretes, professores, amigos, entre outros. Os surdos precisam de pessoas que saibam Libras para facilitar a comunicação com ouvintes. O ouvinte precisa aprender Libras, fazendo curso de Libras para conhecer a Cultura Surda e conviver com Surdo, para melhorar desenvolvimento linguístico.

De acordo com o Decreto nº 5.626, no capítulo IV, parágrafo V, é preciso: “V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;”. A Escola Bilingue de/para surdo “obedece” a este decreto, para uso e difusão de Libras por professores, alunos, funcionários e direção da escola. A escola difunde Libras para familiares e pessoas da comunidade interessada em adquirir essa segunda língua, visto que a sua

primeira língua é o português (oral-auditiva). Então, a Escola Bilingue de/para surdo oferece curso de Libras para Comunidade interessada, família e funcionários que trabalham com surdos. O ensino de Libras para ouvintes, como segunda língua (L2), é feito por meio de cursos específicos e seu aprimoramento é através da comunicação e contato com os grupos de surdos e comunidade surda. No ensino para ouvintes o professor é surdo, o que representa ser como professor de língua estrangeira para ouvinte.

Se a pessoa fizer curso de inglês, por exemplo, vai aprender a língua e termina o curso, e onde vai continuar aprendendo a falar inglês? Mora no Brasil. No Brasil tem povo norte-americano? Se não tem, onde vai continuar aprendizagem? A aprendizagem de Libras é diferente, pois quando termina o curso de Libras, onde vai continuar contato? Vão à associação do surdo, na casa do surdo, na escola, na igreja que tem surdo e outros lugares que tem presença surda. E com isso ainda continua desenvolvendo a Língua de Sinais.

No curso de Libras, a quem mais interessa a aprendizagem são os profissionais na área de surdez, pessoas com contato com os surdos e os familiares.

De acordo com Caldas (2012) o surdo é diferente de ouvinte (não-surdo), o ouvinte tem sua cultura e surdo também.

“Diferentes das línguas orais, a Libras é expressa através das mãos, estas são transmissoras da língua, da cultura e é de através dela que conseguimos alcançar a comunicação com os outros e que somos emocionalmente tocados também. Enquanto tivermos vida teremos a Libras viva junto a nós.” (CALDAS, 2012, p. 142)

Ainda segundo a autora, o surdo consegue perceber muita coisa pelo olhar.

“O ouvinte percebe e conhece o mundo com os ouvidos, ouvindo sons, barulhos, gritos, ruídos sonoros e estrondos. Diferentemente, os surdos que percebem e aprendem com os olhos, as coisas que vemos são captadas através de nossos olhos com as propagandas, manchetes, notícias, cinema, gestos, movimentos, lugares e tudo mais que está de um simples olhar, ...” (CALDAS, 2012, p.142)

Além da cultura, é preciso falar da identidade surda. Como cita Perlim (1998, p.57) “a identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual”. O surdo aprende pelos olhos, se constrói quando convive mais com os surdos,

por isso a importância da identidade surda. Para os surdos é preciso mostrar e, depois, sinalizar.

Quando a criança surda chega na idade escolar, é encaminhada para escola pública. O professor descobre que o aluno é surdo, pede a pais para encaminharem para a escola de surdo na região, para o bem do filho surdo. Muitos pais não aceitam Libras por causa da dificuldade de comunicação. Segundo Furtado (2008), são pouquíssimos os pais que se preocupam e têm vontade de aprender Libras para melhorar comunicação. São pouquíssimos pais de surdos que são surdos. Por isso, é importante a família compreender que é importante aprender Libras para comunicação com filho surdo e também é bom conhecer a Cultura Surda.

Segundo Quadros e Schmiedt (2006), enquanto o ouvinte tem como língua materna aquela que aprende na família, desde recém-nascido, 95% das crianças surdas são filhas de ouvintes que não dominam a língua de sinais.

Sacks (1998) afirma que se a criança surda não tiver contato com língua de sinais o mais cedo possível, poderá ter atraso no desenvolvimento.

“Se as crianças surdas não forem expostas bem cedo a uma língua ou comunicação adequada, pode ocorrer um atraso (até mesmo uma interrupção) na maturação cerebral, com uma contínua predominância de processos do hemisfério direito e um retardamento na “troca” hemisférica”. (SACKS, 1998, p.122)

Segundo o autor, os anos pré-escolares são fundamentais para o desenvolvimento da língua.

“[...] os anos pré-escolares são cruciais para a aquisição de competência linguística e que, de fato, o primeiro contato com a língua deve dar-se o mais cedo possível – e que os natissurdos deveriam ir para berçários onde se ensina a língua de sinais.” (SACKS, 1998, p.95)

É fundamental que a criança surda comece desde cedo a aprender língua de sinais, desde bebê até a idade escolar, considerada como “idade de ouro” – “período crítico ou idade crítica” (SACKS, 1998), pois é a fase crucial de desenvolvimento cognitivo, intelectual, linguístico e motor. De acordo com Quadros e Cruz (2011), a aquisição da linguagem, para qualquer criança, ocorre naturalmente nas situações de interação. No caso das crianças surdas, a aquisição da língua de sinais é natural se o meio assim oportunizar.

Segundo Quadros e Schmiedt (2006), a Libras é uma língua visual-espacial. A Libras apresenta todos os elementos que caracterizam as línguas humanas. Nas línguas orais as unidades mínimas são os fonemas e nas línguas de sinais as unidades mínimas são as configurações das mãos. Aquilo que na escrita é representado por sinais de pontuação e na fala pela entonação, nas línguas de sinais é representado por expressão facial. Nas línguas de sinais há também os classificadores, que indicam as ações dos objetos. Por exemplo, há um classificador que indica se uma ação de um objeto é rápida ou lenta. Quadros e Cruz (2011) afirmam que tanto as línguas orais, quanto as línguas de sinais, podem ser analisadas nos aspectos morfológico, sintático, semântico e pragmático. A língua oral tem aspecto fonológico, enquanto a língua de sinais tem aspecto quirológico. Segundo Stokoe (2005), nas línguas orais o nível fonológico compreende as unidades mínimas de sons sem significados. Já o nível quirológico compreende as unidades mínimas de movimentos sem significados que são: configuração de mão (CM), movimento (M), locação (PA) e orientação de mão (O).

Apesar da comprovada importância da língua de sinais, a comunidade surda necessita de constante luta para ter acesso à língua e à aprendizagem. Para Caldas (2012), o surdo tem direito de estar na escola onde possa usar a língua de sinais.

“Toda criança tem o direito a estar na escola. O surdo, ao ingressar na escola de surdos, constrói neste espaço sua identidade como cidadão, porque é onde ele pode mostrar a sua história, comemorar o Dia do Surdo, contar histórias de surdos. As crianças surdas devem, desde cedo, ser estimuladas com o uso da Libras, pois é por meio desta língua que elas aprendem e se desenvolvem.” (CALDAS, 2012, p.140)

Karnopp (2005) afirma que por meio da língua de sinais a criança surda adquire a linguagem e a cultura.

“Garantir o acesso à língua de sinais é garantir a aquisição da linguagem e a aquisição de valores, cultura e padrões sociais que somente o contato constante com a língua possibilita. A criança surda precisa ter acesso à Libras e interagir com várias pessoas que usam tal língua para constituir sua linguagem e sua identidade” (KARNOPP, 2005, p. 48)

Por isso, para a criança surda, desde cedo, antes de começar na idade escolar, é fundamental aprender a língua de sinais na escola, em contato com

o professor e colegas surdos. Com isso se desenvolve a identidade, sua língua, sua cultura e auto estima. Nesta fase o professor trabalha de forma natural em Libras, usado literatura surda, passeios, jogos pedagógicos, brinquedoteca, diversão e conversação.

“Um surdo sinaliza para o outro e o seu ser se manifesta, ele o faz no uso de sua linguagem visual, as mãos manifestam o ser surdo. Tudo pode ser transmitido e feito por meio dessa língua: reflexão, conto de histórias infantis, ensino de diferentes conteúdos, passeio com diferentes objetivos de aprendizagem. É através desta língua que nós, surdos, imaginamos, pensamos, expressamos nossas idéias e criamos significados com os quais, entre outras linguagens, farão com que possamos interagir com os adultos, com as crianças e com o mundo.” (CALDAS, 2012, p.142)

Sacks (1998, p. 51) afirma que o surdo que aprende a língua de sinais gosta de estar onde possa se comunicar. Segundo o autor, é comum o surdo gostar mais de estar na escola, quando nesta a comunicação é feita em língua de sinais, do que estar onde não há comunicação, como por exemplo, as famílias que só se comunicam oralmente.

“Se ele voltar para casa, para ele “significava voltar ao silêncio, retornar a um vacuo de comunicação sem esperanças, onde ele podia conversar, comunicar-se com os pais, vizinhos, amigos: significava ser deixado de lado, tornar-se novamente um ninguém.” (SACKS, 1998, p.51)

Schmitt (2008) chama o lugar onde o surdo pode se comunicar em língua de sinais com outros surdos de “espaço de conforto linguístico do surdo”.

Antes de estudar no ensino fundamental, é importante ter contato com o professor surdo para o bem da construção da identidade e da língua e do desenvolvimento cognitivo. Segundo Caldas (2012), a língua de sinais é importante para a a construção da identidade.

“A identidade não é algo estático, imóvel ou permanente, ela se molda de acordo com as informações que o indivíduo recebe. O encontro surdo-surdo (...) é de extrema importância para a construção de identidade (...)” (CALDAS, 2012, p.143)

A língua de sinais é uma necessidade ontológica, ou seja, faz parte do ser do surdo. Sem a língua de sinais ele não consegue ter contato com outras pessoas, ou seja, não consegue ter alteridade.

“A identidade surda é uma alteridade que se constrói através de um sistema linguístico. Por isso, é necessário que os surdos estejam em

constante contato com a língua de sinais, isso é uma necessidade ontológica que condicionará a formação de um sujeito ativo e cidadão.” (CALDAS, 2012, p.143)

Os surdos só precisam que sua língua natural seja aceita e que possam ter contato com outras pessoas surdas.

“Os surdos se sentem felizes por ter uma identidade surda, não há problema algum com isso, o que queremos é que esta língua seja aceita e também a convivência entre surdos, a troca de experiências e um aprendizado mais fluente dos ouvintes com os surdos e que haja uma aceitação das diferenças. Sejam essas diferenças entre pessoas negras, ouvintes ou surdas, cremos que todas as pessoas merecem respeito. O surdo que tem uma identidade surda constrói sua autonomia, independência, seus valores, participação social, convivência e passa a ser um agente mais ativo na sociedade.” (CALDAS, 2012, p.143)

A escola bilingue para surdos é necessária para a vivência da cultura surda. Segundo a autora surda Reis (1992), existe diferença entre escola de surdo e escola para surdo. Escola para Surdo é uma escola que trabalha com método de ensino e currículo de ouvintes. A sua prioridade está centrada na língua portuguesa, isto é, a língua portuguesa como a primeira língua. Na escola para surdo o estudante surdo sente dificuldade de compreender o conteúdo e de entender o português e o ensino. Na escola pode haver comunicação em Libras, mas é pouco trabalhado. A escola para surdo pode se chamar bilingue, mas na realidade não é.

De acordo com Reis (1992), o uso de duas modalidades de estímulo, a fala e a língua de sinais ao mesmo tempo, não é bilinguismo, é bimodalismo. Reis (1992), em sua pesquisa, observou uma escola bilingue para surdos. A autora observou que nesta escola o professor ouvinte, sem ter domínio de língua de sinais, tentava ensinar os alunos surdos a ler, escrever e falar a língua portuguesa de modo mecânico. Na reunião pedagógica, no intervalo, os professores ouvintes sempre conversavam em voz, e não em Libras. Professor surdo é que perde a informação, contato, relacionamento de trabalho e fica sempre nas mãos de ouvintistas.

O ouvintismo, segundo Skiliar (1998, p.15): *“é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”*. Pode-se afirmar que a escola para surdo é pseudo bilíngüismo, diferente da escola de Surdo, onde, segundo Reis (1996) a pedagogia legitima a cultura surda e a língua de sinais.

A escola de surdo que tem professor surdo, com conhecimento pedagógico, também usa a língua portuguesa para poder se relacionar com a professora ouvinte, mas precisa ter professores fluentes em Língua de sinais e conhecimentos sobre cultura surda. Ambos podem se relacionar com os outros para o bem desenvolvimento profissional. O professor surdo se sente bem ao ensinar através da Libras, e também se preocupa ao ensinar a disciplina para estudantes surdos. A escola de surdo tem disciplina de Libras no currículo.

“ [...] nas escolas de surdos é fundamental para um real projeto pedagógico que valorize a diferença surda. Os currículos devem estimular o contato dos alunos com as reivindicações e estratégias de lutas dos surdos. Isso poderá ocorrer em disciplinas que tenham foco na cultura surda ou pulverizado nas demais disciplinas.” (PERLIN e STUMPF, 2012, p. 141)

Atualmente, os professores surdos estão lutando para ter a disciplina de Libras nas escolas e no currículo de surdos, pois o currículo está ainda de acordo com metodologia de ouvinte. Até hoje os professores surdos lutam, batalham por uma educação do surdo combatendo o poder de ouvinte, procurando conservar cultura surda nas futuras gerações. A língua de sinais é importante para que o surdo possa aprender. Na cultura ouvintista, o surdo que não aprende é visto como preguiçoso ou então como incapaz. O ensino acaba sendo substituído por políticas de assistência ao surdo, que é visto como incapaz de aprender.

“É um fato possível e presente em muitas instituições o indivíduo surdo que desenvolve e perpetua a pedagogia ouvintista que traz um processo de manutenção da política paternalista e assistencialista. Culpar os surdos pela irresponsabilidade ou pela preguiça também é artifício frequentemente observado na cultura hegemônica.” (REIS, 2006, p.76)

Além da escola bilingue, existe a escola inclusiva. Isto é, uma escola pública, que tem salas de aulas onde estudam surdos e ouvintes, o professor é ouvinte e os surdos são acompanhados por um Intérprete de Libras – TILS. Outro lugar onde os surdos podem se reunir são as associações de surdos. São associações onde os surdos podem vivenciar, conversar, conservar a cultura e lutar por seus direitos.

“O lugar de construção da identidade surda é em escolas de surdos, no contato com surdos adultos, Universidades, Associações, nos movimentos de surdos, na FENEIS.” (CALDAS, 2012, p.144)

Sempre participei na associação, estudei na Universidade, trabalhei na escola para surdo, participei nos Seminários, Congressos, Fóruns, Movimentos dos Surdos, tudo isso ajudou-me na construção da identidade surda.

A sociedade, o governo, a política, sempre trataram muito de inclusão, mas não teve planejamento antes, como organizar estrutura de inclusão, falta acessibilidade e adaptação. Precisava antes preparação, curso para professores como lidar com esta situação e depois receber alunos surdos. É preciso também saber como lidar com preconceito na sala de aula. Muita escola pública não tem disciplina de Libras e falta conteúdo relacionado com surdos.

Por isso é importante a sociedade, a escola, professores e família conhecerem a Cultura Surda e Libras, para poder ajudar no desenvolvimento e auto-estima de cidadão surdo. Surdo tem seu direito, dever, pode ser um cidadão, mas sente dificuldade de acessibilidade, respeito e igualdade, como mostra Novaes (2010). Outra coisa importante é participar no movimento e na luta dos surdos.

O professor, por sua vez, precisa ensinar o educando surdo a ter consciência e tornar-se um cidadão crítico diante da situação em que vive, ou seja, saber o que escolher para o futuro caminho dentro da sociedade. O que entendemos sobre a Cultura Surda é que para sua preservação a prioridade é a Língua de Sinais e uma Pedagogia Visual.

A Comunidade Surda luta para conservar e valorizar Libras. Sem ela não tem cultura e nem identidade.

Este capítulo tratou sobre minha escolaridade até o final do ensino médio, quando tive meus primeiros contatos com a língua de sinais. No próximo capítulo, falarei da minha entrada no mundo do trabalho e estudos no ensino superior.

4 TRABALHO E ENSINO SUPERIOR

Comecei a trabalhar com meus pais numa pastelaria. Atendia freguês ou cliente. Minha mãe fazia pastéis paraguaios e muita gente gostava. A gente morava dentro de uma pastelaria, foi sofrido de aguentar o cheiro de pastel e pouco espaço. Meus irmãos sofreram provocação de colegas da escola por causa do cheiro. Eu atendia e trabalhava para ajudar família enquanto não tinha estudo, ia biblioteca estudar aos poucos o conteúdo, para não esquecer, lia o jornal. Ajudava e não tinha vergonha de minha surdez. Quando eu não entendia o que freguês falava, sempre chamava minha mãe ou meu pai. A maioria das vezes chamava meu pai. Ele atendia e conversava com freguês. O engraçado aconteceu com fregueses de várias culturas em Foz do Iguaçu.

Um Árabe, sempre me perguntava em português se é de porco, carne é de porco, queijo é de porco? Eu estranhei, chamei meu pai, ele atendeu, vendeu pastel e foi embora. Perguntei por que isso? Ele me explicou sobre cultura árabe que não pode comer porco.

Com um falante de espanhol da Espanha, sei um pouco de espanhol, tentei comunicar, mas não conseguia entender, chamei meu pai, meu pai atendeu, ficou horas conversando, depois meu pai explicou que ele morava na Espanha e era diferente o sotaque espanhol do Paraguai e da Argentina, por isso percebi ao ler os lábios que era diferente.

Uma Brasileira com boca pequena, não conseguia entender o que ela falava, fiz gesto “ouvido negativo”, ela veio perto minha orelha e gritou alto, pois pensou que barulho na rua não dava para ouvir bem. De novo chamei meu pai e ele a atendeu. Então, criei cartaz de várias línguas mostrando os diversos sabores para poder atender freguês ou cliente com facilidade.

Como eu não pronunciava bem o português, o freguês me perguntou: você é paraguaia? Em São Paulo pessoas percebem que tenho problema auditivo e em Foz as pessoas pensam que sou estrangeira. Afinal aprendi uma cultura diferente e sou surda brasileira! Mas sei espanhol e Libras. Meus irmãos estudavam no período de manhã, eu ajudava meus pais o dia todo e à noite ia ao pré-vestibular.

Quando não tinha movimento no trabalho, eu costumava ler livros e jornais. Um dia fui olhar minha estante, vi vários livros e tinha um livro grosso de cor azul, peguei, olhei título: "A Bíblia Sagrada". Era uma época que meus amigos se foram nos seus caminhos e eu nem sabia aonde ir, abri a Bíblia, li no João 14:6: *"Respondeu-lhe Jesus: Eu Sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim."* Abri meus olhos, quem será Ele? Depois abri Mateus 22: 37 - 39 sobre melhor mandamento de Jesus, no versículo 29 foi o que mais me chamou atenção: *"E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo."* Como não tinha identidade certa, tinha vergonha de ser surda, tentando ser igual ouvinte, foi um momento difícil, para pensar melhor: você pega papel sulfite e amasse, depois tenta desamassar de volta, mas fica com a marca, você passa ferro ou faz qualquer jeito para ficar igual papel novo. Mesma coisa é a nossa vida, fiquei surda e vou continuar sendo surda, nem importa por aparelho ou implante, vou continuar sendo surda. O que importa agora, assumir minha identidade: SOU SURDA! Igual Jesus me ama. Ele ama todo mundo, não importa o que você é. Comecei a estudar Bíblia que me ajudou levantar a auto estima. Conheci a igreja evangélica que tinha intérprete de Libras e que me ensinou a Palavra de Deus em Libras.

O tempo foi passando. Na pastelaria, como não tinha muito movimento, tivemos que fechar, mudamos de casa, meu pai conseguiu um emprego no Paraguai e minha mãe como costureira em casa.

No ano de 1998 a APASFI ligou para minha mãe e perguntou se eu podia trabalhar numa fábrica de chocolate, fui trabalhar, minha primeira carteira assinada e carimbada. Aprendi regras, processo, como faz ovo de chocolate. Trabalhei muito até chegar a Páscoa. Tinha muitos surdos trabalhando na fábrica. E hoje a fábrica faliu.

Meus irmãos ficaram estudando na escola pública, comecei a estudar Espanhol no Centros de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM), em 1997, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco. Muito difícil ler labial, meu irmão do meio junto comigo estudando, sempre a professora colocava música, poesia, falava muito e nem conseguia aprender com isso, só aprendia no livro e lendo no quadro, só. Atualmente não sou fluente de espanhol, mas tenho muitos amigos surdos Paraguaio, Argentinos, Uruguaios, Venezuelanos, Bolivianos,

Peruanos, Equatorianos e converso com eles por escrito em espanhol, praticando em whastapp e às vezes em vídeo em língua de sinais.

Me lembro quando estudei na escola pública, tinha a disciplina de Inglês. Sempre a professora falava muito em inglês e pouco em português, lia os lábios dela, mas mal conseguia entender, fiquei flutuando, só acompanhando por escrito. Professora me pedia para responder o trabalho oral ou por escrito, falava mal, tinha atividade para ouvir no rádio e eu perdida.

Quando trabalhei na escola de surdos, dava aula de apoio pedagógico para turma de ensino fundamental (6º a 9º ano) e ensino médio. Eles tinham tarefa de espanhol ou inglês. Os estudantes da escola de surdos estudavam na escola “inclusiva” pela manhã e à tarde estudavam na escola de surdos como apoio pedagógico. Os professores de Línguas da escola inclusiva sabiam que os surdos iam à escola de surdos no contraturno, então passavam trabalhos para professores de apoio ajudarem. Estudantes surdos me mostravam as tarefas para fazer e eu não sabia quando os professores de língua iam aprender a adaptar o ensino à cultura surda. Professores pedem trabalho para ouvinte, como ouvir CD/DVD e traduzir em português. Se sou professora surda, como vou ouvir para trabalhar junto com estudantes surdos? Que trabalho é esse? Não fazíamos, pedíamos para a professora mudar o trabalho e não tínhamos sucesso. Alunos surdos ficavam com nota vermelha por causa disso! Outro trabalho, fazer vídeo e falar em espanhol! Como surdo pode falar espanhol? Fazíamos o vídeo de teatro em Libras, não havia como se expressar em espanhol. Intérprete da escola inclusiva poderia estar junto para traduzir a voz em espanhol, mas não vai à escola e fica difícil. Fico imaginando como surdos podem aprender espanhol ou inglês como 3ª língua.

Na hora vaga, fui na escola “especial” para surdos que estava num momento de transição de oralismo para “bilinguismo”, que do jeito que é aplicado parece mais Comunicação Total. A comunicação Total, conforme mostra Ciccone (1996), prioriza, na educação de surdos, todas as formas de comunicação ao mesmo tempo, inclusive a oral. Fui à escola especial participar de uma oficina de teatro, para passar o tempo, e fiz um curso de Libras com um professor surdo nos anos de 1998 e 2000. Este professor surdo foi um dos agentes multiplicadores de Libras oferecido pelo MEC, no ano de 2008. A escola para surdo escolheu um surdo para fazer curso em Brasília, ele foi, ficou

um mês estudando, e no final teve prova de Libras, três surdos do Paraná passaram e se tornaram professores na cidade onde eu morava.

Fui visitar a APASFI, vi as dificuldades dos surdos, resolvi fazer um trabalho voluntário para ensinar matemática, então conversei com a diretora e ela deixou. Organizamos uma oficina de matemática. Comecei a criar vários jogos pedagógicos de matemática, para que alunos pudessem enfrentar o desafio, ou seja, trabalhar no raciocínio. Vi tarefas. Fizeram vários treinos para que alunos pudessem entender e fazer sozinhos.

A diretora me pediu para eu fazer magistério, no princípio não queria ser professora, mas o tempo mudou. Fui fazer magistério no ano de 1999. Tinha cinco surdos, não tinha intérprete, eles não conseguiam acompanhar a aula igual a mim. Colégio Estadual Barão do Rio Branco começou a fazer um movimento, fez abaixo-assinado, a diretora da APASFI foi ao Núcleo Regional de Educação (NRE) e conversou com o Governador e conseguiu o Intérprete de Libras, por contrato. Foi o primeiro Tradutor e Intérprete de Libras (TILS) no Paraná. A primeira experiência deu certo e começou concurso de Intérprete de Libras para todo Paraná no ano 2007. Pela primeira vez na minha vida, vi surdos e intérpretes na sala de aula.

Neste período, mudamos para casa que ficava longe do Colégio Estadual Barão do Rio Branco. Eu e meus irmãos estudávamos neste colégio, sempre íamos a pé e de vez em quando íamos de ônibus. Em 1999 meu irmão do meio concluiu ensino médio e fez vestibular de Unioeste para Turismo e passou! O caçula, ainda no segundo grau, jogava handebol na escola e na secretaria de esporte.

Foram quatro anos (1999-2003) estudando no magistério junto com surdos e intérprete de Libras. Começou uma nova jornada de vida. Os surdos me ensinaram Libras, incentivaram identidade e cultura surda. Com a presença de Intérprete me senti leve, mas dava mais trabalho para os olhos. Tinha que olhar para quadro negro, professora, intérprete e livro ou caderno. São quatro horas olhando nas aulas, cansa a vista. Mas não precisou de professora particular e nem de fono. Abandonei aparelho auditivo, minha mãe ficou brava! Não adianta ouvir, só escutava barulho! A mãe ficou preocupada comigo porque o aparelho era caro! Ficou preocupada comigo se eu podia perder a fala, que sem aparelho podia atrapalhar a fala, mas não aconteceu.

Aprendi Libras e avancei muito meu nível de conhecimento. Perguntava muito para a professora e me sentia à vontade com a presença de TILS. Participava das atividades na sala de aula, apresentava os trabalhos tranquila em Libras. Convivia mais com surdos do que com ouvintes. Tinha minha amiga cadeirante, tinha uma colega que casou com surdo e hoje é intérprete, alguns fizeram curso de Libras para se comunicar e hoje lembram alguns sinais para conversar comigo, tinha amiga que sempre defendia surdos e aprenderam junto com grupo sobre deficiência. Era única sala que tinha cadeirante e surdos.

Não via preconceito, mas minha amiga me dizia que havia, mas que sempre defenderam e lutaram por nós. Um dia, na hora de recreio, as meninas do magistério do primeiro ano viram surdos conversando no corredor em Libras. Começaram a provocar-nos nos chamando de macaco, com gesto imitando, feio, minha amiga e cadeirante ficou brava e contaram para coordenadora. Outro dia, a coordenadora escondeu atrás da porta, para ver a situação no intervalo. Nós surdos sempre ficávamos no corredor conversando em Libras. Apareceram as meninas provocando, coordenadora ouviu tudo! Abriu a porta frente delas, elas ficaram arrasadas, foram parar na coordenação. Chamou pais, e assinaram a ata (o livro preto) que não podia estudar magistério e nem assumir este cargo professor. Magistério, não se brinca, futuro vai ser professor na creche ou educação infantil precisa levar à sério!

Os professores de magistério também começaram a aprender como lidar com os alunos surdos e intérpretes, foi difícil, pois não tinham curso formação como lidar com a pessoa surda ou outras deficiências. Então, todos foram aprendendo. Cada surdo tem sua identidade, vida social diferente, suas dificuldades.

No ano de 2002, como eu era voluntária na escola, a diretora viu meu trabalho com surdos e me chamou para trabalhar como professora de matemática da turma do quarto ano no ensino fundamental. Foi a minha primeira carreira de docência com carteira de trabalho (convênio). Trabalhando e estudando no magistério, quando teve estágio de regência e prática, me liberaram de fazer estágio. Eu já ensinava com tranquilidade, conheci mais profundamente sobre APASFI, conheci o Projeto Político Pedagógico (PPP), conheci a gestão escolar, história de educação dos surdos, comecei a conviver

mais com surdos. Participei de movimentos surdos, fui aos congressos da educação dos surdos.

Por volta dos anos de 2002 e 2003, fui professora particular de matemática para um surdo e também para as filhas dos professores da APASFI. Conseguiram aprender matemática comigo e passaram de ano.

Fui visitar a APASFI, para pedir a diretora se podia fazer entrevista com surdos, para que pudesse fazer uma pesquisa, por curiosidade. Desta pesquisa houve muita mudança pedagógica para professores da APASFI. A minha pesquisa foi fazer entrevistas a vários surdos que estudavam de noite, a maioria no supletivo. A pesquisa mostrou que a maior dificuldade de aprender é o português, e os professores não são fluentes em Libras, pois estavam começando e precisavam melhorar o método pedagógico de ensino.

Durante governo Jaime Lerner, foi fundado em Faxinal de Céu a “Universidade do Professor”. Todo ano havia um “Seminário Paranaense de Educação Bilíngue para Surdos”. Participei quatro vezes neste evento. Em um dos eventos foram reunidos uns 500 surdos do Estado do Paraná, teve vários surdos profissionais mostrando palestras, oficinas, e conheci muitos surdos e fizemos amizades com eles. Aprendemos mais sobre a Cultura Surda e sua língua. Aprendemos como ensinar Libras e dar aula para crianças pequenas. Uma semana maravilhosa, parecia uma cidade de surdos, noite de momento cultural, lindo ver teatro em Libras, mostrando nossa capacidade! Também teve presença de alguns pais, professores e intérpretes para conhecerem o mundo dos surdos. Atualmente não tem mais, os surdos sentem falta, principalmente na cidade pequena não tem muita novidade e força.

No último ano de Magistério, no ano de 2002, abriu concurso de professores municipais. Todos meus colegas surdos e ouvintes se inscreveram. Oito surdos se inscreveram para banca especial e só passou um! Fiquei em segundo lugar no concurso e em primeiro lugar ficou uma deficiente física e só tinha duas vagas. Fiquei feliz e a maioria dos colegas ouvintes passaram. Tomei posse como a primeira professora surda concursada no Paraná e de Foz do Iguaçu no ano de 2003.

Figura 9 - RECORTE DE JORNAL – REPORTAGEM SOBRE PROFESSORA SURDA QUE VAI LECIONAR NA ESCOLA SURDO



Fonte: Arquivo Pessoal

No final de 2003 formaram-se somente quatro surdos no Magistério! Comecei a dar aula na APASFI, de matemática, depois no maternal, depois oficinas: de matemática, de literatura, de informação, de teatro, de educação ambiental. Também dava aula de Libras para turma de ensino fundamental até EJA, apoio pedagógico do quinto ano até ensino médio, clube de mães, curso de Libras, formação de instrutores de Libras. Tudo durante quatorze anos trabalhando em Libras para diversas idades. Fui criando material pedagógico, fazendo apostila, livros e vídeo aulas de Libras, grupo de estudo de surdos, estimulando alunos surdos por “fora das quatro paredes”. Trabalhei pela prefeitura na APASFI.

No ano de 2003 teve concurso de TILS pela prefeitura de Foz do Iguaçu, meu irmão caçula passou no concurso e começou a trabalhar de TILS na APASFI. Minha mãe começou a fazer curso de Libras no Clube de Mães na APASFI e hoje ela se comunica em Libras de vez de quando. Meu pai não sabe nada de Libras, só fala espanhol e guarani.

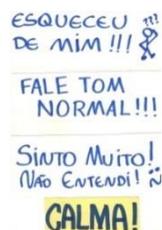
No ano de 2003 tentei de novo vestibular de Matemática na UNIOESTE, não passei, fiz para Universidade Particular passei, comecei a fazer curso Normal Superior no ano de 2003. Na faculdade particular nem se pensava sobre inclusão, de novo fiquei estudando sem intérprete de Libras, lutando por meus direitos. Tinha outro surdo estudando Educação Física, foi ao ministério público e conseguiu na justiça direito a TILS. E no meu caso demorou a conseguir intérprete bom e profissional. Só consegui no final de ano, época do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Durante este curso, tinha poucos

alunos, pois é novo. Consegui acompanhar graças à minhas amigas e um amigo, que sempre me ajudavam a traduzir a voz do professor no papel. Isto é, o professor falava, colegas ouviam e anotavam tudo o que professor falava, eu lia no papel, quando tinha dúvida ou comentário escrevia no papel, pedia para minha amiga ler para professora. O papel se tornou como meu “intérprete”. Assim ampliei meu vocabulário. Coordenadora e professora ficaram admiradas do meu conhecimento e meus amigos e colegas também! Elas e eles foram aprendendo comigo. Ofereci um curso de Libras na igreja. Os alunos da faculdade precisam de carga horária complementar e a faculdade aceitou o certificado do curso que dei na igreja. Assim, meus amigos vieram fazer o curso comigo. Meus amigos foram, mas não ficaram até fim do curso, por causa de compromissos. Sempre trocava ideia com os amigos, ajuda mútua. Elas também me defendiam se houvesse preconceito ou por falta de conhecimento. Vi que muitos professores não estavam preparados para lidar comigo, a coordenadora de curso me disse: melhor você ler apostilas e fazer as provas. Não adiantava ler só a apostila, pois eu queria saber o que professor estava explicando sobre autores para me deixar claro. Continuei lutando, veio uma intérprete, mas não ficou muito tempo, ela tinha medo de entrar no laboratório de ciência que a universidade tem. Eu gosto mais de aprender na prática do que na teoria. Minha amiga sempre me ajudou, foi difícil usar o laboratório. Usar microscópio era difícil porque a professora explicava enquanto eu olhava no microscópio e eu perdia o conteúdo. Não foi nada fácil. Um dia eu pedi para minha amiga falar para a professora esperar eu ver microscópio, quando pronto, explicar conteúdo e depois eu voltar a ver o que ela disse para eu conferir. Assim meus amigos foram aprendendo como lidar com a pessoa surda na sala de aula. Em filme sem legenda, muito falado, eu não ficava na sala de aula, a professora preocupada fazia um resumo sobre o filme e me passava vários papéis para ler. Na disciplina de educação especial, ela explicava conteúdo, mas na realidade não era como ela falava, ela falava mais na teoria do que praticava. Como eu tinha experiência, um dia expliquei para ela no papel, minha amiga leu para ela. A professora me cortou e pediu para eu ficar quieta. Eu disse em voz, brava, que existe surdocego, surdo e deficiência mental, surdo precisa de Libras, e a professora me mandou ir à coordenação! Parecia show de debate, os meus amigos também me ajudaram

na luta e juntos foram na coordenação. Teve outra intérprete, mas não foi boa ideia, pois ela era estudante também, intérprete estudante não fica bom. Percebi que ela traduzia em Libras tudo que ela sabia do conteúdo e achava que era certo, e não a voz da professora. Ela era estudante e aproveitou para ser intérprete para ganhar bolsa, pois estudava particular. Como lia lábios dela e da professora, percebi que havia muita diferença. Eu percebi lendo labial, estranhei, escrevi papel para minha amiga para conferir o que a professora falou. Professora não falou isso, fiquei indignada, falei para ela expressar o que a professora estava falando e não sua opinião. Um dia não aguentei. Minha turma não tinha mais paciência, houve uma época de greve ou protesto de alunos na universidade particular, chamamos a coordenadora do curso, que era também diretora da Universidade, escrevi no papel meu desabafo e meus direitos em duas folhas, dei para minha colega ler em voz alta para diretora, ela olhou texto e não teve coragem, vi mãos dela tremendo, pedi para ela ler, minha amiga viu a situação e pegou meu papel, olhou e teve coragem de ler em voz alta. Intérprete estava ao lado da diretoria, falei tudo no papel, pedindo meus direitos! Apenas no último ano consegui bom intérprete, tive de correr atrás de TCC, pedir para orientadora explicar como faz o pré-projeto e TCC. Fui fazendo a monografia, mostrando para ela, ela percebeu a evolução e apresentei o TCC com o tema: "Identidade Surda". Deu tudo certo!

Lembro-me durante o período acadêmico, vi maioria dos professores que nem se preocupavam ou não sabiam lidar comigo, agiam normalmente e eu ficava como se fosse pessoa invisível, então fiz cartaz para professores me lembrar:

Figura 10 - CARTAZ QUE FIZ AOS PROFESSORES



ESQUECEU ME
DE MIM!!!

FALE TOM
NORMAL!!!

SINTO MUITO!
NÃO ENTENDI!

CALMA!

Fonte: Arquivo pessoal

Também fiz cartaz para meus colegas: Sorria! Jesus te ama! Meus colegas e amigos viram minha luta, nem sabiam o que fazer, perceberam como

foi difícil para mim acompanhar os estudos, e me ajudavam, pois tinha alguns professores e a diretora que me empurrava para baixo.

No estágio, fui tranquila, pois trabalhava na escola APASFI e usei no momento de aula, mudei um pouco o método, mais prática e menos teoria para que os alunos surdos pudessem assimilar o conteúdo, por exemplo: salada de fruta, ensinei em sinais de cada fruta, expliquei importância de comer cada fruta, porque fazia bem. Fizemos juntos salada de fruta e depois comemos. Foi divertido, aprendemos aula ciência, matemática, saúde, português e Libras.

Em 2006 finalmente me formei no Normal Superior. Na formatura, o responsável de evento não pensou na inclusão do surdo, pois não tinha lugar para intérprete. Eu tinha direito ao acesso de comunicação. Minhas amigas ficaram bravas e conseguiram TILS na formatura. No final de colação, minha turma me chamou, me deu presente: placa de homenagem! Fiquei feliz, não tinha palavra para expressar.

Atualmente minhas amigas e minhas colegas fizeram curso de educação especial e alguns trabalham na área de deficiência. Foi tudo por minha causa e, o que mais marcou para elas, foi a luta por meus direitos.

Durante o curso Normal Superior, o Itaipu Binacional teve um “Programa de Estágio para Portadores de Necessidades Especiais (PNE) da Itaipu Binacional” (2004) e me chamaram para trabalhar no centro de treinamento na Itaipu. Aceitei novo desafio. De manhã trabalhava na escola para surdo, de tarde trabalhava como estagiária e de noite estudava na faculdade particular. Os dias eram cansativos e corridos, mas valeu a aprendizagem. Na Itaipu fui responsável por organizar material didático para funcionários de limpeza do projeto de alfabetização, pois muito funcionário terceirizado na limpeza, nos serviços gerais e copeiros mal havia terminado estudo ou nunca havia estudado. Uma professora, funcionária da Itaipu, me passava o conteúdo, eu pesquisava e fazia material, criava jogo pedagógico e fazia as cópias. Levava material para os alunos estudarem na aula.

Depois meu chefe me pediu para mudar para outro lugar, trabalhar no Ecomuseu e Refúgio Biológico Bela Vista (RBV), na educação ambiental. Fiquei aprendendo e estudando sobre animais e acompanhando o guia junto com alunos da escola. Quando vi os jabutis e os cágados, lembrei a infância e pedi para a educadora ambiental e a bióloga me explicarem sobre as

diferenças entre os animais: tartaruga, jabuti e cágado. Como normalmente muita gente, ao reparar tal animal, chamava de tartaruga, mas não era, pois vive no mar. O jabuti vive na terra e o cágado nos rios de água doce. Elas me mostraram as diferenças, aprendi pelo olhar e lendo as placas sobre as informações e, com isso, classifiquei o sinal de tartaruga e jabuti.

Um dia vieram os surdos e eu os guiei, foi legal, uma educadora surda explicar para os surdos, em contato com meio ambiente, amei o trabalho! No dia do surdo, 26 de setembro de 2005, organizamos um evento no Refúgio Biológico, um encontro dos surdos da região oeste do Paraná. Foram uns 200 surdos, professores e intérpretes. Foram legais, muitos monitores dividiram tarefa, também dividiram grupos para conhecer o passeio no Refúgio e depois teve gincana, lanches e contação de piadas surdas. Eu me fantasiei de Onça Pintada!

Figura 11 - FOTOS DO TRABALHO NO ECOMUSEU E NO REFÚGIO BIOLÓGICO DA ITAIPU



Fonte: arquivo pessoal da autora

Quando trabalhei no Refúgio e no Ecomuseu, foi difícil o acesso à comunicação. Teve um dia que telefone tocava toda hora na minha sala, mas eu nem percebia e nem sentia. Minha chefe não aguentou barulho e foi na minha sala e me pediu para atender ao telefone! Eu fiz careta, olhei para ela, ela logo se lembrou que sou surda! Foi atender e me perguntou: cadê a estagiária? Eu fiz gesto “não sei”. Pedi para ela tirar telefone, pois não adiantava ficar ali. Outro dia, no refúgio, fui acompanhando junto monitora que levava alunos ouvinte no passeio e ela me deu “rádio comunicador” enquanto explicava para alunos. Senti vibração no “rádio”, ela me olhou, eu estranhei, apontei: rádio? Ela fez gesto sim, passei para ela falar no rádio. Isso atrapalha, seria mais fácil usar celular, mas no passeio dentro da floresta não pega sinal, por isso bom ter rádio em caso de emergência.

O meu irmão do meio trabalhava como guia nas Cataratas do Iguaçu, e o caçula passou em outro concurso de Tradutor e Intérprete de Libras (TILS) do Estado do Paraná no ano 2009.

A chefe me pediu para eu me inscrever no programa “Formação Educação Ambiental (FEA)”. Só tinha 100 vagas para Foz, mil inscritos e eu passei! Meu irmão era intérprete de Libras pela prefeitura, mas no curso ele foi voluntário. Aprendi muita coisa no curso, tive maior privilégio, contato com natureza e fui responsável por passar este conhecimento para comunidade surda. Usei este espaço na APASFI, na oficina de Educação Ambiental, fizemos vários teatros sobre cuidado dos rios (do projeto Cultivando Água Boa) e apresentamos diversos lugares. Quando terminei a faculdade acabou o prazo de estágio, mas o curso continuei fazendo.

Figura 12 - FOTO DO CURSO SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Fonte: arquivo pessoal da autora

Fiz um curso de “Fundamentos Teóricos e Metodológicos para Ensino Aprendizagem de Astronomia (2011)”, no Polo Astronômico do Parque Tecnológico Itaipu (PTI), na Usina Hidrelétrica de Itaipu. Aprendi muita coisa sobre esta área. Fico imaginando no mundo espacial, criamos vários sinais nestas áreas, criei material didático e oficinas para surdos conhecerem sistema o planetário, para alunos noturnos de EJA e turmas de Instrutores de Libras.

Figura 13 - CURSO NO POLO ASTRONÔMICO DA ITAIPU



Fonte: arquivo pessoal da autora

Minha história mostra que eu conquistei mais espaço. No Brasil também os surdos conquistaram mais espaço. Isso se deu graças às lutas da comunidade surda por seus direitos. No entanto, estes direitos estão sempre ameaçados de serem retirados.

Participei de vários movimentos e lutas pelos direitos dos surdos, principalmente por escola bilingue para surdos.

Quando eu trabalhava com apoio educacional na APASFI, dava aulas no contraturno para crianças surdas que estudavam em escolas inclusivas. Eu via os sofrimentos e reclamações dos alunos surdos na escola regular. Lembrava o que havia passado na minha infância. Como sou surda e estudei numa escola inclusiva, isto é, escola regular, mas sem intérprete de Libras. Era difícil ter amigos na época de oralismo, eu usava aparelho auditivo, tentava ler os lábios dos professores, mas nada adiantava, pois falavam rápido, viravam de costas, colocavam papel na frente dos lábios, andavam enquanto explicavam o conteúdo. Era difícil pegar o conteúdo e nem conseguia aprender durante as aulas. Só aprendi a ler e a escrever. Mas não sabia o sentido das palavras. Ia para a fonoaudióloga aprender a falar e a ouvir, mas mesmo assim não conseguia entender o sentido das palavras. Não era feliz na vida, foi muito pesado, não tinha infância boa, só brincava nos fins-de-semana. Durante a semana ia ao médico, fonoaudióloga, professora particular e escola. Não aprendia Libras, que era proibido, tinha conhecimento limitado. É a mesma coisa que acontece com crianças surdas que estudam na escola regular sem intérprete. Fica difícil a situação, se torna aluno terrível, pois falta comunicação. Lembro-me um meu amigo surdo que contou que ficava na sala de aula, com ouvinte falando muito, professores falando e ele nem sabia o que estavam falando e qual era o conteúdo. Dormia, dormia, dormia toda aula, reprovou muito. E hoje, já adulto, é professor de Libras, formado em faculdade, mas sente triste pelo passado. Os professores nem se preocupavam com ele. Eu estive em uma passeata pelos direitos dos surdos em Brasília em 2011. Conheci uma surda de nove anos de idade que falou “na escola de ouvinte não temos com quem conversar. Na escola de surdos é mais fácil. Se surdo não se comunicar, nós ensinamos Libras para ele e ele se desenvolve. Em escola onde professor só fala, como vamos entender ele? Somos surdos!” Isso é muito comum na maioria das escolas que não têm intérprete de Libras. Desde

a educação infantil, até o ensino médio e faculdade particular, estudei sem intérprete de Libras.

Com a presença de Intérprete de Libras as coisas melhoraram, mas ainda tem problema. Pela primeira vez na minha vida, quando estudei no magistério, teve presença de quatro surdos e intérprete de Libras. Comecei a aprender Libras, conhecer a comunidade surda, sua língua e sua cultura. Senti mais leve de entender conteúdo, mas deu um trabalhão. Meus olhos se cansavam, olhando para TILS. Ao mesmo tempo olhava para quadro negro e livro. Eu não tenho uns seis olhos para olhar tudo durante aula, cansa. Ainda professor fala rápido, TILS precisa conhecer o conteúdo para sinalizar, mas nem tudo tem sinal de tal conteúdo. É preciso estudar tal conceito para criar sinal de tal vocabulário e ainda não tem tudo. Também falta recurso visual, filme legendado, mas a maioria dos professores esquece, e tenho que ver ao mesmo tempo. Precisa ter TILS e material didático dinâmico para que alunos surdos e ouvintes possam aprender melhor os conteúdos. Ainda é difícil para TILS e para professores explicar conteúdo, pois são conceitos abstratos e precisa explicar claro. Exemplo, falar da célula, glóbulos vermelhos, surdo não tem noção sobre o que é isso. Mostrando visual, como funciona o que é. O surdo até pode compreender e criar sinal de célula e glóbulos vermelhos. Cada área não tem pronto específica de Libras, ainda faltam muitos materiais e dicionários de Libras. E também cabe a formação de TILS. Antes do decreto de Libras, não tinha faculdade bacharelado de Letras Libras. Os TILS tiveram de fazer vários cursos específicos para esta formação. Os meus alunos relataram que atualmente, com a política de inclusão, não valorizam muito o trabalho dos TILS. Aqui no Paraná, governo paga pouco para TILS e falta 4 horas para completar, e com isso TILS não vai trabalhar, pois folga e alunos ficam sem TILS. Com isso, prejudica a aprendizagem. Somente em 2012 conseguiram TILS para horário de folga, ou seja, substituto, mas mesmo assim tem problema, por causa da combinação de sinal dos conteúdos. Pela primeira vez no Brasil, após aprovar a Lei de Libras e o Decreto de Libras, no ano 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) abriu um curso Licenciatura de Letras Libras, para formação de professor de Libras em 9 polos. Estudei em Florianópolis. Por quatro anos de estudos, me senti feliz na vida, pois curso era ministrado por professores surdos com mestrado e doutorado, e professores

ouvintes com presença de TILS, usando recurso visual e adaptando de acordo com a cultura surda, e os acadêmicos eram surdos. Senti que estava no mundo dos surdos. Aprendi com rapidez. Compartilhamos experiência de trabalho escolar, trocamos dúvida e conhecimento da área. É um curso bilíngue, na qual a primeira língua usada é Libras e o português é na modalidade escrita. E com isso, desenvolvemos a cultura surda, valorizando variações linguísticas e concepção política. Nós surdos queremos este modelo para toda escola bilíngue de/para surdos. Avançamos mais o conhecimento e queremos que estudo seja “eterno”. Por isso, nós surdos queremos educação bilíngue, pois aprende mais e melhor por causa de comunicação que é Libras.

Os movimentos pelos direitos dos surdos cresceram no Brasil, segundo Fernandes e Moreira (2014), na década de 1990. Estes movimentos buscaram defender a cultura surda, vendo a surdez como diferença, e não como patologia. Em 1999 o Núcleo de Pesquisa em Políticas de Educação para Surdos (NUPPES), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), organizou o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, onde foi produzido um texto, elaborado junto à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), sobre o que queria a comunidade surda. A FENEIS é uma entidade filantrópica de defesa dos direitos das pessoas surdas, fundada em 1987.

O documento (FENEIS, 1999) reivindica educação bilíngue para surdos, reconhecimento da língua de sinais na educação de surdos, iniciativas visando impedir o preconceito contra surdos, legenda em língua de sinais na mídia televisiva, política pública de atendimento às crianças de rua surdas, não imposição do aparelho de audição aos surdos, presença de intérprete de língua de sinais e critérios específicos de avaliação para surdos prestarem concursos e exames vestibulares e ensino de língua de sinais em cursos de ensino superior. O documento pede o fim da política de inclusão e integração do surdo, pois a reivindicação é de escola bilíngue para surdos.

“Propor o fim da política de inclusão/integração, pois ela trata o surdo como deficiente e, por outro lado, leva ao fechamento de escolas de surdos e/ou ao abandono do processo educacional pelo aluno surdo.” (FENEIS, 1999).

A partir do documento e das reivindicações, no dia 24 de abril de 2002 foi aprovada no Brasil a Lei de Libras, Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

No ano de 2005 o Decreto nº 5.626 regulamentou e inseriu a lei de Libras nos cursos de formação de professores:

Cap. I - Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

A lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, começou a garantir a presença do profissional que acompanha o surdo fazendo a tradução e interpretação em Língua de Sinais, o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS), que pode atuar na escola e em instituições como hospitais.

No entanto, os surdos ainda precisam lutar por educação bilingue. Fernandes e Moreira (2014) afirmam que os documentos curriculares oficiais prejudicam a educação de surdos ao enfatizarem mais a inclusão do que a educação bilíngue. Usar ao mesmo tempo língua de sinais e língua oral, como ocorre nas escolas inclusivas, é bimodalismo. No bimodalismo a língua de sinais é apenas um recurso, e não a língua de instrução. Por isso muitos surdos na escola inclusiva não aprendem a ler.

Os surdos também lutaram para incluir a educação bilingue para surdos no “Plano Nacional de Educação para o decênio 2014/2024” (PNE), Lei 13.005/2014. O PNE define metas e estratégias para políticas educacionais a serem executadas em um período de dez anos. Para a elaboração do plano, é

realizada a Conferência Nacional de Educação (CONAE), que tem por objetivo elaborar e votar propostas para o PNE. Segundo as autoras surdas Campello e Rezende (2014), na CONAE de 2010 os representantes da comunidade surda defenderam onze propostas, visando a criação e a manutenção de escolas bilíngues, dentre as quais apenas três foram aprovadas. As lideranças governistas, contrárias às propostas da comunidade surda, alegaram que a escola bilíngue para surdos era segregacionista. A partir de então as escolas de surdos passaram a ser ameaçadas de fechamento. No dia 17 de março de 2011, a Diretora de Política de Educação Especial, Martinha Claret, foi ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) afirmar que o mesmo seria fechado até 2011 e os alunos surdos remanejados para escolas comuns. Um dos líderes do Movimento Surdo e professor efetivo do INES, Nelson Pimenta, gravou um vídeo alertando toda a comunidade surda que, em resposta, fez uma passeata histórica contra o fechamento das escolas de surdos, nos dias 19 e 20 de maio de 2011. Após o evento, os surdos ainda organizaram várias palestras em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos no PNE. (CAMPELLO, REZENDE, 2014).

A Revista da FENEIS publicou uma reportagem contra o fechamento do INES. Segundo a reportagem, escrita por Garcèz (2011), mais de quatro mil pessoas que foram à Brasília, nos dias 19 e 20 de maio daquele ano, se mobilizaram contra a proposta do MEC, que visava fechar as escolas de/para surdos e escolas especiais, e colocar os alunos surdos na escola inclusiva.

Segundo Campello e Rezende (2014) é na escola inclusiva, onde surdos e ouvintes não falam a mesma língua, que ocorre a segregação. No ano de 2012 o Movimento Surdo conseguiu que o Deputado Ângelo Vanhoni tramitasse na Câmara de Deputados a inclusão da Escola Bilíngue para Surdos no PNE. No entanto, o texto da comunidade surda foi alterado no Senado. O texto aprovado e alterado pelo Senado, à revelia do Movimento Surdo, afirma que a educação de surdos deverá ocorrer “em escolas e classes bilíngues inclusivas”. Disso seguiu-se nova passeata em Brasília, no dia 14 de agosto de 2013. Após a passeata, o projeto seguiu para a tramitação na Câmara de Constituição, Justiça e Cidadania. O MEC exerceu influência para que fosse aprovado um texto que não garantiu a educação bilíngue para surdos. Na nova

redação foi retirada a palavra “inclusiva”, ficando da seguinte forma “em escolas e classes bilíngues”.

Com a alteração, abriu-se precedente para que a educação de surdos se desse em escolas comuns, onde a língua de instrução é oral, complementada por Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno. Tanto na escola inclusiva, quanto na classe inclusiva, a língua de instrução é oral, o que não propicia o pleno desenvolvimento dos surdos. Não é o que os surdos querem, mas sim a Educação Bilíngue de/para surdos, com instrução em Libras. Campello e Rezende (2014) citam os estudos de Capovilla, que comprovam a importância da língua de sinais para o desenvolvimento das pessoas surdas.

Em 2012 o MEC tentou classificar a educação de surdos como “especial”, no documento *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, MEC, 2012)*. Na educação especial o surdo estuda em escola inclusiva e recebe, no contraturno da aula, Atendimento Educacional Especializado (AEE). Segundo Lodi (2013), a inclusão da educação de surdos como especial fere ao princípio de que surdez não é deficiência, mas sim diferença. Na educação especial, assim como na educação inclusiva, Libras não é a língua de instrução, como é na educação bilíngue para surdos. O Plano Nacional de Educação foi aprovado em 2014, sob a forma de Lei nº 13.005, que institui o Plano Nacional de Educação para o Decênio 2014/2024, com a seguinte redação:

4.7. garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, aos(às) alunos(as) surdos e com deficiência auditiva de zero a dezessete anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do sistema braile de leitura para cegos e surdos-cegos; (BRASIL, 2014).

Por esta lei, a educação bilíngue pode se dar em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas. Portanto, a lei pode levar ao fechamento de escolas bilíngues, como a APASFI.

A confusão terminológica entre “educação bilingue de/para surdos”, “inclusão de surdos” e “educação especial para surdos” afeta diretamente a vida de seres humanos, podendo provocar a permanência dos sofrimentos de uma comunidade já historicamente privada de sua cultura e de sua língua.

O Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), nomeou um grupo de trabalho para elaborar políticas de educação para surdos, pela Portaria Nº 1.060/2013, e Nº 91/2013. O grupo produziu um documento com recomendações de políticas para educação de surdos, intitulado “Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa” (MEC/SECADI, 2014). O documento demonstra o quanto a compreensão de educação bilingue para surdos tem interpretações diferentes. O documento cita a caracterização de escola bilingue, elaborada em 2013 pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS):

A FENEIS (2013) caracteriza as escolas bilíngues da seguinte forma:

- As escolas bilíngues são aquelas onde a língua de instrução é a Libras e a Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua, após a aquisição da primeira língua; essas escolas se instalam em espaços arquitetônicos próprios e nelas devem atuar professores bilíngues, sem mediação de intérpretes na relação professor - aluno e sem a utilização do português sinalizado. (MEC/SECADI, 2014, p. 04).

Português sinalizado é, segundo Góes (1999) e Quadros e Schmiedt (2006) e Ferreira Brito (1995), um sistema artificial que coloca a língua de sinais na mesma estrutura da língua portuguesa. Na estrutura da língua de sinais não há preposições e artigos, como na língua portuguesa. No português sinalizado usa-se os sinais do alfabeto para formar os artigos e preposições antes, depois ou entre sujeito e predicado. Na Língua Portuguesa a estrutura da construção das frases é geralmente composta de sujeito e predicado. Na língua de sinais a transmissão se dá hierarquizando as informações mais importantes. Também na língua de sinais não existem palavras para gênero e número, são usados classificadores. Por exemplo, “três porquinhos” em Libras, é “porco, três”, que se transmite com os sinais de “porco” e de “três”. Também há classificadores para indicar o tempo verbal: agora, antes, ontem, anteontem,

muito tempo atrás, ao invés de conjugação verbal. Conforme Bernardi, Garcia, Mazacotte e Cesaro (2010), e Gesser (2009) os verbos são divididos entre verbos de negação, verbos direcionais e verbos não direcionais. Os verbos de negação podem incorporar a negação ao final do verbo, por exemplo, na frase “eu inglês saber não”, ou serem incorporados simultaneamente ao movimento, no caso do “não poder”, feito com a configuração da mão na forma de “V”, colocada no pescoço e acompanhada de um gesto negativo com a cabeça. Os verbos direcionais são aqueles que possuem marca de concordância e podem ser direcionados do sujeito para o objeto ou do objeto para o sujeito, por exemplo, o verbo “avisar”, feito com a mão configurada com a letra “Y”. Para dizer “eu aviso você”, faz-se um movimento retilíneo direcionado do queixo para a frente e, para dizer “você me avisa”, faz-se o movimento contrário. Avisar, perguntar, pagar, encontrar, ensinar, ajudar, pedir, respeitar e responder, são exemplos de verbos direcionais. Os verbos não direcionais são aqueles que não possuem marca de concordância, não se dirigem do sujeito para o objeto ou vice e versa, como, por exemplo, entender, lembrar, conhecer, saber, trabalhar, dentre outros. O risco da inclusão é que não seja ensinado ao surdo a gramática da Libras e que os TILS acabem por fazer uma reprodução do conteúdo dos professores em português sinalizado.

Apesar de citar a caracterização da FENEIS, o documento produzido pelo MEC/SECADI (2014), define, nas recomendações finais, a escola bilingue de modo a abrir precedente para a inclusão:

2. Garantir a educação bilíngue de surdos em classes bilíngues em escolas inclusivas (que não são escolas bilíngues de surdos) de ensino comum em municípios que baixa demanda de surdos, quando não houver escolas polos multimunicipais na região.
3. Garantir o ensino da Libras e da Língua Portuguesa como L2 M2 na educação de surdos matriculados em escolas comuns, com a presença de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, professores de Libras prioritariamente surdos, e professores de Língua Portuguesa como L2, quando não houver como agrupar surdos. (MEC/SECADI. 2014, p. 20).

Trata-se, portanto, de mais um precedente para a não manutenção das escolas bilíngues de/para surdos. A mesma luta para manter a proposta bilíngue é verificada nos estados, como ocorre no Paraná.

Em 2017 uma importante conquista: O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em Língua Brasileira de Sinais¹⁷ (Libras). O ENEM é uma prova nacional que avalia os alunos do ensino médio e pode ser usada para ingresso no ensino superior.

A luta da comunidade surda se deu também em cada estado e cada município do Brasil.

4.1 A Luta dos Surdos no Paraná

A Libras foi reconhecida no Estado do Paraná em 1998, quando foi publicado no Diário Oficial a Lei nº 12.095, de 11 de março de 1998. Essa lei foi aprovada na época da “escola especial”, quando os surdos eram tratados como doentes, a partir de uma visão clínico-terapêutica, que buscava a “reabilitação” da audição e da fala. Escolas especiais acabam tratando os surdos como doentes, funcionando mais como hospitais do que como escolas. Os surdos, na visão de educação especial, não são vistos como cidadãos, mas sim como casos clínicos.

No dia 26 de julho de 2007, a Comunidade Surda organizou um evento para os Intérprete de Libras do Paraná, em forma de surpresa, dando parabéns e agradecendo pelo seu trabalho, pois, sem eles, não haveria como levantar a voz dos surdos. A comunidade Surda do Paraná, liderada pela professora especialista Rozani Suzani, surdocega, fez uma poesia em Libras. Os surdos relataram e agradeceram aos TILS. No Paraná foi publicada no Diário Oficial nº 15.658, no dia 02 de outubro de 2007, a lei do dia Estadual de Intérprete de Libras.

Um ato importante do Movimento Surdo realizado no Paraná se deu em Curitiba, no ano de 2009, pela efetivação, neste estado, do Decreto Federal nº 5.626/2005, que afirmava o direito à Libras nas escolas públicas e privadas onde estudassem os surdos, bem como em serviços nas áreas mais diversas. Segundo a reportagem de Yano e Angeli (2009), no Jornal paranaense Gazeta do Povo, a comunidade surda de todo o Paraná se mobilizou em Curitiba, no

¹⁷Informações disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-videoprova-em-libras-do-enem-2017/21206> Acesso em 10/12/2017

dia 01 de Junho de 2009, pela defesa de direitos na educação, como o cumprimento da obrigatoriedade da Libras nas escolas, serviços públicos e em empresas privadas em Libras, de acordo com o Decreto Federal nº 5.626 de 2005.

“Entre as principais reivindicações do grupo estão a contratação imediata de professores surdos e intérpretes da **Língua Brasileira de Sinais (Libras)** para atuarem em todas as escolas do estado; o ensino de Libras nos cursos de formação de professores, em universidades públicas e privadas; além do ensino de Libras nas escolas onde estudam alunos surdos. Segundo **Iraci Suzin**, diretora administrativa da Feneis-PR, o protesto é pacífico. “Estamos apenas pedindo o cumprimento de determinações que já estão previstas em lei”. (YANO, ANGELI, 2009).

Segundo a reportagem, com o reconhecimento oficial da Libras, novas demandas para a educação de surdos no Paraná foram exigidas. A reportagem afirma que a Secretaria de Estado da Educação (SEED) apoia e diz: *“Entendemos a importância da educação bilíngüe. O Estado está mantendo as escolas para surdos, fazendo a inclusão deles nas escolas regulares e investindo na formação de tradutores e intérpretes de Libras”* (YANO e ANGELI, 2009).

Com o aumento do número de surdos acadêmicos, com a falta de acessibilidade para os surdos nas Universidades, os surdos tiveram de lutar para garantir os direitos e ter Intérprete de Libras. No ano 2010, foi publicado no Diário Oficial nº 8.228, dia 25 de maio:

“Art.1 Fica incluída, no rol de funções de Classe I, do cargo Único de Agente Universitário da Carreira Técnica Universitária das Instituições Estaduais de Ensino Superior (IEES), de que dispõe o anexo II da Lei nº 15,050, de 12 de abril de 2006, a Função de Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras.”

Quando foi aprovada a lei de Libras e o decreto de Libras, afirmando ser obrigatório ter disciplina de Libras na formação de professores e nos cursos de Licenciaturas, todas as Universidades do Paraná receberam este decreto, todos os cursos de Licenciatura incluíram disciplina de Libras e abriram concurso para professores de Libras.

Neste ano, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) implantou disciplina de Libras para os cursos de Licenciatura. Como não teve

professores de Libras, abriu 30º Concurso para os cinco professores de Libras. Passaram dois professores surdos em Cascavel e Foz do Iguaçu e dois professores ouvintes em Toledo e Rondon. Faltou Francisco Beltrão.

Para contratação de intérpretes de Libras pelo Estado sempre ocorreram problemas e dificuldades.

Foi no ano de 2012 que a Secretaria de Estado da Educação (SEED) e Superintendência da Educação (SUED) criaram uma Instrução nº 003/2012 que:

“Estabelece normas para atuação do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras/Língua Portuguesa TILS nos Estabelecimentos de Ensino da Rede Pública Estadual.”

Com isso diminui o problema para contratar o Intérprete de Libras pelo Estado. O problema é que o contrato de Libras pelo Estado, na escola pública, é sempre por meio de teste seletivo, nunca concurso.

O Governo do Paraná criou a Lei nº 18.419, no dia 7 de janeiro de 2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência do Estado do Paraná, afirmando:

Art. 192. Ficam reconhecidas oficialmente pelo estado do Paraná a LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados, como meios de comunicação objetiva e de uso corrente.

§ 1º Compreende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras - a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

No ano de 2016, nova luta foi necessária, quando a educação de surdos no Paraná foi inserida como educação especial, na Deliberação Nº 02/2016, que “Dispõe sobre as Normas para a Modalidade Educação Especial no Sistema Estadual de Ensino do Paraná”. No parágrafo sétimo do artigo 13, a Lei afirma que a oferta de educação bilíngue para estudantes surdos deverá ocorrer no âmbito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), precedente aberto pelo PNE, Lei nº 13.005/2014.

No ano de 2017 o Governo e a Unioeste não renovaram novo Processo Seletivo Simplificado para TILS. Os acadêmicos surdos e professores surdos ficaram sem TILS e, com isso, ficaram prejudicados nos estudos e trabalhos. Entraram com processo no Ministério Público Estadual por falta de Intérprete de Libras. Apenas no segundo semestre de 2018 que conseguiram ter TILS na

UNIOESTE. No dia três de outubro de 2017, o Centro de Atendimento de Surdez (CAS), o Governo e a Secretaria da Educação lançaram um aplicativo que ajuda na aprendizagem de alunos surdos: o Sinalário Disciplinar em Libras.

No dia 4 de dezembro ocorreu Audiência Pública sobre Regulamentação da profissão de Intérpretes, guias e Tradutores da Língua Brasileira de Sinais, no Plenarinho da Assembleia Legislativa do Paraná, em Curitiba.

No ano de 2018 ocorreu o Fórum Nacional sobre os direitos das pessoas com Deficiência, nos dias 13 e 14 de junho, em Curitiba.

4.2 As lutas e conquistas da Comunidade Surda em Foz do Iguaçu-PR

Em 19 de dezembro de 1996, foi aprovada em Foz do Iguaçu a Lei nº 2.055, que estabelece, em seu artigo 1: *“Fica reconhecida oficialmente, pelo Município de Foz do Iguaçu, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - e outros recursos de expressão a ela associados, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.”*. Nesta época, a APASFI proporcionava ensino oralizado, isto é, era proibido utilizar a Língua de Sinais. Os surdos sofriam nas mãos do poder de ouvintes e com a visão da medicina (cura de surdez e se reabilitação), o que revelava desconhecimento da lei.

Dois anos depois, os professores e as crianças surdas estiveram na Câmara Municipal, onde um vereador contou que havia uma lei aprovada sobre Libras (naquela época se dizia “Linguagem de Sinais”); todos ficaram surpresos, diretora e professores entraram conflito, mas nada mudou na escola. Os surdos adultos, por volta no ano de 2002, foram ao campeonato dos surdos do Paraná em Maringá e perceberam que existiam vários surdos falando em Libras e ficaram surpresos com isso. Desta forma, começaram a aprender como eles, e quando voltaram para Foz do Iguaçu, houve uma revolta: surdos adultos e professores defendiam a Libras e outros não. Finalmente ficou decidido: turma de manhã e tarde continuaria no ambiente do oralismo e os alunos do período da noite eram livres para usar a Libras. Foi um momento de liberdade, mas poucos surdos conheciam Libras, então foi escolhido um surdo para fazer curso de Libras em Curitiba. Posteriormente o mesmo aluno foi para Brasília, num programa do MEC, e foi aprovado como

um dos melhores instrutores de Libras no Brasil. Quando voltou para Foz do Iguaçu começou a ensinar a Libras para surdos adultos e houve uma evolução muito grande. Ao mesmo tempo, foi aprovado o uso da Libras pela APASFI em todas as idades e períodos. Com isso houve avanços para a Comunidade Surda de Foz do Iguaçu. Toda a história da APASFI está relatada no livro “APASFI, 30 anos de educação de surdos de Foz do Iguaçu” (SANTOS, FINKLER, BUCHE, 2012).

No ano de 2003, houve duas lutas e vitórias conquistadas pela Comunidade Surda: num Colégio que tem curso de magistério, quatro surdos ingressaram como alunos. Mas não havia acessibilidade, isto é, Intérprete de Libras. A diretora e a coordenação do curso de Magistério, em conjunto com a APASFI, conseguiram contratar um Intérprete de Libras. Foi a primeira escola a ter Intérprete de Libras no Paraná. E a outra conquista foi o concurso público para professores municipais: uma jovem foi a primeira professora surda a passar em concurso público em Foz do Iguaçu. (SANTOS, FINKLER, BUCHE, 2012).

Lembrando que no Colégio Estadual que tem curso de magistério estudavam duas surdas em 1996. Ambas se formaram, mas sem presença de Intérprete de Libras, pois era época de oralismo. Por volta do ano de 1999 os surdos que estudavam no magistério estavam em uma época de transição de “bilinguismo” na escola de surdos. Eles lutaram para conseguir intérprete e para ter acesso ao conhecimento na sala de aula. Conseguiram conquistar os direitos e foram pioneiros da educação “inclusiva” no Paraná. Em Foz do Iguaçu, o Colégio Estadual Bartolomeu Mitre também iniciou educação inclusiva para surdos, isto é, na qual os surdos estudam e tem presença de intérprete de Libras.

Por volta de 2003, abriu concurso de Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, o Edital de Concurso Público nº 04/01/2003 chamava para cargo de Intérprete de LIBRAS e Instrutor de LIBRAS, com uma vaga.

No mês setembro de 2003 a Comunidade Surda fez movimento no dia do Surdo, pedindo Inclusão Social. Ficaram concentrados na Praça do Mitre.

Em 2007, foi criado o Conselho Municipal de Pessoa com Deficiência, no dia 19 de dezembro, pela lei nº 3.419/07. Cada dois anos tem conferência sobre pessoa com deficiência.

No ano de 2009, todas as escolas especiais receberam a ordem do Conselho Nacional de Educação, de Secretaria de Educação Especial do MEC, ameaçando serem fechadas. Resolveram se manifestar durante a Semana do Excepcional, em agosto. Fizeram caminhada e foram à Câmara de Vereadores, pedido mais respeito de Acessibilidade, e passando abaixo-assinado para não fechar escola especial. Em Foz do Iguaçu a comunidade surda se reuniu na praça do Mitre.

O TILS contratado no único concurso da Prefeitura de Foz do Iguaçu se exonerou e a prefeitura não chamou outro. Até a data de fechamento deste trabalho, os surdos iguaçuenses permaneciam sem intérprete de Libras. Com esta falta de acessibilidade, de comunicação e de informação, Foz do Iguaçu infringe a lei, pois desde o ano de 2010 que não há TILS concursado na prefeitura.

Na Unioeste Campus de Foz do Iguaçu, no ano de 2010 os cursos de graduação em licenciatura implantaram disciplina de Libras, para atender ao decreto nº 5 626, 22/12/2005. Também ingressou a primeira funcionária pública surda da Unioeste, para ser Professora de Libras.

A Unioeste campus de Foz do Iguaçu também teve a 1ª surda mestranda, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino (PPGEEn), nível mestrado, no ano de 2016.

No dia 20 de novembro de 2017, ocorreu em Foz do Iguaçu a Audiência Pública sobre Acessibilidade dos Surdos, na qual se discutiu a necessidade de concurso para TILS. A audiência foi organizada pela Vereadora Rosane Bonho, que trabalha de enfermeira na UTI Neonatal e viu casal surdo que teve filhos gêmeos. A vereadora diz que sentiu na pele a dificuldade de se comunicar, sentiu barreira de comunicação, por isso resolveu organizar a conferência.

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino (PPGEEn), nível mestrado, teve a segunda mestranda surda a estudar, na linha de linguagem e tecnologia, no ano de 2017. No 2º semestre de 2017 as duas mestrandas surdas estudaram sem Intérprete de Libras, pois o Governo do Paraná não realizou Processo Seletivo para Servidor (PSS). As duas estudantes entraram com ação no Ministério Público Estadual e no 2º semestre de 2018 conseguiram TILS.

Para a sociedade iguaçuense e os políticos conhecerem sobre Comunidade Surda e a Lei de Libras, foi organizado um evento com palestras, o “Dia Nacional de Libras”, realizado na Câmara de Vereadores, no dia 24 de abril de 2018. O objetivo do evento foi comemorar o aniversário da lei de Libras e mostrar a luta pela implementação de direitos.

No dia 10 de Junho de 2018, Foz do Iguaçu completou 104 anos de fundação. Mas não há respeito com a Comunidade Surda. Após 21 anos da aprovação da lei de libras em Foz do Iguaçu, nada foi cumprido para respeitar nossos direitos.

E olho no Hino Nacional, relembro esta letra: “*Deitado eternamente em berço esplêndido*”, as leis que lutamos e foram aprovados, estão lá, guardado no berço esplêndido, para sempre.

As lutas da comunidade surda tiveram alguns avanços, sendo um deles o curso superior em Letras Libras.

4.3 Licenciatura em Letras/Libras

Quando eu estava trabalhando na escola para surdo na APASFI, recebi folhetos e aviso de meus amigos surdos de outra cidade, avisando que havia sido abertos cursos para Formação de Instrutores de Libras. Na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), havia um curso de dois anos, em Curitiba. Um dos cursos era Letras Libras, para formar professores de Libras, em curso de quatro anos, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Eu queria continuar estudando e pedi à diretora se podia me liberar para fazer curso da FENEIS, em Curitiba. A APASFI na época estava sob nova direção. A diretora pediu para eu fazer o curso na UFSC, em Santa Catarina! Longe! Como estudar, dormir, comer? Tive que obedecer à diretora. Aceitei novo desafio. Foram muitos surdos e intérpretes de Foz para fazer este curso. Fomos fazer vestibular e só passaram duas surdas de Foz! Eu fiquei em oitavo lugar! E agora?! Nova aventura! Fiquei emocionada no vestibular porque fizeram prova diferente, em Libras!

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi a primeira Universidade a cumprir o acordo estabelecido no Decreto Libras nº 5.626/2005. A mesma universidade criou Letras Libras no ano de 2006. Abriu vestibular numa forma diferente, isto é, com prova em Libras.

Comecei a estudar Letras Libras na UFSC no ano de 2006. UFSC de Florianópolis foi centro com 60 alunos e teve nove polos com 50 alunos! Quando comecei a estudar, encontrei muitos dos meus amigos do congresso de Faxinal de Céu, muitos surdos! Na minha sala só nos comunicávamos em Libras e era difícil precisar ter intérprete de Libras! Só tinha duas alunas ouvintes. Sentiam dificuldade de acompanhar as aulas, pois Libras era falada muito rápido! Ficamos felizes! Pela primeira vez curso Letras LIBRAS especial para nossa comunidade! A maioria tinha experiência pedagógica, trabalhava na escola para surdo e, durante aula, quando tinha professora ouvinte, sempre era acompanhado de intérprete. Quando professor era surdo, nem precisava. Foi um curso diferente que vivenciei. Senti-me em outro planeta. Quantas aventuras na UFSC!

Eram 60 alunos, 30% do Paraná, outros de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco. No começo houve confusão das variações linguísticas, pois cada estado tem seus sinais, mas aprendemos e respeitamos. O pior era a professora e intérprete saber quais sinais iriam usar para passar conteúdo. Combinamos sinais padrões na aula e cada um usava seu sinal na sua região. Aprendemos que Libras de São Paulo era diferente de Libras de Santa Catarina e aprendemos a separar.

Como maioria morava em outro estado, precisávamos sair antes para não perder ônibus de viagem. Sempre perguntávamos que hora viajava, para combinar sair junto no táxi ou ônibus. Usávamos intérprete para ligar para o táxi. Um dia quase nos atrasamos e, para não perder viagem, pedimos para táxi ir rápido. Foi loucura, mas chegamos bem na rodoviária. Legal os surdos unidos, ajudando uns aos outros.

Maioria do Paraná tinham que viajar na sexta-feira para ter aula sábado de manhã. Aula começava sábado de manhã, alguns chegavam atrasados. No entanto os professores e tutoras compreendiam e sempre enviavam mensagens perguntando se estávamos chegando, se foi boa viagem, parecia que éramos ovelhas dos professores e tutores. As provas, trabalhos,

seminários, estudos, eram no modelo bilíngue: texto em português e Libras no vídeo. Apresentávamos trabalhos em grupos ou duplas em Libras e com recurso visual. Aprendíamos juntos e compartilhávamos os trabalhos feitos.

4.4 Paraguai

Fiz estágio de observação em uma escola do surdo no Paraguai, junto com minha colega da UFSC. Conversamos com a diretora em “voz”, mas falamos que sabíamos Língua de Sinais. Diretora pediu para não falarmos em Língua de Sinais. Escola era oralismo puro! Essa escola, na época, já tinha trinta e cinco anos de fundação. O objetivo dela era integrar os surdos na sociedade, por meio da palavra falada. Apresentei meus documentos da UFSC para fazer estágio de observação. A diretora da escola do Paraguai ficou desconfiada, pensativa e disse que não podíamos usar a Língua de Sinais, mas podíamos observar. Obedecemos ao que ela falou. Ficamos dois dias inteiros observando a escola. A diretora nos explicou a história da escola em espanhol. Entendemos pouco, mas pesquisamos na internet, o que ajudou a contar a história. Na realidade tive dó das crianças inocentes nas mãos de oralismo. Presenciei tortura, não podia nada de gesto, pois professora tinha régua grande para bater no aluno se sinalizasse. Era obrigatório falar espanhol e guarani. Se quisesse ir ao banheiro ou beber água, tinha que falar espanhol e guarani. Observei como oralismo faz. Tem alunos que conseguem falar, mas estranhei atitude. Depois descobri que tinha deficiência mental. Então escola não era do surdo e nem para surdo. Era escola especial que tinha todas as deficiências juntas e nenhum aluno “normal”. Parecia um asilo, pois eles dormiam na escola durante semana e fins-de-semana voltavam para a casa dos pais.

Um dia uma professora me chamou em particular. Explicou sobre situação da escola. Disse que as mantenedoras da escola não tinham paciência, batiam, obrigavam a comunicação oral, proibiam língua de sinais. Esta professora conversou comigo em língua de sinais paraguaia, escondida da diretora. Ela sofria nas mãos de diretora. Paraguai estava super atrasado com relação à educação dos surdos.

Nas férias fui em uma cidade do Paraguai, conheci a primeira escola para surdo. Encontrei uma professora surda, falava muito, tinha pós-graduação, ensinava criança usando comunicação total. Me dói ver vida de criança sob “tortura”. Lembro-me quando fui ao Paraguai quando estava no ensino médio. Estava começando Libras, fui à outra escola para surdo no Paraguai. Fui visitar junto com minha mãe. Minha mãe ficou conversando com diretora enquanto eu observava aula. Tinha um estudante querendo falar água, mas não conseguia, fiz gesto e a diretora me viu e gritou (vejo expressão facial de uma pessoa gritando) e apontando para minha cara que não podia fazer sinais! É proibido! Eu disse em português: “calma, não sabia, desculpe!”

4.5 Movimento e Luta da Comunidade Surda em Foz do Iguaçu

Em 2008 todo o Brasil começou a fazer passeata para mostrar nossos direitos que precisavam ser respeitados, lembrando que no dia 26 de setembro é Dia dos Surdos. Em Foz, resolvemos fazer passeata até praça Mitre e apresentar teatro para Comunidade. A APASFI, junto à ASSUFOZ, mostrou comunidade surda iguaçuense e nossas conquistas na sociedade.

Figura 14 - FOTO DA PASSEATA EM FOZ DO IGUAÇU NO ANO DE 2008



Fonte: arquivo pessoal da autora
Fonte: JIE – Jornal de Itaipu Eletrônico

No ano 2008, as entidades especiais se juntaram por uma boa causa, para defender direitos da pessoa com deficiência. Criaram o Conselho Municipal de Direito das Pessoas com Deficiência (CMDPD). Eu fui membro por nove anos no conselho.

No ano de 2009, a comunidade Surda do Paraná foi à Curitiba para passeata, protesto e luta por nossos direitos. Isso aconteceu quando o programa Mais Você, de Ana Maria, da Rede Globo, falou sobre Implante Coclear. No programa, dia 19 de maio de 2009, o Dr. Ricardo Bento chamou:

“os surdos de párias da sociedade”, “não pode estudar, não poderá ter sua profissão, não irá socializar e sempre dependerá de alguém”, com isto gerou revolta na Comunidade Surda e fizeram processo contra este Dr. Ricardo¹⁸.

E teve mais um problema. Ao sair resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sobre escola, a escola Alcino Fanayna foi considerada um dos piores desempenhos no Paraná e a segunda pior no Brasil na avaliação de ENEM. Esta é uma escola especial para surdo e nem foi respeitada a própria língua dos surdos! A 1ª língua dos surdos é Libras e a segunda língua é a língua portuguesa. Esta escola trabalhou numa metodologia bilíngue e ENEM não respeitou! Por isso repúdio, revolta na Comunidade Surda. Fomos em passeata à Curitiba e fomos até o palácio do Governo reclamar e exigir nossos direitos! Falta intérprete de Libras, faltam professores capacitados para trabalhar com surdos, falta acessibilidade para surdos, falta respeito a nossa Língua! Precisamos valorização de Libras e TILS no PR! Foi no dia 1º de junho de 2009, foram mais de 500 surdos. FENEIS e associações de surdos se uniram por uma causa!

Figura 15 - PASSEATA DE COMUNIDADE SURDA EM CURITIBA



Fonte: arquivo pessoal da autora

No ano de 2010 professores surdos da APASFI, sob minha liderança, organizaram livros para curso de Libras. Publicamos no dia 14 de junho de 2010.

¹⁸ Sobre a matéria, ver os links <<http://blogvendovozes.blogspot.com.br/2009/06/polemica-do-programa-mais-voce-sobre.html>> e <<http://astilp.blogspot.com.br/2009/05/repudio-ao-medico-ricardo-bento-tv.html>> Acesso em 21/08/2018.

Figura 16 - LANÇAMENTO DO LIVRO



Fonte: arquivo pessoal da autora

No meio desta luta eu ainda não havia terminado o curso de Letras/Libras. No estágio prático, nos dividimos em grupos por região do Paraná: norte, oeste, leste, sul e central. Para cada grupo uma tutora. Tínhamos que fazer estágio de regência de Libras para surdo (L1), ouvinte (L2) e Literatura Surda.

Para não perder tempo, devido mudança de calendário de aula da UFSC, por causa da greve federal, nos comunicamos por e-mail, skype, oovoo, orkut combinamos aulas, encontros, treinos e atividades práticas em duplas ou trios. Éramos oito pessoas no oeste do Paraná. Eu fiquei com mais duas pessoas. Dividimos tarefa para pesquisar Projeto Político Pedagógico (PPP), regimento, entrevista e plano de aula. Depois juntamos relatórios em uma parte. Na segunda parte conversamos com professor de português e demos aula de português para surdo e também Libras (gramática) para surdo no ensino médio. Fizemos prática de ensino com ouvintes e os professores de português gostaram do desafio. Quiseram mais, quiseram coisa diferente! Quiseram que nós continuássemos dando aula, pois professora era ouvinte. Demos aula de literatura surda para uma turma de surdos do oitavo ano. Contamos a história do feijãozinho surdo, escrita por Liège Gemelli Kuchenbecker. Não tem o final desta história. Minha turma de 8ª ano tinha que decidir dois rumos no ensino médio do feijãozinho: ir para a escola inclusiva com presença de TILS, ou ficar na escola para surdo? Cada um fez uma história em quadrinhos sobre continuação da história do feijãozinho surdo. Foi legal e os alunos foram criativos e críticos, gostei deles. Em anos atrás, fui dar palestra numa faculdade em Toledo, elas me encontraram, nem me lembro

deles, pois tenho muitos alunos surdos em diversos lugares. Eles me contaram a história e lembrei! Que felicidade de estar estudando faculdade Letras Libras! E depois demos aula de libras para ouvintes no curso de Libras, fizemos gramática de Libras, fizemos material visual e aplicamos na aula. Gostaram de ver coisas diferentes, sentiram-se confusos e entenderam sobre variação linguística de sinais. Voltamos na UFSC, apresentamos trabalho final, relatório final de estágio. Professor foi avaliando junto das tutoras e monitoras. Fui aprovada e hoje sou professora de Letras/Libras!

Fiquei durante quatro anos e meio (parou algum tempo por causa da greve), na UFSC estudando Letras Libras. Depois de muitas viagens, correria, tristeza, alegria, confusão, união, diversão, seriedade, profissionalismo, acabei me fortalecendo na Identidade Surda Política, lutando por nossos direitos, lutando por nossa comunidade para futuras gerações. Conhecemos diversidades culturais, variações linguísticas e métodos de ensino. Finalmente chegou colação, festa formatura e nossa homenagem: a primeira turma de Letras Libras, que ficou em um quadro histórico no prédio UFSC – no Centro de Comunicação e Expressão (CCE). Vi minha foto, estou dentro desta história!

Figura 17 - QUADRO DAS FOTOS DA PRIMEIRA TURMA DE LETRAS/LIBRAS DA UFSC



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Durante o curso, os surdos começaram a criar várias coisas: literatura surda, poesia surda, teatro surdo, encontro de jovens surdos, movimento mulheres surdas, movimento surdos de tal região, encontro de professores surdos, criaram muitos artigos e diversos livros relacionando área dos surdos, fizeram apresentação de trabalhos nos eventos, mostra cultural, teatro surdo, DVD em Libras, material para curso de Libras, artesãos surdos e arte surda.

O MEC, no ano de 2011, mandou fechar escolas de Surdos do Instituto Nacional de Surdos (INES), impondo aos surdos estudar numa escola de inclusão. INES, um marco histórico da comunidade surda, fechar! Parecia ter voltado a Milão 1880, um retrocesso na vida dos surdos! Ficamos indignados, espalhamos na mídia e criamos um “Movimento Surdo em favor da Educação e da Cultura Surda”. O MEC não acredita na existência de uma cultura surda!

“[...] do ponto de vista da educação inclusiva, o MEC não acredita que a condição sensorial institua uma cultura. As pessoas surdas estão na comunidade, na sociedade e compõem a cultura brasileira. Nós entendemos que não existe cultura surda e que esse é um princípio segregacionista. As pessoas não podem ser agrupadas nas escolas de surdos porque são surdas. Elas são diversas. Precisamos valorizar a diversidade humana.” (LUCAS, 2010, p.23)

Isso causou revolta sobre comunidade surda. Mobilizamos, processamos no ministério público federal e fomos à Brasília, nos dias 19 e 20 de novembro. Foram umas cinco mil pessoas de todo o Brasil a lutar pelo nosso direito! Fui a Brasília e participei nesta luta e foi muito emocionante! Fiquei junto a grupos surdos do Paraná. Assistir as lutas dos líderes, acompanhando e dando força. Maioria eram meus colegas de Letras/Libras de nove polos! Conheci muita gente. Eles publicaram muitos artigos e documentos que comprovam que surdo em escola de surdo se desenvolve melhor do que surdo em escola inclusiva. Tem muitos depoimentos dos pais, alunos e professores sobre isso. E finalmente conseguiram conservar escola de surdos no Brasil!

Figura 18 – FOTO DA PASSEATA DOS SURDOS EM BRASÍLIA



Fonte: arquivo pessoal da autora

Durante o curso Letras Libras, acadêmicos e professores organizaram seminários de Letras/Libras. Cada polo organizou proposta para cada ano organizar o evento. Primeiro começou Florianópolis, depois Goiás, Fortaleza.

Cada evento sempre relacionando área de LIBRAS, formação professor de Libras, estudo linguístico, formação de intérprete de Libras. Este congresso é de suma importância para valorizar Libras e fluir os trabalhos. Continua até hoje este evento.

No ano seguinte, 2007, MEC, em parceria com a UFSC, criou PROLIBRAS uma prova de proficiência de Libras para professor de Libras e Intérprete de Libras. Eu fiz para professor de Libras no Ensino Superior. Pela primeira vez na minha vida uma prova adaptada para surdo. As provas eram realizadas em Libras! Também havia português, claro! Tinha um telão e fiscal cuidava vídeo. Cada um recebia prova escrita e via vídeo em Libras e respondia as questões no papel. Fiquei emocionada com a prova bilíngue!

No ano de 2010, quando terminou curso Letras/Libras, ficamos com coração vazio e dor de saudade. Foi momento que marcou nossa história: viagem, comunhão, amizade, compartilhamento de experiência, luta juntos.

A maioria dos colegas passaram em concurso público estadual e federal. Ficamos felizes com isso. Têm surdas que já estão vovós, casados, estudando, mestres e alguns doutores. Saudade enorme, lembranças boas. Quando tem seminário aqui no Paraná, por exemplo, encontramos novamente os surdos e nos abraçamos muito de saudade e “grudamos”. Não tenho saudade da faculdade particular que estudei, e sim muita saudade de Letras/Libras. É que nós queremos que seja eterno. Até que um grupo de Santa Catarina organizou um encontro informal em Blumenau, muita gente foi lá, mataram saudade, conversaram, passearam e jantaram juntos! Foi um momento feliz! Que pena! Não fui, pois tinha trabalho.

No último ano de Letras Libras na UFSC, abriram muitos concursos de professores de Libras. Cada um foi lutar e conseguiu passar no concurso disputando contra ouvinte. Cada vitória é um momento de alegria, conquistando espaço, levantando a bandeira de Libras! Todos surdos dão força, ajudando uns aos outros para passar na prova. Quando tomamos posse, mais uma vibração de vida. Então, eu fiz concurso de Professora de Libras na Unioeste – Foz do Iguaçu, foi momento tenso, pois tinha ouvinte disputando o cargo. Como ela é intérprete e não tem respeito pelo surdo?! Esta briga dos surdos contra intérpretes por disputa de vaga e profissão permanece até hoje!

Ainda bem que ela faltou e passei tranquila. A primeira professora surda na Unioeste Foz. Mais uma vitória conquistada.

Quando passei na UFSC, neste período, estive trabalhando na APASFI e na Universidade Particular, em 2009, ministrando aula de Libras. Trabalhar na faculdade particular foi minha primeira carreira acadêmica. Fiquei trabalhando lá por um ano.

Quando passei no concurso da Unioeste no ano 2010, saí do trabalho na faculdade particular e continuei trabalhando na APASFI (Escola para surdo). Era corrido, mas valia a pena aprender. Os dois têm diferentes planos de carreira.

As associações dos surdos foram enfraquecendo. Também escola para surdo começou a perder força, pois a maioria dos líderes surdos foram trabalhar nas universidades e esqueceram as crianças surdas e de que precisamos valorizá-las. As crianças surdas são o futuro da nossa geração e precisamos sempre lutar por nossos direitos. Isso me pesou. Antes escola e associação eram fortes e unidos. Quando surdos conseguiram passar em concursos, tiveram que sair da escola e ir para universidades. Nas escolas, a maioria dos surdos são contratados, e não são concursados. Por isso muitos foram para concursos e poucos ficaram nas escolas. Em São Paulo, a maioria dos surdos são bons profissionais, não têm mestrado e nem doutorado, mas são bons pedagogos e professores. Os surdos ficam nas escolas de surdos e vejo que as crianças são fluentes em Língua de Sinais, muito melhor.

Em São Paulo eles lutam para continuar escola de surdo. No ano de 2016 começou a preocupação, diminuindo alunos surdos, por causa da forte política de inclusão. Tiveram as escolas de surdos de fechar as portas e demitir os professores surdos. Tenho amigos surdos que estão desempregados e tristes com futuro das crianças surdas. Não dá para as crianças surdas aprenderem com a presença de intérprete se não tiver aquisição de linguagem antes de ir para escola! Poucos têm disciplina de Libras, mas isso não ajuda muito o desenvolvimento das crianças surdas. FENEIS como referência do país está pesquisando e analisando, ainda lutando em Brasília. Os professores surdos ainda lutam por melhor condição de vida e para melhorar carreira. O único jeito é ir trabalhar na faculdade ou universidade, infelizmente.

Lembro quando trabalhei na APASFI. Uma vez conversei com as crianças surdas e perguntei o que faziam nos finais de semanas. A maioria afirmou que ficava em casa. Não iam passear. Uma surda me disse: “meu irmão foi passear com minha mãe e eu fiquei com minha avó!” Outro me disse: “na hora de jantar, todo mundo conversando e eu fico sozinho vendo TV”. Quando vai crescendo, sem vínculo de comunicação de família, vai começando a sair de casa, vai para escola, vai para associação, vai para casa de amigos, vai para a rua, não fica em casa e a família começa a ter preocupação. Já aconteceu um caso de me procurarem: a mãe de um jovem surdo me pediu para ensinar Libras para ela poder conversar com filho. Eu disse que era impossível aprender tudo de uma vez. Aprender demora uns dois anos. Ficou desesperada, fiquei sem entender, apareceu outra professora ouvinte, me ajudou interpretar a situação, e esta professora conhece ela e o surdo. A professora que interpretou a nossa conversa ficou brava com a mãe. Disse que já tinha avisado e que a escola teve curso de Libras para família e a mãe não havia ido. Agora a mãe estava sofrendo porque o filho surdo estava usando drogas e estava sumido. Dou recado para os pais dos surdos: deixe seu filho aprender Língua de Sinais, assim ele crescerá numa forma “saudável” e será um cidadão.

Para entender melhor o que estou contando aqui, é importante diferenciar escola inclusiva de escola de/para surdos.

Escola de inclusão é uma escola pública onde os estudantes ouvintes e surdos estudam juntos, com presença de professores ouvintes de cada disciplina e intérprete de Libras. Desta forma a escola inclusiva não inclui, pois somente a presença de intérprete de Libras não garante a inclusão. É preciso ter disciplina de Libras, disciplina de português para o surdo aprender português na modalidade escrita como L2 e acessibilidade. como campanha luminosa e funcionários que sabem Libras. Somente a presença de intérprete de Libras é integração. Ausência de intérprete de Libras é exclusão.

Na escola básica regular sempre estudei sem presença de TILS. Me sentia incluída e ao mesmo tempo excluída, isto é, percebia que estava dentro da escola, mas sem integração e respeito. Por exemplo, quando tocava sinal de intervalo, todos estudantes ouvintes saíam correndo para a cantina e eu era a última a sair. Na cantina eu ficava no último lugar da fila e quando chegava

minha vez em pouco tempo tocava sinal para voltar para aula e eu tinha que comer rápido ou trazer meu lanche. A maior parte do ensino fundamental passei tempo no recreio sozinha. No ensino médio eu ficava junto com minhas amigas, mas não conseguia acompanhar a conversa. Quando falava em voz, alguns entendiam minha fala e outros não, alguns riam por eu falar errado. Sentia-me constrangida.

Com a presença de TILS, me sentia incluída, mas pouquíssimo integrada e, ainda, excluída. Isto significa que estava na sala de aula, com presença de TILS. Mas com TILS eu tinha acesso ao conhecimento e à informação e podia aprender conteúdos na sala de aula. Ao fazer trabalho, ir à secretaria, no intervalo, surdo sempre era “segregado”, surdo para cá e ouvinte para lá. Não havia compartilhamento, conversa entre surdo e ouvinte e união. Havia barreira de comunicação, falta de recurso visual, pois todo conteúdo sempre era falado, os filmes eram sem legenda, com material e metodologia próprios de ouvintes. Um exemplo era na aula de português. O professor sempre fazia ditado, o que não combinava com surdo. Música na aula de inglês ou espanhol para surdos, como? Precisa mudar o método para que os surdos e ouvintes aprendam juntos. Não tem tempo para professor organizar material junto com TILS para melhorar método de ensino? É o ideal, mas, infelizmente, não ocorre. Português na sala de aula é ensinado para ouvinte e surdo não acompanha, pois para surdo a 1ª língua é Libras e a 2ª Língua é o português na modalidade escrita, e junto na sala de aula, não dá certo. Onde surdo aprenderá L1 e L2 com método ideal para surdo crescer como sujeito bilíngue? Surdo não tem 6 olhos para ficar olhando quadro negro, TILS, livro, caderno, professor ao mesmo tempo! Tudo que vivenciei, não foi fácil, hoje estou com vista cansada.

Para ocorrer uma escola inclusiva numa forma correta, o que nós surdos queremos, é ter uma sala de aula que tenha campainha luminosa para saber intervalo e troca de aula, funcionários da escola que saibam Libras para dar as informações que precisamos, professores com conhecimento sobre o surdo que tem sua língua, sua cultura, sua história, sua identidade e o trabalho de TILS. Importante ter disciplina de Libras para ouvinte aprender sobre Comunidade Surda, e na disciplina de português seria ideal sala de aula separada para surdo, com professor formada na área de Letras/Libras, para

ensinar português para surdo. Por exemplo, quando é a hora de ensino de Português, o estudante surdo vai à outra sala, só para surdo, para aprender português como L2 na modalidade escrita. E com isso os surdos se sentiriam bem na escola inclusiva. Infelizmente não está ocorrendo desta forma. Em vez de incluir está havendo exclusão.

Há muitos anos que estamos lutando para melhor qualidade na educação inclusiva, mas não está ocorrendo e está muito longe para realizar. Muita gente pensa que hoje existe escola bilíngue, mas não é verdade, é utópico.

Educação Bilíngue para Surdo ocorre na escola regular/especial que tem estudantes surdos, com a presença de professores surdos ou ouvintes que sabem Libras e Metodologias de acordo com a Cultura Surda. Este é o maior sonho dos surdos. Estão lutando para ter a própria escola desde o ensino infantil até o ensino superior. É uma batalha a ser conquistada. Para entender bem, estudei na UFSC de Letras/Libras. Meus amigos e meus colegas eram surdos e só tinha 2 ouvintes. Os professores eram surdos, formados em mestrados e doutorados. Os professores ouvintes sabiam Libras e didática para surdo. Tinha alguns professores ouvintes que não sabiam Libras, mas atuavam junto a TILS. Foi um momento maravilhoso, na qual os professores ensinaram no método próprio para surdos, ensinando LS e LP numa forma bilíngue. Também é importante a construção de identidade surda política, que luta por seus direitos e deveres como cidadãos surdos. Este é maior sonho dos surdos nas escolas bilíngues, que atualmente tem desde ensino infantil até ensino fundamental (de 1º ano até 5º ano). São raras as escolas com ensino fundamental 2, do 6º ao 9º ano e ensino médio.

A Comunidade Surda, no século 21, trava uma batalha para não fechar a escola de/para surdo e construir mais escola para surdo e pela valorização da Língua de Sinais, por mais respeito, mais empatia e mais acessibilidade.

Foz do Iguaçu tem uma escola de e para surdos: a Associação dos Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu (APASFI), que foi fundado no dia 08 de dezembro de 1982. A APASFI antes era o Centro de Reabilitação da APASFI, na época da visão clínica com objetivo de corrigir o “defeito”. O trabalho centralizava mais no desenvolvimento da audição e da fala, e não nos estudos das disciplinas, como matemática, português, ciências e história. Os surdos

eram obrigados a aprender a falar e a ouvir para depois serem inseridos na sociedade. O treinamento era muito árduo, repetido, “papagaio” e robotizado. A maioria dos surdos não conseguiu atingir objetivo e alguns surdos desenvolveram uma fala fragmentada.

A APASFI tem uma equipe formada por fonoaudióloga, psicóloga, assistente social, pedagoga e professores especializados na área da surdez.

No ano de 1993, ainda época do oralismo, a APASFI começou a se preocupar com a escolaridade. Com a resolução 964/93, a APASFI passou a oferecer, aos alunos surdos sem escolaridade e já de idade maior, o Centro de Ensino Supletivo (CES), atual Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA). Os professores da APASFI passaram a dar suporte aos conteúdos para eliminação das disciplinas nas provas finais.

No ano seguinte, começou o ensino regular no município, de 1ª série até 4ª série do 1º grau. As aulas eram compostas por professores da APASFI que tinham conhecimentos sobre surdos.

Em 1994 começou a ser usada na APASFI a Língua de Sinais, mas só no CES, no período noturno. Os professores e os alunos começaram a se comunicar em Libras e foi estabelecido o intercâmbio linguístico/cultural. Com isso deu certo o avanço, liberando todas as classes para o uso da língua de sinais, desde a educação infantil até a educação de jovens e adultos.

Na época de oralismo, a família seguia orientações de cuidados de aparelhos auditivos, comportamento e atividades escolares. Como a maioria das mães se preocupava com desenvolvimento do filho surdo, APASFI, com a equipe técnica, criou um Grupo Familiar, com o objetivo de reunir vários membros da família, procurando envolvê-los no âmbito escolar. Nas reuniões eram levantados e discutidos diversos assuntos.

No ano de 1996 a equipe e professores começaram a estudar mais sobre surdos: corrente oralista e corrente não oralista; concepção clínica e concepção sócio-antropológica, representação social da surdez através da análise das terminologias de educação, correntes educacionais como comportamentalismo e sócio-interacionismo, língua de sinais, educação especial e outros. Com estes estudos, se ampliou novo horizonte. Passou a haver participação dos surdos como instrutores e professores.

Com a nova concepção foi concluído que a terminologia “surdos” era mais adequada. Perceberam que os surdos levavam uma vida normal, namoravam, casavam, tinham filhos, trabalhavam e não apresentavam nenhum déficit intelectual. Então, os surdos não são “deficientes” e sim sujeitos capazes, produtivos, respeitados em sua diversidade linguística e cultural.

Os professores surdos e ouvintes, equipe técnica, pais e surdos participaram de vários congressos, estudos nos livros, viram experiências em outros países e perceberam que Bilinguismo é uma nova proposta, positiva para educação de surdos. A proposta bilíngue é considerada adequada para a educação do surdo, resgatando o direito do surdo à educação, ao uso da sua língua natural e ao respeito por sua cultura.

A APASFI atualmente oferece educação bilíngue para os alunos surdos, Língua de Sinais como a 1ª língua da escola, e o ensino de Língua Portuguesa na Modalidade escrita como 2ª língua. A APASFI também oferece curso de Libras para pessoas ouvintes.

Dentro da APASFI tem uma escola que se chama Escola Lucas Silveira. Ela foi fundada no dia 17 de setembro de 1999 e oferece educação bilíngue para alunos surdos. A educação bilíngue é a Língua de Sinais, como a 1ª língua da escola e o ensino de Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como 2ª língua. Atualmente são 42 surdos matriculados na escola desde ensino fundamental (1º ano até 5º ano) e EJA. Tem apoio pedagógico para o ensino fundamental (6º ano até 9º ano), ensino médio e magistério.

Em 2010, quando entrei na Unioeste, passei a ministrar aula de Libras. Durante o processo, percebi muita coisa. Quebrando mito sobre pessoa surda, muitos alunos estiveram à presença de professora surda pela primeira vez. Durante aula foram aprendendo a história dos surdos, cultura surda, educação de surdo e a sua língua. Perceberam que 68 horas não dá para aprender muita coisa, principalmente Libras. Em 68 horas não se aprende a ensinar alunos surdos e não há como praticar comunicação. Aprender Libras é aprender uma língua! O ideal é ter mais carga horária para aprender mais de Libras. Em 68 horas não dá para aprender o básico sobre Libras, sobre sujeito surdo, educação de surdo, intérprete de Libras, Leis e decreto de Libras.

Quando comecei a trabalhar na Unioeste, os professores, estagiários, coordenadores, diretor e estudantes, no princípio, não sabiam lidar comigo,

mas com a presença de TILS, expliquei como chamar-me, conversar, e com o tempo foram se acostumando. Maioria não sabia o que é Libras. Em palestras, aulas, reuniões de colegiado, fui explicando sobre área dos surdos. Aos poucos foram se abrindo as mentes, alguns foram aprendendo Libras para se comunicar comigo. Preciso explicar sempre. Não tenho quatro olhos para ficar olhando acadêmico e intérprete de Libras ao mesmo tempo. Você locutor pode falar normal me olhando, mas eu olho para TILS. Quando eu respondo ou converso com você, olho para você. Você me olha enquanto fico falando em Libras e ouve a voz do Intérprete de Libras. Aconteceu casualmente que meu nome “Andréa”, na Itália, é masculino. Uma vez, no Parque Tecnológico da Itaipu (PTI), encontrei professor cego da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que na época tinha aulas dentro do PTI. Conversei com um professor cego da UNILA e ele me estranhou e me perguntou: você é mulher ou homem?! Pois tem colega homem dele que se chama Andrea e trabalha na Unila e também meu intérprete é homem. Então expliquei claro, que sou Andrea, feminina, e que meu TILS é homem.

Se não fosse o Programa de Educação Especial da Unioeste (PEE), como seria meu trabalho e acesso universitário no momento de inclusão?! Prefiro que tenha TILS concursado do que contrato por dois anos, isso prejudica minha profissão, pois, cada vez que chega alguém novo para trabalhar como TILS, tenho de explicar novamente termo certo para traduzir, e significado de cada coisa. Agora vamos levantar bandeira pela valorização de TILS nas Universidades.

4.6 Turismo em Foz do Iguaçu

Sobre passeio turístico em Foz do Iguaçu, quando mudei de São Paulo para Foz do Iguaçu, conheci Cataratas do Iguaçu e Itaipu Binacional. Como naquela época eu era oralizada, nem pensei na inclusão. Só via paisagem, me encantava, via imagem e ia passeando. Não sabia da história, quem era Alberto Santos Dumont, lenda de Cataratas e construção de Itaipu. Quando comecei trabalhar no Itaipu, mostraram um pouco da história dos trabalhadores de Itaipu, mostraram a história de criação do Refúgio Biológico e o Ecomuseu.

Foram me mostrando e me deram material para ler, para que eu pudesse ensinar para surdos. Aos poucos fui aprendendo. Via todos os animais e seus comportamentos, batizei sinais de todos os animais, poderia ter feito foto em Libras para registrar sinal de todos os animais. Sobre batizar sinais, nós, surdos, sempre batizamos pessoas e animais com sinais. O sinal é sempre escolhido de acordo com uma característica bonita da pessoa ou do animal. Eu gostava de ficar na Itaipu, admirando natureza e mostrando para turista. Fui melhorando financeiramente e fui passear em vários lugares turísticas de Foz. Percebi muita barreira de acessibilidade, tem muito guia de turismo, mas não sabe nada de Libras e nem Língua de Sinais. Tive a ideia de entrar em contato com chefe, explicando sobre a importância de acessibilidade. Itaipu me diz que nunca veio surdo para passeio. Mas eu vi muitos surdos que iam à passeio. Maioria vem com família ouvinte e a família explica resumo. Aconteceu um dia que eu trabalhei como “guia de turismo” em Foz do Iguaçu para meus amigos surdos de São Paulo. Os levei à Itaipu. Era férias e havia muito movimento. Mostrei para eles os bons passeios em Libras. Na ITAIPU tinha um surdo com aparelho na fila, me olhando. Quando olhamos para ele, ele se virou e fingiu que não viu. Depois de um tempo, pegamos ele. Ele disse: “na foto da Barreira de Itaipu tem água e na realidade não tem, por quê?!” Eu expliquei que precisa chover muito na região, quando encher, para evitar transbordar, Itaipu abre barreira. Então, não choveu muito e não tem água agora. Ele entendeu e os surdos turistas também, viram que Itaipu estava com barreira fechada porque não tinha muita água. Expliquei tudo que aprendi, ficaram emocionados, fizeram muita pergunta e respondi tranquila. Ficaram bravos com Itaipu e Cataratas, pois tem guia que fala várias línguas e falta Língua de Sinais.

Temos direito de ter alguém que saiba Língua de Sinais, processaram. Agora adoro passear e ir ajudando surdos de fora para conhecer cidade de Foz do Iguaçu, apesar de ainda não ter acessibilidade. Agora tem lei dizendo que precisa ser cumprido, mas, infelizmente, não está ocorrendo. Já fui passear com surdos de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Maranhão, Pernambuco, Santa Catarina, Alemanha e Itália para conhecer Foz do Iguaçu e os passeios foram prazerosas. Expliquei para eles a história tranquila, mesmo sendo variações linguísticas e sinais serem diferentes na Alemanha e na Itália, entenderam o contexto.

Importante mostrar o classificador e o visual para ajudar a entender. O classificador é um sinal que vem antes ou depois da palavra para mostrar ao que ela se refere. Por exemplo, depois do sinal de um animal, faz outro sinal para dizer se é macho ou fêmea. Percebi que meu irmão que é intérprete de Libras e meu amigo ouvinte que sabe Libras têm dificuldade de entender surdos de outras cidades e de outros países, pois sinais são diferentes. Não tem como agir normal. Eu, surda, naturalmente converso e, se tiver dúvida, repetimos. Pensei: como guia de turismo ouvinte pode aprender Língua de Sinais para atender diversidades turísticas surdas?! A língua de sinais não é universal, cada país tem seu idioma e na mesma forma em Língua de Sinais cada país tem seu idioma. O jeito é usar classificador, apontamento e visual. Por isso é fundamental aprender expressão corporal e facial, saber usar mímica, saber ser criativo para mostrar ou se expressar. Fui ao Ecomuseu junto com surdo turista de Alemanha e um rapaz que atendia não sabia se expressar. O surdo pediu para olhar o museu, fui passeando e tinha um senhor que era ex-trabalhador de Itaipu. Falei em gesto porque ele tinha ouvido “ruim” (fiz gesto de ouvinte) ele entendeu. Ele chamou a gente e mostrou foto de caminhão e trator, ele fez gesto: eu cavar caminhão trabalhar muito. Depois mostrou turbina, mostrou para nós como funciona, fez gesto e aprendemos fácil. Foi legal! É isso que precisa. Precisa ser criativo, se expressar de alguma forma, usar linguagem corporal. Por isso, criei curso LIBRASTUR para guia de turismo de Itaipu compreender o mundo surdo. A APASFI também ministra curso para macuco safari, hotel, aeroporto e outros lugares, para ajudar a atender turista surdo.

Fui passear na Argentina, em Puerto Iguazú, nas Cataratas do Iguazú, Aripuca, Casa de Plástico e Parque das Aves. Lá existe preocupação com acessibilidade para todos. Tem pessoa que sabe Língua de Sinais, mas tive que me virar em Língua de Sinais de Argentina (LSA). Consegui entender contexto, eu daria nota mil! No Brasil, que vergonha! E no Paraguai só vou para fazer compras, por isso é fácil comunicar no papel por escrito, em espanhol ou português, ou fazer gesto, dependendo do vendedor.

4.7 Acessibilidade para Surdos nas Empresas

Quando uma empresa tem empregado que sabe Libras, atrai clientes surdos. Surdos comentam sobre lojas e lugares onde tem gente que sabe Libras e vão sempre. É fundamental a empresa se preocupar com cidadão surdo e procurar fazer curso de Libras.

4.8 Acessibilidade para Surdos na Saúde

O que mais preocupa é a acessibilidade dos surdos em Foz na área da saúde. Muitos surdos vão ao médico e não tem intérprete de Libras. Sempre haverá barreira de comunicação. É preciso chamar Intérprete da APASFI para ir junto ao médico. Mas como o intérprete fica de plantão, se acontecer um caso?! Infelizmente aqui em Foz ainda falta Intérprete de Libras nos hospitais e nos postos de saúde. Isso precisa ser resolvido com urgência, pois já morreram três surdos! Seria bom enfermeiro ou médico saber Libras. Ficaria mais tranquilo. A maioria dos surdos leva pais ou irmãos ou filhos para serem “intérpretes”, mas eles sinalizam resumido e não explicam tudo o que o médico fala. Difícil surdo ir sozinho. Eu geralmente, no primeiro dia, ou seja, na primeira vez que vou ver o médico, levo minha mãe para me acompanhar. Observo se ele tem um jeito de entender, se eu consigo entender e na consulta seguinte vou sozinha e levo bloco de papel e caneta se precisar. Fui ao oftalmologista. Pela primeira vez na consulta fui com minha mãe, mas pedi para ela não falar nada, só eu. Quando eu não entendia, pedia ajuda. Então fiz gesto para oftalmologista e ele entendeu. Ele também fez gesto e expressão e eu fiquei feliz com entendimento dele. Depois o médico explicou para minha mãe conferir se eu entendi e também minha mãe conversou com médico para verificar se eu entendi, deu certo.

O importante para médico que não tem tempo para fazer curso de Libras, é se expressar em linguagem corporal e visual, se possível escrever ou falar. Tem algumas faculdades de medicina e de enfermagem com disciplina de Libras e isso vai ajudar o básico para atender Comunidade Surda. Os surdos

ainda estão lutando por concurso de Intérprete de Libras para atender os surdos iguaçuense nos lugares públicos e, principalmente, na saúde (hospital).

4.9 Libras e Identidade Surda

Desde que descobri minha identidade, sou surda, amo Libras, é minha língua. Quando aprendi Libras, mudou muito minha vida! Houve avanço, desenvolvimento, e imagina se não aprendesse Libras, onde estaria minha vida?!

Sempre vejo meus amigos e já presenciei a luta dos surdos na sociedade, sempre perguntam: “Você sabe ler?!” Esta pergunta foi feita por um médico para uma surda doutora da UFSC. Acho uma pergunta muito ridícula, revolta, chateia, o que pensam que nós somos?! Para pensar, você sabe ler este pequeno texto?

Figura 19 - TEXTO ESCRITO EM ÁRABE



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Se não souber ler, me desculpe, está mentindo para mim, fale a verdade, sabe ler! Você está com preguiça de ler! Ou digo: Você é burro/a! Não sabe ler, vou conversar com seus pais para encaminhar para a psicopedagoga. Você se sente bem se eu falar isso? É da mesma forma que lidam com a pessoa surda. Quando você for professora, ou quando falar com surdo, cuidado ao falar isso!

Sempre vou ao médico, para fazer consulta. Médico me conhece e sabe que trabalho na APASFI, e nesta vez falei que trabalho na Unioeste. Médico ficou espantado, como você consegue falar e ouvir?! Precisa ir ao médico

especialista para colocar implante, tratamento da fala e auditiva. Estou bem, qual problema com minha surdez? Sou feliz por ser surda e tenho orgulho disso. Falo em Libras, que é minha língua, e todos precisam aceitar Libras, pois é língua do povo surdo. Digo uma coisa, saber falar e ouvir lhe torna inteligente? Isso não é verdade, saber ler e escrever forma a inteligência?! Depende das situações. O que importa agora é sempre se esforçar, procurar estudar, aprender e lutar por conquistas.

Meu irmão caçula já faz 10 anos que está casado e tem uma linda filha ouvinte de três anos que já está aprendendo uns poucos sinais de Libras e já me chama de tia em Libras! Que coisa linda!

Para finalizar, minha família, com todo sacrifício que a minha mãe fez no passado, e hoje sou uma professora Universitária, sou capaz, sou do grupo de minoria linguística, sou pessoa normal como qualquer um e meu único problema é a língua/ comunicação. Só precisa me respeitar e aprender minha Língua.

Quando aprendi Libras, mudou muito a minha vida, “abriu meus olhos”, me senti leve, senti autonomia, enfrentei e me assumi que sou surda. Se não tivesse aprendido Libras, estaria na beira do abismo, ou seja, não estaria viva. Libras me deu a vida, Deus sabe Libras, Ele sabe todas as línguas, como é lindo aprender Libras, olha até que ponto que cheguei!

Onde levar a criança surda para aprender Língua de Sinais? Depende da sua região, mas em primeiro lugar procure escola de/para surdo. Se não tiver, procure escola que tenha classe bilingue, isto é, uma escola que tenha uma sala de aula só para surdo, que tenha professor surdo ou professor ouvinte que saiba Libras e tenha formação na área.

Eu já vi professora ouvinte que sabia um pouco de Língua de Sinais, ensinando para estudante surdo e usando “português sinalizado”. Surdo ficava sem entender. Depois, na sala de professores, ela ficava reclamando, falando mal do surdo que não aprendeu. Fui conversar com ela sobre o motivo desta reclamação. Ela me explicou e me mostrou como ela explicava em “Libras”. Eu perguntei como vive tal animal, como ele come, como ele faz, disse para ela pensar em Libras. Ela parou para pensar, falou em Libras e percebeu a diferença. O estudante surdo não tem culpa, pois a professora é “fraca” em Libras. Quem não conhece bem a estrutura linguística de sinais, também não

conhece cultura surda, que é bem diferente de ouvinte, e nem adianta reclamar que o surdo não aprende, pois o método é de ouvinte.

Abaixo, segue um quadro mostrando as reportagens sobre educação de surdos que retratam a história que eu vivi, falando ao meu respeito. Eles ajudam a comprovar a história que aqui contei.

QUADRO 1 – REPORTAGENS QUE MOSTRAM MINHA HISTÓRIA

FONTE	DATA	CONTEÚDO
Folha de Londrina – Cidades.	Dia 08 de dezembro de 1996.	Andréa prestará vestibular para computação.
A Gazeta do Iguaçu – Educação Caderno 2	Sábado e Domingo, 22,23 de Março de 2003.	Professora com deficiência auditiva vai lecionar na APASFI.
A Gazeta do Iguaçu – Cidade Caderno 1	Sábado e Domingo, 31 de Maio e 01 de junho de 2003.	Professores aprendem linguagem de sinais.
A Gazeta do Iguaçu – Evento	Sábado e Domingo, 27e 28 de setembro de 2003.	Surdos pedem inclusão. (Dia do Surdo, Surdo pede interprete de Libras na Universidade)
Tribuna PR – Paraná Onlinne – Notícias	Dia 13/11/2004	Seminário Paranaense de Surdos debate a política de inclusão social (Faxinal do Céu)
A Gazeta do Iguaçu – Variedades Caderno 2	Quinta-feira, 24 de fevereiro de 2005.	Ouvir com os olhos e falar com as mãos.
A Gazeta do Iguaçu – Sociedade Caderno 2	Terça-feira, 15 de março de 2005.	Por uma cultura própria. (Reportagem sobre curso de Libras, e meu irmão que é interprete de LS)
H2FOZ – Blog da Redação.	Dia 24 de setembro de 2005.	Dia Nacional do Surdo será na segunda, 26. (Encontro dos surdos no Refugio Biologico Bela Vista – RBV de Itaipu)
A Gazeta do Iguaçu – Surdos -	Segunda-feira, 26 de setembro de	A linguagem dos gestos.

Caderno 2	2005.	
Diário Catarinense. Geral Pag. 23	Sábado de 28 de outubro de 2006.	UFSC começa o 1º curso de Língua de Sinais.
A Gazeta do Iguaçu – Comemorativo Caderno 2	Sábado e Domingo, 02,03 de dezembro de 2006.	Um dia especial. (Uma reportagem sobre dia internacional do deficiente)
A Gazeta do Iguaçu – Cidade Caderno 1	Terça-feira, 19 de dezembro de 2006.	Preconceito ainda é grande na inserção social de surdos.
Blogspot – Diário de TILS	Quarta-feira, 20 de maio de 2009.	Implante Coclear – Mais Você (Ana Maria Braga) – Carta Aberta /Indignação
Folhetos de Feneis	Dia 01 de junho de 2009.	Manifesto em defesa da obrigatoriedade da Língua de Sinais nas escolas.
Gazeta do Povo – Vida e Cidadania	Segunda-feira, 01 de junho de 2009.	Surdos fazem passeata em Curitiba em defesa de direitos na educação
Jornal Bonde	Segunda-feira, 01 de junho de 2009.	Manifestação defende obrigatoriedade de sinais
Tribuna PR / Paraná Online – Notícias	Terça-feira, 02 de junho de 2009.	Passeata cobra divulgação da língua de sinais
Gazeta do Povo – Vida e Cidadania	Terça-feira, 02 de junho de 2009.	Surdos fazem passeata em Curitiba em defesa de direitos na educação
A Gazeta do Iguaçu Caderno 2 – B7	Quinta-feira, 15 de julho de 2010.	Com o mundo nas mãos. (Sobre publicação do livro de Libras da região de Foz)
Jornal de Senado. Pagina 4.	Sexta-feira, 20 de maio de 2011.	Manifestação pede educação bilíngue com uso da Libras.
A Gazeta do Iguaçu Caderno 2 – B1	Segunda-feira, 26 de setembro de 2011.	Lutas históricas dos surdos são lembradas em encontro na APASFI.
A Gazeta do Iguaçu Caderno 2 – B7	Segunda-feira, 11 de junho de 2012.	APASFI: o que é?
ClickFoz do Iguaçu	Dia 04 de maio de 2013.	Complexo turístico de Itaipu é capacitado para atender turistas com deficiência auditiva

Notícias - Prefeitura do Município de Foz do Iguaçu	Dia 17 de maio de 2013.	Conferência Mun. dos Direitos da Pessoa com Deficiência
Noticias – Unila – Acessibilidade e Inclusão	Publicado em 15 de agosto de 2014.	Acessibilidade e inclusão
ClickFoz do Iguaçu	Dia 30 de maio de 2016.	Foz do Iguaçu recebe II Fórum de Acessibilidade
O Paraná – Jornal de Fato – Cotidiano	Dia 21 de setembro de 2017.	Enquanto o intérprete não vem...
Carta sobre Seminário de Educação Especial – PEE e Fórum IEES/PR	Dia 27 e 28 de setembro de 2016.	Seminário de Educação Especial e Fórum para discussão das propostas, na Unioeste, Campus de Cascavel.
Rádio Cultura Foz	Dia 27 de setembro de 2016.	Sessão especial marca o lançamento do filme “carta da terra para crianças
Notícia da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu.	Dia 27 de agosto de 2017.	Concurso para Intérprete de Libras foi principal reivindicação do debate sobre acessibilidade
Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, Requerimento Nº 558/ 2017, 13 de setembro 2017.	Dia 13 de setembro de 2017.	Vereadora Rosane Bonho fez uma carta: “Requer ao Prefeito Municipal informações acerca da possibilidade de realização de concurso público para contratação de profissionais habilitados para Intérpretes de Libras em todos os órgãos da Prefeitura”
Notícia da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu.	Dia 21 de setembro de 2017.	Dificuldades das Pessoas com Deficiência são debatidas em audiência sobre acessibilidade
Notícia da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu.	Dia 23 de novembro de 2017.	Em novo debate sobre acessibilidade, população retoma reivindicações por ações concretas
Hoje News (Cascavel) – Edição 7974, Ano XLI –	Dia 12 de março de 2018.	Ação judicial marca início do ano letivo

Local (pág. 12)		
O Paraná – Jornal de Fato – Cotidiano	Dia 14 de março de 2018	Intérpretes pela Justiça
Ata da reunião do Fórum da Educação Especial da IEES do Paraná.	Maringá, 09 de abril de 2018.	Reunião entre os representantes dos serviços de educação especial IEES do Paraná durante o “VII Encontro Paranaense de Psicologia Escolar e Educacional.”
Notícia da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (CMFI) – Dia Nacional da Libras.	Dia 20 de abril de 2018.	Câmara Municipal recebe evento em comemoração ao Dia Nacional da Libras
Notícia da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (CMFI) - Apoio do Legislativo.	Dia 24 de abril de 2018.	Em evento alusivo ao Dia Nacional da Libras, comunidade aborda dificuldades de comunicação e acessibilidade
Gazeta Diário (Gdia) - Cidade, pág. 11, Lei de Libras.	Terça-feira, 24 de abril de 2018	Celebração da lei que reconhece a LIBRAS como língua nacional.
Notícia da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (CMFI) – TV Câmara/ Dia de Libras.	Dia 27 de abril de 2018.	Debate na Câmara Municipal no dia Nacional da Libras.
O Paraná – Jornal de Fato – Cotidiano	Dia 15 de junho de 2018.	O descaso com os surdos
Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (CMFI) – Indicações nº 801/ 2018, 22 de julho de 2018.	Dia 22 de julho de 2018.	Indica ao Prefeito Municipal a realização de concurso público objetivando a contratação de intérpretes, tradutores e professores de LIBRAS
O Paraná – Jornal de Fato – Cotidiano	Dia 13 de agosto de 2018.	Enfim, intérpretes!

Fonte: sistematização da autora

No próximo capítulo, mostrarei meus princípios pedagógicos como professora pedagoga surda, que ensina crianças surdas.

5 PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE UMA PROFESSORA SURDA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sou professora de Libras, pedagoga surda. Trabalhei com estudantes surdos desde a educação infantil até o ensino médio. Ensinei surdos adultos e idosos do EJA. Passei a trabalhar com acadêmicos ouvintes na Universidade a partir do ano de 2010. Neste trabalho, vou mostrar meu trabalho na educação básica em escola de/para surdos.

Meus princípios pedagógicos têm como base a pedagogia de Paulo Freire. Paulo Reglus Neves Freire, conhecido Paulo Freire, nasceu em Recife, no Estado de Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921, em família humilde.

“Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra de mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos, o meu giz.” (FREIRE, 1989, p.11).

A palavra significativa é importante para a educação de surdos, por isso a teoria de Paulo Freire é um bom princípio pedagógico. Paulo Freire foi pobre e quando se formou em direito sentiu a necessidade de ajudar os trabalhadores analfabetos que não conheciam seus direitos. Freire trabalhou como professor de Português de adultos. Sentiu necessidade de ajudar a alfabetizar os alunos da classe trabalhadora. Então procurou alguns materiais de alfabetização, mas tudo era para criança, e não combinava com os adultos. Para ensinar os adultos, sentiu necessidade de *“conhecer também mais dos problemas sociais que o afligiam”* (GADOTTI, 1996, p.36). Freire não via a educação para ser acadêmica ou profissionalizar, isto é, não se preocupava em ensinar para o vestibular, e sim com a participação do povo no processo de vida social. “Indignava com a pobreza, as injustiças sociais e o generalizado analfabetismo do povo” (GADOTTI, 1996, p. 36). Freire fez uma experiência em Angicos, no Estado do Rio Grande do Norte, em um programa de alfabetização de adultos, com 300 trabalhadores do campo, por 45 dias. Conseguiu alfabetizar e formar cidadãos críticos.

O objetivo do método de Paulo Freire era promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento

da realidade social. Freire criticava o sistema tradicional e o uso da cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e da escrita.

“Não basta saber ler que “Eva viu a uva”, diz ele. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. (GADOTTI, 1996, p. 72)

O método das cartilhas tinha jeito “infantil” e atividades sem sentido. O ideal para Freire era conhecer a vida dos educandos e aproveitar o universo vocabular deles para incentivar a aprendizagem da leitura e da escrita. Com as “Palavras Geradoras”, Freire fazia levantamento do universo vocabular dos alunos, através de conversa informal. Depois apresentava as palavras em cartaz, com imagens. Usava os cartazes para discutir com alunos os significados das palavras, a realidade e a escrita das palavras. Segundo Gadotti (1996), o trabalho de Freire tinha três fases mais importantes:

1. INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA: professor e alunos buscavam as palavras e temas significativos. Durante conversas, Freire aproveitava para pegar algumas palavras e escrever no quadro negro;
2. TEMATIZAÇÃO: professor e alunos codificavam e decodificavam os temas, buscavam significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. Freire começava a conversar com os alunos sobre os significados das palavras, discutir e desenvolver conhecimentos. Os alunos começavam a aprender a ler e a escrever;
3. PROBLEMATIZAÇÃO: por meio de debate, os alunos eram levados a substituir uma primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido. Os alunos começavam a entender os significados, quebrando o senso comum e abrindo os “olhos”.

Na Pedagogia de Paulo Freire, o fundamental não é só aprender a ler e a escrever, mas ter sentido na vida, para poder enfrentar a vida.

Freire (2014) é contra a educação bancária. Na educação bancária os alunos só ficam assimilando o conhecimento do professor, não podem trocar opinião, discutir. Só professor que sabe tudo e o aluno só obedece.

O papel do professor seria de “coordenador”, ele “não sabe tudo”, mas sempre vai aprendendo as novidades e ensinando a criticar a realidade. Os alunos também têm seus conhecimentos, por isso é importante o diálogo, quebrando noções dos alunos que são mito ou senso comum e substituindo pelo pensamento científico. Professor e alunos aprendem juntos. O professor é “mediador” e aluno é “pesquisador”. Segundo Freire: *“ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos, na transformação do mundo”* (FREIRE, 2014, p.78).

O professor coloca o problema ou trabalho para que o aluno possa fazer atividade de pesquisador, até encontrar resposta. Não tem como separar teoria e prática na aula, é bom trabalhar junto para entender o conteúdo. Se for separado fica vago e sem sentido. Para que os alunos possam entender o conteúdo, o professor precisa conhecer a vida dos educandos para que possa envolver, demonstrar, ter sentido.

“Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar – aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética (...)” (FREIRE, 1996, p. 24)

Na aula é importante dialogar. O professor começa a “provocar” ou incitar os alunos. Eles começam a falar, conversar sobre determinado assunto. Isso é conhecido como “Círculo de Cultura”. Os alunos fazem debates junto com o professor-coordenador do grupo, aprofundando suas leituras do mundo, para fazer releitura da realidade. Assim se desenvolve a prática da política, isto é, abrindo os olhos, tornando-se crítico. É preciso saber política para lutar e debater sobre direitos e, com isso, mudar consciência e ampliar o caminho do conhecimento. O professor anota vocabulários, explica e dá atividades para os alunos pesquisarem. Com isso, mostrando a prática e a teoria juntos, desperta a curiosidade. Tornar o aluno um sujeito crítico, que sabe pesquisar e enfrentar o mundo em que vive, e não ser alienando, é o objetivo de Freire.

Tudo que o aluno aprendeu na aula e foi assimilado na conversa crítica é usado para desenvolver o conhecimento. Depois o aluno começa a escrever, da leitura do mundo vai para a leitura da palavra, tentando entender o que está escrito no texto para contextualizar o mundo.

A tarefa do educador é de suma importância, não é “*apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar pensar certo*” (FREIRE, 1996, p.27).

“Pensar certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. [...] O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.” (FREIRE, 1996, p. 38)

Não adianta só ficar ensinando, lendo texto para os alunos como “mecanicamente memorizador” se não tiver conhecimento no mundo para que possa provocar ou desafiar. Precisa ensinar os educandos a pensarem certo, por isso, provocá-los a pensar e pesquisar até obter o alvo. Isso incentiva a ser cidadão crítico e não viver “robotizado”.

“Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos [...]” (FREIRE, 1996, p. 30)

“Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, [...]” (FREIRE, 1996, p. 30).

Por que não faria isso? Nós vivemos perto do Rio Iguaçu e do Rio Paraná, também tem o lago e as Cataratas do Iguaçu e precisamos de cuidados ambientais. Por que não aproveitar? Porque ensinar sobre rio Tietê se não aproveitar o que está por perto? É preciso conversar com alunos sobre a importância de cuidar das águas e dos rios, e preservar o meio ambiente em que se vive. Conversando com alunos, o que eles sabem, podemos trocar ideias, ajudando a preservar.

5.1 Educação dos Surdos a partir de Paulo Freire

O que tem a ver Paulo Freire com a educação dos surdos? Nos tempos modernos a escola bilíngue para surdos trabalha da mesma forma que a escola regular. Isto é, os professores ensinam o mesmo conteúdo na escola e a

diferença é a língua. A escola bilíngue trabalha com duas línguas para os surdos, sendo que a sua primeira língua é Libras e a 2ª língua é a Língua portuguesa, mas na modalidade escrita (conforme na lei de Libras nº 10.436/2002). Os professores surdos e os professores ouvintes que sabem Libras dão aula numa disciplina em Libras e os educandos são surdos.

Figura 20 - CHARGE



Fonte: arquivo pessoal da autora

A educação bancária acontece na educação de surdos quando o professor ensina os educandos numa forma tradicional, explanando o conteúdo, e os educandos surdos ficam vendo tudo o que professor fala, sem participar, mesmo que seja em Libras. Estudantes surdos ficam “robotizados”, acreditam que o ouvinte tem “mais poder”, sentem-se oprimidos e coitadinhos. O sonho e a vontade de estudar vai diminuindo para se transformar em vontade de estudar apenas para se formar e ter uma profissão. A maioria dos surdos de Foz do Iguaçu só faz trabalho braçal. Por isso, é fundamental incentivar e provocar surdos a serem leitores críticos, aprenderem a ler e a escrever na leitura do mundo.

O conteúdo precisa ter sentido na vida e ser conversado num contexto geral, para que se possa dialogar sobre tal assunto e aprender a ter autonomia, conquistar a alegria de aprender, e ter esperança que surdo possa trabalhar e estudar no mesmo patamar.

O professor, como orientador, tem que mostrar o caminho, lutar por seus direitos, incentivar os surdos a serem pesquisadores. Mas, infelizmente, professores de surdos precisam quebrar a visão paternalista. Como aprender a pesquisar se o professor dá resposta pronta ou faz pelos alunos surdos? O professor precisa ensiná-los “a voar”, terem coragem para serem

pesquisadores. É preciso começar desde o ensino fundamental, conversar, discutir temas e saber fazer uma leitura de mundo para ter vontade de escrever. O Professor precisa mudar a metodologia de ensino, elaborar material: “um mapa” para que o pesquisador surdo possa procurar e achar a resposta, ao invés de dar a resposta pronta.

Um exemplo é quando ensinei para os estudantes de 3º ano de ensino médio que estudavam na escola regular no período de manhã e à tarde estudavam na escola de/para surdo, no apoio pedagógico. Quando eles chegaram na minha sala de aula, eles deram os cadernos para eu responder por eles as tarefas. Estranhei esta atitude. Pedi para eles fazerem as tarefas. Então, vi no caderno de recado o que era para fazer. Li e expliquei em Libras: “vocês escrever 10 redações para entregar daqui um mês”. Pedi para eles fazerem. Me disseram que não sabiam e nem tinham ideia. Como assim? Ficaram dúvidas sobre tema, o que escrever. Então, como era época de muita discussão polêmica em todo o Brasil, desafiei eles: escrevi no quadro negro ABORTO. Perguntei para eles: o que é? Algum surdo soletrou A-B-O-R-T-O, de novo perguntei: qual sinal? Apontei no quadro. Não me responderam, dei dica, você sabe um jovem e uma jovem se namoram e de repente aconteceu ... e os surdos foram respondendo em Libras: Grávida?! Continuei contando. Os pais não sabem e depois descobriram. O que fazer? Os surdos continuaram respondendo, continuei dando dica até eles descobrirem. Quando responderam certo o sinal de aborto, eu respondi: É isto! Quando viu sinal ABORTO, começaram a conversar sobre isso, se concordavam ou não, porque aconteceu, como evitar, a lei, como é? Tudo isso, eles têm conhecimento, e diz para eles: é isso! Vocês sabem e agora escrevam no papel o que vocês falaram. Os surdos ficaram sem jeito para escrever no papel e uns 10 minutos tocou sinal. Acabou tempo.

Vimos esta história verídica na educação dos surdos. Os alunos surdos sabem Libras, sabem ler e soletrar, viram a palavra, mas não sabiam o que era, ou seja, significado desta palavra, e ao escrever ou se expressar, surge barreira linguística. Para esclarecer neste assunto, você vê a palavra, conhece as letras, sabe copiar, mas não sabe o que é o significado, quando descobrir tal sinal desta palavra e significado, já começa a ter raciocínio e diálogo, surge criticidade, gera mais conhecimento e ao expressar no papel gera um bloqueio.

Sabe copiar, mas ao escrever uma redação com suas palavras, dá branco. Eles estão acostumados que professor faça tudo para eles, devido o tempo e falta de apoio familiar. Ser copista, não tem crítica, fica acomodado, “preso nas mãos ouvintista”. Freire é contra isso. Quer que o estudante se torna um cidadão crítico, saiba o conhecimento que o rodeia para que possa sobreviver e lutar por vida melhor.

5.2 Metodologia de Ensino de Língua de Sinais para Surdos

Para trabalhar na sala de aula onde tem estudantes surdos, os professores precisam saber Libras, ter didática e conhecer a Cultura Surda, sua história, sua identidade, sua luta e as tecnologias assistivas (TA)¹⁹.

A maioria dos professores de surdos são ouvintes, a Libras para eles é a segunda língua. Na sala de aula, quando está ensinando para educandos surdos, o professor às vezes pensa que está se expressando em Libras, que está correto e na verdade não está. Um exemplo que vou citar: “Reprodução Sexuada dos Animais”. Uma professora comentou comigo que ensinou sobre reprodução sexuada do peixe. Disse que surdo não entendeu, “- Eu fiz Libras e ele não entendeu!” Pedi para ela me explicar em Libras sobre este tema, e descobrir o erro, que está na Libras! Ela fez sinal:

Figura 21 - FOTO DA REPRESENTAÇÃO, EM LIBRAS, DE “PEIXE MULHER” E “PEIXE HOMEM” (Reprodução Sexuada do Peixe)



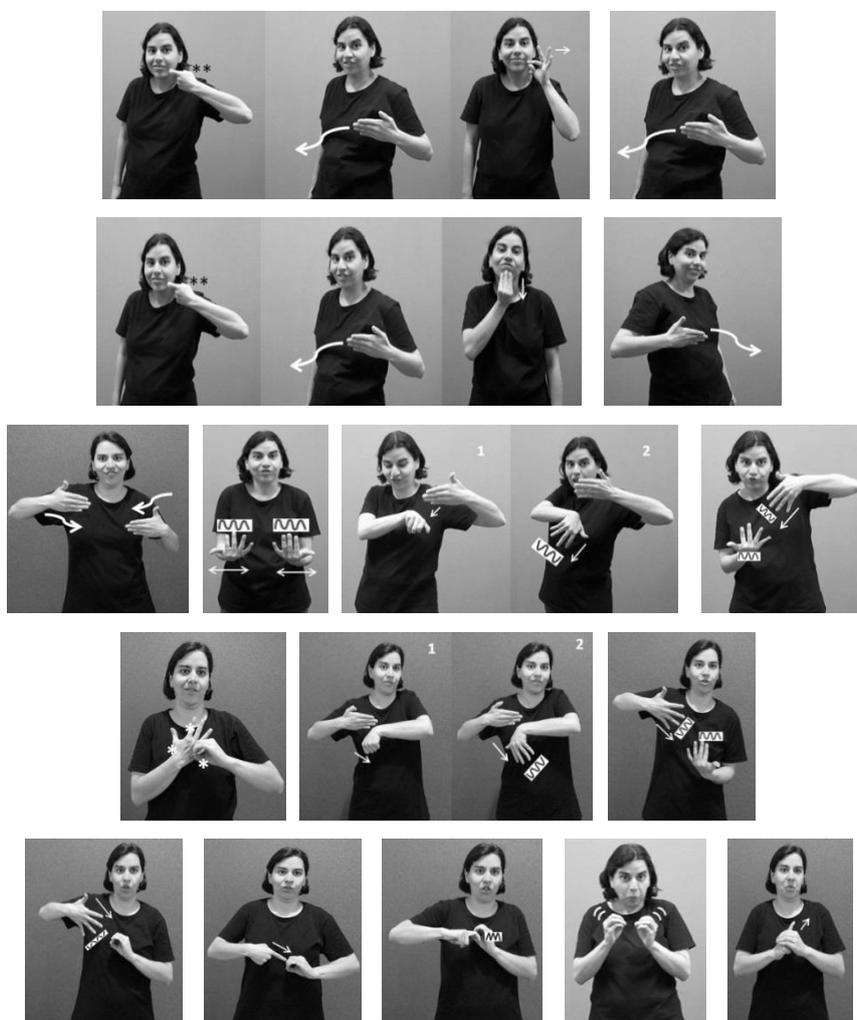
Fonte: Arquivo pessoal da autora

¹⁹ “Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.” (CORDE – Comitê de Ajudas Técnicas – ATA VII, de 13 e 14 de dezembro de 2007). TA para surdos envolve uso de celular com mensagem escritas e videos, dicionários digitais, sistema de legendas (close caption), despertador e relógio que vibra, campainha com luz, video fone, materiais com acessibilidade em Libras, prova em Libras, Tils, Central de Interprete de Libras e APP para surdo, como, por exemplo: Hand TALK, Pro Deaf, Vlibras, Easy Talk Lite.

Sabendo que a reprodução sexuada de cada animal é diferente, o modo como ela fez sinal combina mais para o ser humano. O surdo deve ter pensado, ou nunca viu um peixe que tem pênis, e não entende como um peixe mulher fica grávida, pois nunca viu! Orientei para ela fazer o certo:

É importante sempre ver filme no mundo animal e incorporar a personagem. Mostrei para ela:

Figura 22 - FOTO DA REPRESENTAÇÃO, EM LIBRAS, DE “PEIXE-FÊMEA E PEIXE-MACHO SE ENCONTRAM. PEIXE-FÊMEA JOGA OVOS PARA ALGAS, PEIXE-MACHO JOGA ESPERMATOZÓIDES PARA ALGAS, ESPERMATOZÓIDE SE ENCONTRA OVOS, DENTRO OVO NASCE ALEVINOS, SAIR OVOS, SAIR MUITOS ALEVINOS”





Fonte: arquivo pessoal da autora

Tem que ver qual problema. Precisa perguntar para surdo porque esta expressão. Não entendeu, converse e descubra. Assim ajuda a melhorar a parte linguística de Libras. Este fato é um exemplo do uso do português sinalizado ao invés da Libras, conforme explicação de Fernandes (2003), Góes (1999), Quadros e Schmiedt (2006) e Ferreira Brito (1995).

O outro problema que vejo é a metodologia e a estratégia de ensino para que o estudante surdo adquira o conhecimento. Está em falha ou em falta. Precisa capacitar esta formação.

Todos os professores que trabalham na escola de/para surdos estudaram nas Universidades, mas os professores universitários não sabem como criar metodologia de ensino para surdos de acordo com a Cultura Surda. A maioria dos materiais e livros didáticos são de acordo com Cultura de Ouvinte. Se fizer “adaptação” ou “mudança”, continua sendo da Cultura de Ouvinte “mascarada”.

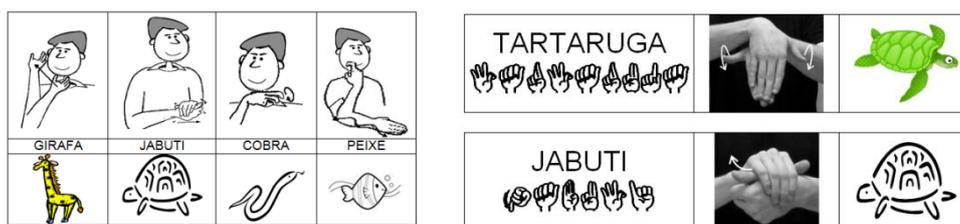
O que é principal na Cultura Surda? Língua de Sinais e Visual. Quando comecei a estudar no magistério e fazer trabalho voluntário na escola do surdo, fiz vários jogos pedagógicos de matemática, jogos desafios e prática/treinamento de matemática. Utilizei sucatas. Comecei de acordo com método de ouvinte, expliquei em Libras, adaptei em sinais, deu certo. Exemplos: jogo de memória, bingo, caça-palavras, palavras-cruzada, jogo de stop, jogo de forca, quebra-cabeça, jogo de corrida, maratona de Libras, caça-Libras (figuras), jogo de dicionários e de palavras com Configurações de Mãos.

Não pode ficar pensando que surdo não sabe, ou que é melhor ensinar simples, não “subir o grau” de ensino e deixar como está. É preciso deixar que o surdo supere desafios. Eles gostam, querem mais e mais. Isso levanta a autoestima e cria boa vontade de aprender mais e mais. Sem desafios, os alunos surdos percebem que os professores não estão colaborando e nem dando conta para elevar mais o nível e nem acreditam na superação.

Eu digo: “Errar é reaprender”, não importa a bagunça e agitação da turma, pois eles estão participando nas atividades pedagógicas, melhor isso do que ficar quieto, copiando e treinando como robô. Tem que ter aula diferente, dinâmica, desafiante, muita prática para que seja uma alegria aprender. É preciso sair de quatro paredes, fazer aula fora de sala de aula, seja no quintal, ou na cozinha ou no corredor, seja passeio ecológico. Desde o ensino infantil é fundamental explorar o espaço, conversando naturalmente em Libras, para que o aluno surdo possa ter aquisição de linguagem numa forma natural. Melhor assim do que vendo papel, imagem, sem ter sentido na vida e no dia-a-dia. Os alunos surdos vão para a escola muitas vezes sem terem aprendido Libras, pois a família é ouvinte. Por isso é preciso professor surdo que ensine Libras de um modo natural e pedagógico.

Por exemplo, o passeio no Refúgio Biológico Bela Vista (RBV). A Itaipu Binacional, devido à grande preocupação com a questão ambiental, criou educação ambiental. Eu participei do projeto. Como educadora ambiental para surdo, mostrei os animais, sinais, nomes em soletrado, o que eles comiam, como e onde viviam. Expliquei que não pode explorar, e nem sujar e nem caçar. E com isso eles percebem as informações que viram de fora, só na televisão, ou pelos pais que falaram em voz e surdo não entendeu como é fundamental cuidar a natureza. É importante evitar ensinar sinal por sinal, fica tradicional, vai memorizar, mas é vago, vai “sair” português sinalizado e sem sentido. Melhor ensinar por gramática de Libras, jogos em Libras. Ensinar gramática, verbos, classificadores, Literatura Surda para surdos, pois a maioria convive com pais ouvintes que não sabem Libras. É importante ensinar para o surdo não ficar “fraco” em Libras, bom expressar em Libras, mas demonstrando gramática e sua estrutura linguística, evitando português sinalizado e “agramaticado”.

Figura 23 - SINAIS DE ALGUNS ANIMAIS EM LIBRAS

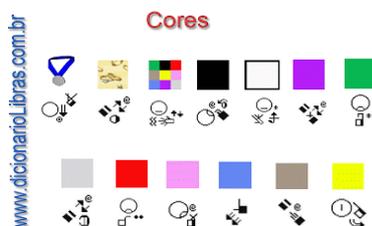


Fonte: arquivo pessoal da autora

Sinal por Sinal de cada palavra. Isso é bom para ensino infantil até o quinto ano no ensino fundamental, se expressando e contando história em Libras. Pode-se fazer apostila para estudar em casa (parece dicionário).

Jogo em Libras, são poucos produzidos. O que vejo é que a maioria é de acordo com cultura de ouvinte, pois os surdos na maioria estudaram na Universidade de “ouvinte”, e, ao decorrer o tempo, vão se adaptando de acordo com a cultura surda. Mas surge a preocupação e o conflito: “ensino só Libras e português não?” Não tem como separar português (digo palavras) e Libras. Se for ensinar só Libras é melhor escrever em escrita de sinais, mas todos os professores surdos sabem?

Figura 24 - SINAIS DAS CORES EM ESCRITA DE SINAIS



Fonte: arquivo pessoal da autora

Durante minha carreira docente, na convivência com a Comunidade Surda e no estudo de Letras/Libras, adquiri e construí a minha identidade surda política. E percebi que o material didático feito por alguns autores para surdos era mais adequado para ouvintes. Senti o “choque cultural”. Assim iniciei as pesquisas e passei a criar várias estratégias de ensino de acordo com a Cultura Surda.

Para ensino da Libras como L1 para criança surda, é fundamental ensinar gramática de Libras, jogos, conversação, contação de história em Libras e escrita de sinais.

5.3 Metodologia de ensino de língua portuguesa como L2 para surdos

Antes de ensinar o alfabeto, nunca pense no método de ouvinte, ou seja, não dá para pensar no português de audição. Pense português visual e Língua de Sinais, isto é, em como aprender pelos olhos. Nada de se preocupar com os sons que se relacionam com letras, e nem pensar que alfabeto digital é Libras. Por isso ficar fazendo silabação, como BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU, não tem sentido para surdos.

Por exemplo, o material abaixo está errado, pois o “A” de Abelha está associado pelo som, e não por letras. Para surdo pode surgir confusão, pois letra A não combina com desenho de abelha, o que tem a ver com abelha? Letra “B” de bola, por que isso?

Figura 25 - MATERIAL PARA ENSINAR O ALFABETO PARA SURDOS



Fontes: <https://www.soescola.com/2017/03/alfabeto-completo-em-libras.html>
Acesso em 20/10/2018

Existem 79 configurações de mãos para formar as palavras em Libras. Ou seja, cada palavra tem uma forma como a mão se configura. A configuração da mão para a palavra “Abelha” não é a mesma para a letra A. Por isso colocar a abelha ao lado da letra A e com a configuração da mão em A confunde. As letras possuem configurações de mãos assim como cada palavra. Poucas vezes a palavra tem a configuração de mão que corresponde à primeira letra na palavra escrita. Para entender, segue abaixo o quadro com as configurações de mãos e o quadro com o alfabeto digital, que forma o sinal.

QUADRO 2 - CONFIGURAÇÕES DE MÃOS EM LIBRAS:



Fonte: <http://charles-libras.blogspot.com/2014/10/configuracoes-de-mao.html>

Acesso em 24/10/2018

Abaixo segue quadro com o alfabeto digital. Importante notar que as configurações das mãos de cada letra do alfabeto fazem parte das 79 configurações de mãos usadas para formar as palavras. A configuração da letra L, por exemplo, é usada para as palavras “água”, “Alemanha”, “trabalho” e várias outras. A palavra abelha não é formada com a configuração de mão usada para representar a letra A.

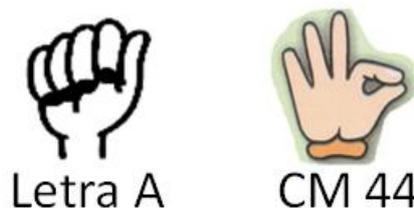
QUADRO 3 - ALFABETO EM LIBRAS



Fonte: <http://www.cursodelibras.org/alfabeto/> Acesso em 24/10/2018

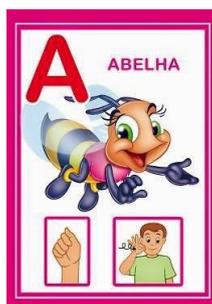
Se colocar sinal de abelha no quadro abaixo, ainda continua confusão, dependendo do surdo, pois Letra “A” combina com alfabeto digital “A”, desenho de abelha combina com palavra abelha, sinal de abelha confunde com alfabeto digital “A” e com a Configuração de Mão de número 44:

Figura 26 - CONFIGURAÇÕES DE MÃOS



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 27 - LETRA “A” NO ALFABETO EM LIBRAS



Fonte <http://ensinesuasmaosafalar.blogspot.com/2015/04/alfabeto-animal.html>
Acesso em 28/10/2018

Melhor coisa é só deixar alfabeto, conforme figura abaixo:

Figura 28 - ALFABETO EM LIBRAS



Fontes:

<http://meustrabalhospedagogicos.blogspot.com/p/apostila-personalizadas-alfabeto-dos.html>

<https://www.aprenderebrincar.com/2018/03/alfabeto-em-libras-para-colorir.html>
Acesso em 28/10/2018

Tem jogo de dominó que associa som de letras e imagem. Evite usar este material para surdo, ou mude som por sinais para associar com imagem.

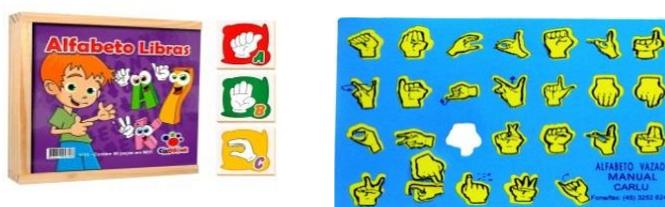
Sempre trabalhe com frases ou pequenos textos, e não por palavras ou letras, pois falta contexto dependendo do assunto que você vai tratar. Deixe fluir a ideia e peça para os estudantes escreverem palavras no papel e comecem a trabalhar com as regras gramaticais até que aprendem. Depois peça para fazer de novo para comparar como ficou.

Importante trabalhar leituras, provocar eles a entenderem o que está sendo dito no texto, fazer perguntas, dar dicas nas palavras e nunca dar respostas prontas.

Trabalhe mais leituras, jogo de sequência de história, veja se estudantes surdos conseguem colocar em ordem uma história em quadrinho. Depois peça para eles contarem em Libras algum filme. Mostre vídeos e dialogue com estudantes surdos.

Faça dinâmicas, jogos de raciocínios, jogos de palavras, tudo relacionado com regras gramaticais da língua portuguesa.

Figura 29 - JOGOS PARA ENSINO DE PORTUGUÊS



Fonte: <http://www.kidsmobil.com.br/produto/alfabeto-em-libras-madeira/>
<https://fantasticamente.store/alfabeto-libras-vazado> Acesso em 28/10/2018

Estes são alguns dos princípios que desenvolvi para ensinar Libras para estudantes surdos. Considero que trabalho de acordo com Paulo Freire porque sempre busco a atividade significativa, em contextos de diálogo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abaixo, segue um quadro sintetizando a história da educação dos surdos e a minha história.

QUADRO 4 - MINHA HISTÓRIA E O TEMPO HISTÓRICO

BRASIL	PARANÁ	FOZ do IGUAÇU	ANDRÉA MAZACOTTE
1880 – II Congresso Internacional sobre Educação de Surdo em Milão. Proibição Língua de Sinais. ORALISMO.			
	1853 - No dia 2 de agosto foi criado a Província do Paraná.		
1857- Chegou professor surdo E. Huet, sob o beneplácito do imperador D. Pedro II. No dia 26 de setembro fundou INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), no Rio de Janeiro.			
		1914 - Foi criado o Município de Vila Iguazu em 14 de março.	
		1918 – No dia 10 de junho, pela Lei nº 1.383, a posse do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng, e da primeira Câmara de Vereadores. O município passou a denominar-se Foz do	

		Iguaçu.	
		1927 – Criada a 1ª escola da cidade: “Grupo Escolar Dr Caetano Munhoz da Rocha”, que depois mudou o nome para “Grupo Escolar Bartolomeu Mitre” com ensino de 1º Grau (1ª à 4ª série)	
1960: Willian Stokoe, linguista de Universidade Gallaudet, publicou seu livro “Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf” afirmando que ASL é uma língua com todas as características da língua oral. Comprovou que a Língua de Sinais é uma Língua Natural dos Surdos.			
Final dos anos 70, Comunicação Total chega ao Brasil.		Na década 70, sem incentivo federal ou estadual, os governos municipais criaram suas próprias faculdades: Foi criada a Faculdade de Foz do Iguaçu – FACISA.	
1875 Um ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, aos 18 anos, publicou “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, o primeiro dicionário de língua			

de sinais no Brasil.			
		1976 – Foi fundado a Escola Estadual Barão do Rio Branco, em Foz do Iguaçu..	
1977 – Foi criada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos deficientes Auditivos) compostas por pessoas ouvintes envolvidas com a problemática da surdez.		1977 –Governo decreta a nomenclatura da escola “ Colégio Estadual Bartolomeu Mitre” – Com Ensino Regular e Supletivo de 1º Grau, em Foz do Iguaçu.	
		1979 – A primeira aluna surda é matriculada no Colégio Bartolomeu Mitre. Criação da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu – FACISA, em agosto de 1979, pela FUNEFI - Fundação Educacional de Foz do Iguaçu, oferecendo os cursos de Administração e Ciências Contábeis, na Escola Parigot.	1979 – Nasci no dia 25 de abril em São Paulo, capital.
		Desde 1979 até 1983: os estudantes com deficiência auditiva estudam em classes especiais na Escola Bartolomeu Mitre.	
		1982 – Facisa passou a ocupar o Colégio Estadual Barão Rio Branco.	1982 - Nasceu meu irmão Luiz (do meio). Desconfiança dos meus pais sobre

		<p>Criação da APASFI - Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu, no dia 8 de dezembro.</p> <p>Surdos estudavam nas classes especiais na Escola Mitre.</p>	<p>minha surdez. Foram para SP e descobriram minha surdez. Começou “tratamento” auditiva e da fala.</p> <p>Comecei a ir à escola particular na Educação Infantil (Maternal) em SP.</p>
1983 – Criação de Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos.		1983 - Os alunos D.A. (Deficiência Auditiva) que estudavam no Mitre foram transferidos para sua sede próprias – APASFI.	
		1984 – Criação do Centro de Reabilitação Auditiva da APASFI, no dia 20 de maio, para funcionar em 3 períodos: manhã, tarde e noite, para atender os alunos surdos em diversas idades.	1984 – Tratamento fonoaudiológico e uso de aparelho auditivo.
			<p>1985 - Nasceu meu irmão Roberto (caçula) em SP.</p> <p>Estudei no Pré-escolar no Colégio Particular em SP.</p>
			1986 – Iniciei o estudo no Colégio particular na 1ª série do 1º grau (1º ano no Ens. Fundamental).
		1995 – Facisa passou a ocupar a parte do Colégio Anglo-Americano e implantou curso Turismo e Letras.	

1987 – Foi fundada FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), no Rio de Janeiro e fechado o FENEIDA.	1987 – Foi criada uma Lei Estadual, nº 8.680 no dia 30 de dezembro, fundando a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (Fecível)	1987 – Foi criada uma Lei Estadual, nº 8.680 no dia 30 de dezembro, fundando a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu (Facisa)	
Década 90: Começa Bilinguismo para Surdo.			1990 – Passei para a 5ª série do 1º grau (no ensino fundamental), estudando no Colégio particular em SP. Continuo a rotina: fono e professora particular.
		1991- Facisa no Anglo-americano muda se para Colégio Vila C até ficar pronto a construção da sede própria. Muitos professores da APASFI estudaram na Facisa de Letras. Participação no I CEDAPAR (Congraçamento Esportivo e Cultural dos Deficientes Auditivos) em Maringá. Eram associações de surdos, adultos, usuários de língua de sinais. Apenas em Foz do Iguaçu não se usava língua de sinais. No evento os surdos de Foz do Iguaçu conheceram a língua de sinais.	1991- Em SP, passei para 6ª série do 1º grau, continuei estudando no colégio particular. Continuei frequentando fono e professora particular. Mudamos de SP para Foz do Iguaçu.
		1992 - APASFI	1992 – Em Foz do

		<p>completou seus 10 anos. Fizeram festa para comemorar suas conquistas e os 120 alunos estudantes na associação. A turma do noturno passa a poder usar sinais na sala de aula.</p>	<p>Iguaçu, comecei estudar no Colégio Estadual Bartolomeu Mitre na 7ª série no 1º grau. (E.F.)</p> <p>Continuei tratamento com fono e professora particular.</p>
<p>1993 - Lucinda Brito - doutora em linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), surda, foi uma das pioneiras da pesquisa sobre Língua de Sinais (LS) no Brasil, dando importância à LS como língua natural dos surdos brasileiros.</p>		<p>1993 - Teve início na APASFI um movimento de preocupação com a escolaridade. APASFI com parceria CES – Centro de Ensino Supletivo, que atualmente se chama EJA, iniciou com a turma noturna para que os surdos de Foz pudessem estudar.</p>	<p>1993 – Sofri apendicite aguda suturada, fiquei internada por um mês.</p> <p>Conclui 8ª série do 1º grau no Colégio Estadual Bartolomeu Mitre.</p>
	<p>1994 – Fundação da UNIOESTE com 5 polos e sede em Cascavel.</p> <p>Em 23 de dezembro de 1994, com a publicação da Portaria nº 1784-A do Ministério da Educação e do Desporto, foi reconhecida a Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, com seu novo Estatuto e Regimento de forma Multi-Campi.</p>	<p>1994 – A nomenclatura de FACISA muda para UNIOESTE, Campus Foz do Iguaçu.</p> <p>Foi criada uma classe específica de alunos surdos na escola de ensino regular no município, nas turmas de 1ª a 4ª série do 1º grau, na Escola Municipal Parigot.</p>	<p>1994 - Estudei no Colégio Monsenhor Guilherme – 1º ano do 2º grau.</p> <p>Continuei usando aparelho auditivo. Indo à fono e professora “particular” na APASFI.</p>
		<p>1995 – APASFI organizou o II Seminário de Educação do Surdo e Cidadania.</p>	<p>1995 – Participei do Seminário de Educação do Surdo e Cidadania em Foz, com isso acabei</p>

		Oralismo fracassando e surgindo Bilinguismo.	descobrir minha identidade.
1996 - II Seminário de Educação de Surdos, nos dias 12 a 14 de setembro em Caxias do Sul/RS.		<p>1996 – Criada em 19/12/1996 a lei municipal nº2055, publicada em diário oficial em 31/12/1996, que oficializa a Língua de Sinais na cidade de Foz do Iguaçu.</p> <p>No Colégio Estadual Barão do Rio Branco, duas surdas estudavam no Magistério sem Intérprete de Libras.</p> <p>Equipe da APASFI participa do II Seminário de Educação de Surdos, em Caxias do Sul – RS.</p> <p>Na APASFI se deu fim do oralismo e começo do novo método Bilinguismo.</p> <p>As pessoas surdas passaram a fazer parte do quadro de funcionários da APASFI.</p> <p>Formatura da 1ª Turma dos alunos do noturno de CES que concluíram Ensino Fundamental.</p>	<p>1996 – Conclui 2º grau no Colégio Estadual Monsenhor Guilherme.</p> <p>Tentei vestibular para Ciência de Computação na Unioeste e não passei.</p>
1997- II Congresso Latino Americano de Educação Bilingue para Surdos, em Bogotá, na Colômbia.		<p>1997 – Inauguração da Unioeste, Campus de Foz, no dia 17 de janeiro.</p> <p>Luta para criar escola</p>	

		<p>para surdo, pois era época de política de inclusão. Na APASFI organizaram e conseguiram criar creche e 4 séries do primeiro grau,</p> <p>Criação da ASSUFOZ (Associação de Surdos Foz do Iguaçu), no dia 07 de janeiro.</p> <p>Criação dos projetos de Carlos Sánchez, que direcionou a APASFI na implantação da Libras.</p>	
	<p>1998 – Sob a Lei nº 12.095, de 11/03/98, é reconhecida oficialmente, pelo Estado do Paraná, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.</p> <p>SEED/PR – Ofereceu curso de Interprete de Libras para os professores. Três professores da APASFI fizeram o curso e se tornaram os primeiros Intérpretes de Libras de Foz do Iguaçu.</p>	<p>1998 – Implantado o Curso de Pedagogia na UNIOESTE Campus de Foz do Iguaçu, como extensão de Cascavel.</p> <p>APASFI ofereceu primeiro curso de Libras para familiares dos surdos, com formatura em Julho de 2011.</p>	<p>1998- Tentei vestibular para Matemática e não passei.</p> <p>Primeiro trabalho com carteira assinada, na fábrica de chocolate.</p>
1999 – Pré Congresso Latino-		1999 – Colégio Estadual Barão do	1999 – Estudei no Colégio Estadual

<p>Americano de Educação Bilíngue para Surdos. Os surdos apresentaram o documento “A educação que nós surdos queremos”.</p> <p>O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade) foi criado no âmbito do Ministério da Justiça (MJ), em 1 de junho, através do Decreto 3.076/1999.</p>		<p>Rio Branco teve 5 surdos estudando de Magistério, que ficaram sem intérprete de Libras. Os estudantes surdos lutaram e buscaram seus direitos, conseguindo a contratação da primeira intérprete de Libras na educação no Paraná.</p> <p>Colégio Bartolomeu Mitre foi pioneiro da “escola inclusiva” com presença de Intérprete de Libras.</p> <p>Criação da Escola de Educação Especial para Surdo da APASFI, que oferece escolaridade em Libras desde ensino de educação infantil até ensino fundamental (serieis iniciais). A proposta pedagógica da escola é a socio-histórica da teoria de Vygotsky, que “privilegia a formação da cidadania.”</p> <p>Foram contratadas instrutoras surdas para trabalhar na escola na APASFI.</p>	<p>Barão do Rio Branco, pela primeira vez na minha vida tive intérprete de Libras na aula e 4 colegas surdas. Também estudei junto com cadeirante. Foi a minha primeira experiência de “inclusão” no magistério.</p>
<p>2000- Formação de Agentes Multiplicadores de Libras em Contexto pelo MEC/Feneis.</p>		<p>2000 – Formatura dos alunos que conseguiram concluir Ensino Médio no Supletivo, 8ª série e creche na APASFI.</p> <p>Ex aluno surdo da Apasfi Orceni, participou da</p>	

		<p>formação de Agentes Multiplicadores de Libras em Contexto, em Brasília.</p>	
<p>2002 – Sob a lei nº 10.436, de 24 abril de 2002, é reconhecida nacionalmente como meio legal de comunicação e Expressão a Língua Brasileira de sinais e outros recursos de expressão a ela associados, a Lei DE Libras.</p>		<p>2002 – Instrutor de Sinais, Orceni, iniciou o curso de Libras para Comunidade Surda, surdos, professores e funcionários da APASFI.</p> <p>Quatros surdos concluíram o Magistério no Colégio Barão do Rio Branco.</p> <p>Uma surda passou em concurso público e se tornou a primeira professora surda concursada.</p> <p>APASFI completou 20 anos. Fizeram vários eventos para mostrar que o surdo é diferente e não deficiente.</p>	<p>2002- Iniciei o trabalho voluntário na APASFI de oficina de Matemática.</p> <p>Participei no curso de Libras da APASFI.</p> <p>Conclui Magistério no Colégio Estadual Barão do Rio Branco.</p> <p>Fiz concurso público de prefeitura de Foz para professor municipal e passei.</p>
		<p>2003 – A Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, abre o Edital de Concurso Público nº 04/01/2003, para o cargo de Intérprete de Libras e Instrutor de Libras.</p> <p>A Comunidade Surda participou de movimento no dia do Surdo, pedindo Inclusão Social. Ficaram concentrados na Praça do Mitre.</p>	<p>2003 – Tomei posse e comecei a trabalhar pela prefeitura de Foz, como professora na APASFI.</p> <p>Meu Irmão Roberto passou no concurso Público para Intérprete de Libras em Foz</p> <p>2003 – Passei na Faculdade particular, Curso de Normal Superior, mas sem Intérprete de Libras.</p>

		2004 - Criação CAIAP (Centro Atividades Integradas da APASFI) e NOPA (Núcleo de Orientação Profissional da APASFI).	2004 – Estudando na Faculdade Particular, participei do Programa de Estágio da Itaipu Binacional na área de educação ambiental – ECOMUSEU E RBV.
2005 – Publicado o Decreto de Libras, nº 5. 626 de 24/12/2005, que complementa a Lei de Libras. Disciplina de Libras se torna obrigatórias para surdo em graduação de Licenciatura e fonoaudiologia.		2005 – Ampliação da escola APASFI.	2005 – Fazendo TCC, consegui Intérprete de Libras. Consegui apresentar meu trabalho na Faculdade.
2006 – Criação do curso de Letras Libras (Licenciatura) na UFSC / Florianópolis em 9 polos de Educação à Distância. 2006- Começa PROLIBRAS – Proficiência de Libras oferecida pelo MEC.		2006 – Criação da “Escola de Educação Especial para surdo da APASFI” desde educação infantil até ensino fundamental (1º a 5º ano) e também Educação de Jovens e Adultos em convênio com o CEEBJA (EJA).	2006 – Conclui o Curso de Graduação em Normal Superior. Passei no Vestibular Letras Libras – EAD, na UFSC/ Florianópolis, em 8º lugar! Nova jornada de estudo e viagem.
	2007- Dia do Intérprete de Libras, aprovado na Lei nº 15.658, de 02 de outubro. Dia de TILS passa a ser comemorado sempre em 26 de julho.	2007 – Criação de Conselho Municipal de Pessoa com Deficiência, no dia 19 de dezembro, pela lei nº 3.419/07.	2007 – Fiz PROLIBRAS de Licenciatura de Libras para Ensino Superior e passei!
2008- Criação do curso de Letras Libras (Licenciatura e Bacharelado) na UFSC em 12 polos em Educação à Distância.	2008 – INSTRUÇÃO N.º 002/2008 - SUED/SEED: Estabelece critérios para o funcionamento do Centro de Atendimento	2008 – A APASFI juntamente com as Escolas para Surdos das cidades de Medianeira, Cascavel, Toledo, Umuarama e Assis,	2008 – Ministrei palestra “ECOLIBRAS” no Seminário Surdez, Educação e Cidadania em Foz.

<p>Dia do Surdo. Aprovado pela Lei nº 11.796 de 29 de outubro. Dia de Surdo sempre em 26 de setembro.</p> <p>Criação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, preconizando que a garantia do direito à educação se efetiva por meio do acesso à educação inclusiva em todos os níveis.</p> <p>No dia 22 de setembro é fundado a A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais – Febrapils.</p>	<p>Especializado na Área da Surdez – CAES, serviço de apoio especializado, no ensino regular.</p> <p>Publicada Instrução N.º 008/08-SUED/SEED: Estabelece normas para atuação do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras/Língua Portuguesa - TILS nos Estabelecimentos de Ensino da rede pública estadual.</p>	<p>promovem, na cidade de Foz do Iguaçu, no período de 03 a 05 de abril, o 7º Seminário Surdez, Educação e Cidadania.</p> <p>No Dia do Surdo (26/09), teve passeata e concentração na praça do Mitre. Na praça, teve exposição de teatro, depoimento, demonstrando o movimento surdo sobre respeito pelo uso da Libras, importância do profissional Intérprete de Libras e inserção no mercado de trabalho.</p>	<p>Foi criado Conselho Municipal Direito Pessoa com Deficiência (CMDPD), do qual fui membro.</p>
<p>2009 – Inicia o curso de Letras/Libras, Licenciatura e Bacharelado presencial na UFSC.</p> <p>Conselho Nacional de Educação impõe o fechamento das Escolas de Educação Especial em todo o país, com vista à inclusão das pessoas com deficiência no ensino regular. A escola especial se tornará centro de atendimento.</p>	<p>2009 – Publicada reportagem sobre ENEM, afirmando que a escola de Curitiba foi considerada a 2ª pior nota do ENEM em todo o país.</p> <p>Feneis e Comunidade Surda do Paraná fizeram “Manifesto em defesa da obrigatoriedade da Língua de Sinais nas escolas!” e também lutaram para garantia de direitos. Fizeram passeata,</p>	<p>2009 – A ordem do Conselho Nacional de Educação, chega à Secretaria de Educação Especial do MEC. Surdos se manifestam durante Semana do Excepcional, em agosto, fazendo caminhada, na Câmara de Vereadores e pedido mais respeito e Acessibilidade, na praça do Mitre. É feito um dia Cultural e pedido de abaixo-assinatura para não</p>	<p>2009 – Participei passeata em Curitiba.</p>

	com concentração na Praça Santo Andrade e no Palácio Iguaçu.	fechar a escola especial. APASFI participou na Semana Excepcional na luta pela quebra do preconceito. Teve passeata até na Câmara Municipal de Vereadores, repercutindo em jornais. Teve apresentação de teatro na praça do Mitre.	Participei na Semana Excepcional pedindo abaixo-assinatura para não fechar escola especial.
2010 – Formatura da 1ª Turma de Letras Libras (Licenciatura) na UFSC. XXI Congresso Internacional sobre Educação de Surdos (ICED) em Vancouver, Canadá. Vetaram as propostas do II Congresso Internacional sobre Educação de surdo de Milão de 1880. LEI nº 12.319, de 1º de setembro, Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Fundação da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino Americana, em Foz do Iguaçu.	2010 – Foi publicado no diário oficial a Lei nº 16.514, no dia 25 de maio, sobre a função de Intérprete da Língua Brasileira de Sinais. UNIOESTE implantou disciplina de Libras para curso Licenciatura e abriu 30º Concurso Público para os professores de Libras. Passaram 2 professores surdos, em Cascavel e Foz do Iguaçu.	2010 – Intérprete de Libras concursado de Foz do Iguaçu se afasta das funções e não é repostado, ficando surdos sem acessibilidade. Na Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu, os cursos de licenciatura implantam a disciplina de Libras. Unioeste teve a primeira funcionária pública, surda, que é Professora de Libras. Unila abre veja para intérprete de Libras e professor de Libras. APASFI lança Livro para Curso de Libras (Básico I).	2010 – Conclui Curso Letras Libras – UFSC, fui da 1ª turma! Passei no concurso público da Unioeste e me tornei professora de Libras. Dia 19 de julho, tomei posse na carreira docente universitária na UNIOESTE/ Foz Meu irmão Roberto passou concurso público de Intérprete de Libras na UNILA. APASFI lançou livro de Libras para curso e eu fui membro da equipe de produção.
2011 – Com a nova proposta de Educação Inclusiva do MEC sobre escola “especiais”, escolas		2011- ASSUFOZ, APASFI e Unioeste organizaram I Encontro de Surdos Iguaçense, no	2011 – Participei do movimento pela defesa da “Educação Bilingue Surdo” em Brasília, nos dias 19

de/para surdos começaram a fechar. Surdos se mobilizaram e criaram um movimento pela defesa 'Educação Bilingue Surdo'.		Colégio Estadual Barão do Rio Branco, com objetivo de proporcionar maior interação entre surdos de Foz e outras regiões. Teve atividades recreativas, esportivas e culturais.	e 20 de maio. Fui responsável pela organização do I Encontro de Surdos Iguaçuense em Foz.
2012 – No dia 5 de dezembro, foi inaugurada a 1ª escola bilingue – Libras/ Português da América Latina, no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), no Campus Palhoça – Bilingue.	2012- SEED/ SUED criaram Instrução nº 003/2012, que: "Estabelece normas para atuação do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras/ Língua Portuguesa TILS nos Estabelecimentos de Ensino da Rede Pública Estadual."	2012- APASFI completa 30 anos de sua existência, fez parceria com UDC para a produção de um livro em comemoração, contando sua história de lutas pela Comunidade Surda de Foz. APASFI adota nova nomenclatura, Escola Lucas Silveira, modalidade educação bilingue no ensino infantil e ensino fundamental (1º a 5º ano).	
2014 – Dia de Libras, conforme Lei nº 13.055, de 22 de dezembro, passa a ser em 24 de abril.		2014 – ASSUFOZ e APASFI organizaram III Encontro dos Surdo Iguaçuense, um evento alusivo ao Dia Nacional dos Surdos, que teve as Palestras de Antônio Abreu (História) e Renan Bastos (Artes).	2014 – Fui uma das responsáveis pela organização do III Encontro de Surdos Iguaçuense em Foz.
2015 – Foi aprovado a lei nº 13.146, no dia 6 de julho, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.	2015 – Governo do Paraná publica a Lei nº 18.419, no dia 7 de janeiro - Estatuto da Pessoa com Deficiência do Estado do Paraná.	2015 – APASFI lança 2º livro para Curso de Libras.	
	2016 – Minuta da Deliberação que trata	2016 – UNIOESTE teve a 1ª surda	2016 – Ajudei a mobilizar e alertar

	<p>das normas para a modalidade Educação Especial no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, Comissão Especial Temporária, é publicada pelas Portarias CEE/PR N° 05/2014 de 06/2014 e 06/2015 de 08/2015, gerando mobilizações da comunidade surda.</p>	<p>mestranda no Programa de Pós Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Ensino (PPGE_n), nível mestrado.</p> <p>Com parceria Itaipu Binacional e programa Coletivo Educador Municipal, de educação ambiental, é lançado o filme “Carta da Terra para crianças: um novo olhar” produzido em Libras e interpretado por alunos da APASFI.</p>	<p>sobre Minuta que Governo propôs na educação dos surdos.</p> <p>Saí da Prefeitura (APASFI) e passei a trabalhar apenas na Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu.</p> <p>As crianças que representaram no filme “Carta da Terra para crianças: um novo olhar”, foram os meus alunos na APASFI.</p>
<p>2017 – INEP elaborou vídeo prova do ENEM em Libras para Surdos.</p> <p>Na redação do ENEM é abordado o tema sobre “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”.</p>	<p>2017- Os acadêmicos surdos e professores surdos de Unioeste foram ao Ministério Público Estadual e entraram com processo contra Governo e Universidade por falta de Intérprete de Libras.</p> <p>No dia 3 de outubro, Governo e Secretaria da Educação lançaram um aplicativo que ajuda na aprendizagem de alunos surdos: o Sinalário Disciplinar em Libras.</p> <p>No dia 4 de dezembro ocorreu Audiência Pública sobre Regulamentação da profissão de Intérpretes, guias e tradutores da Língua</p>	<p>2017 – Audiência Pública sobre Acessibilidade dos Surdos, no dia 20 de novembro, em prol da criação de concurso para Intérprete e Professores de Libras, criação Central de TILS, e valorização de Libras.</p> <p>Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Ensino (PPGE_n), nível mestrado – teve a segunda mestranda surda a estudar, na linha de linguagem e tecnologia.</p> <p>Na Unioeste, as duas mestrandas surdas estudam sem Intérprete de Libras no 2º semestre, pois Governo do Paraná cortou Processo Seletivo para</p>	<p>2017 – Participei da Audiência Pública sobre Acessibilidade dos Surdos, representei a “voz” dos surdos.</p> <p>Passei no Mestrado em Ensino na Unioeste/Foz. No 1º semestre teve TILS e depois não teve. Entrei com processo no MP Estadual contra Governo e Unioeste por falta TILS.</p>

	Brasileira de Sinais, no Plenarinho da Assembleia Legislativa do Paraná em Curitiba.	Servidor (PSS). APASFI comemora 35 anos de fundação.	
<p>2018 – Fórum OAB sobre educação de Surdo no Brasil.</p> <p>Nova Política de Inclusão do MEC.</p> <p>Nova Lei de TILS: Tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 9382/17, da Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, que regulamenta a profissão de tradutor, guia-intérprete e Intérprete de Libras.</p> <p>Criação do Curso de Graduação Pedagogia Bilíngue – INES / EAD.</p> <p>Ministério de Educação recebe representantes de pessoas surdas para discutir política de educação bilíngue.</p>	<p>2018 – Fórum Nacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, realizado nos dias 13 e 14 de junho, em Curitiba.</p> <p>Promotor do MP Estadual mandou Unioeste e Governo providenciarem Intérprete de Libras para surdos estudantes, sob pena de multa.</p> <p>Unioeste abriu PSS para Intérprete de Libras e os contratou.</p>	<p>2018 – Palestra do Dia Nacional de Libras, na Câmara de Vereadores, no dia 24 de abril, em comemoração à lei Federal nº 10.436 e luta por direitos.</p> <p>A escola da APASFI recebeu da SEED a Resolução nº 418/2018 sobre alteração de denominação para “Escola Bilíngue para Surdos Lucas Silveira – Educação Infantil e Ensino Fundamental”.</p>	<p>2018 – Ministrei uma palestra no dia Nacional de Libras na Câmara de Vereadores em Foz do Iguaçu.</p> <p>No mês de julho, consegui na justiça o direito de ter Intérprete de Libras para estudar no mestrado e, assim, pude tirar dúvidas com orientadora e organizar minha dissertação.</p> <p>No mês novembro, de tarde, apresentei banca defesa do mestrado e finalmente sou mestre!</p>

Fonte: sistematização da autora.

Nasci numa época de oralismo em transição de Comunicação Total, vivi bem no final de oralismo. Como sou surda profunda, fui oralizada, fui treinada a falar e a ouvir. Fui à escola para aprender a ler e a escrever, usei aparelho auditivo, fui fazer os “tratamentos” com a fono, a psicopedagoga e a professora particular. Fui na clínica para cuidar da saúde respiratória. Aprendi a ler os lábios, não foi fácil. Aprendi a falar, mas sinto-me desagradável. Aprendi a ler e

a escrever, mas faltou significado. É mesma coisa que acontece com os surdos. Poucos superam, alguns ficaram mais tempo treinando a falar e a ouvir na terapia de fala e audição. Saber escrever assim se torna mera atividade de copista, robotizada, só cópia das palavras. Leitura e interpretação ficam vagos. Uma simples alfabetização de saber ler e escrever, saber codificar e copiar, mas, significado, como fica?

Quando estudei na educação básica, na época de oralismo, não se falava em inclusão como atualmente. Nas escolas públicas ou particulares não havia intérprete de Libras, pois não era conhecido. Os professores não tinham formação para trabalhar com estudantes surdos ou outras deficiências.

Por onde vivi e passei neste momento, não foi fácil estudar, aprender e entender o contexto. O surdo aprende mais por meio do canal visual do que auditivo. Com a perda auditiva, não tem valor trabalhar conteúdo que se tenha associado aos sons, por exemplo: A de abelha, B de bola, nem se ensinar isso em língua de sinais tem sentido. Se trabalhar no método Ba, Be, Bi, Bo, Bu e se juntar e formar palavras: BABA, BEBÊ, BIBI, BOBO, BUBU, parece brincadeira com palavras e sons, mas sem sentido. Não sei o que é BABA, BEBE, BIBI, BOBO. Qual objetivo disso? Para que serve? Perder tempo?

Na educação básica eu estudava junto com colegas ouvintes, na escola pública, não foi fácil. Os professores não estavam preparados, e o sistema educacional também não estava preparado para a “inclusão”. Era como se fosse jogar numa caixa e pronto. Não conhecia minha identidade e nem a língua de sinais, só ia em “clínica”, escola e casa.

Quando os métodos mudaram para Comunicação Total, ou seja, quando começaram a usar a língua de sinais junto com o oralismo, aprendi Libras. Eu tinha entre 12 e 15 anos de idade. Nesta época ainda havia a visão de surdo como deficiente. Hoje percebo que aquilo que autores como Fernandes (2003), Góes (1999), Quadros e Schmiedt (2006) e Ferreira Brito (1995) denominam de “português sinalizado”, ocorreu muitas vezes na minha formação e na formação de outros surdos, provocando uma aprendizagem sem significado.

Como vivi no tempo de oralismo, fui influenciada por ele. Não tinha identidade surda. Sempre diziam que eu tinha problemas no ouvido e eu não sei o porquê de usar aparelho auditivo e o porquê dos “tratamentos”. Comecei a ter contato com surdos quando estudei em um colégio público com a

presença de intérprete de Libras, convivendo com a Comunidade Surda. Me identifiquei que sou Surda e me assumi. Quando aprendi Língua de Sinais, mudou minha vida e se deu o avanço na minha carreira. Sem ela, não estaria viva para contar.

As autoridades, Governo, MEC, Secretaria de Educação Especial e os surdos travam batalha pela melhor qualidade de educação de surdo e para Comunidade Surda. A política de “Inclusão” ou “escola inclusiva”, é uma ameaça para a Comunidade Surda e acarreta no perigo de fechar as escolas bilíngues para surdos.

Sempre estudei na escola “inclusiva” sem e com a presença de Intérprete de Libras (TILS), sempre foi problemático: falta formação dos professores para atender estudante surda, falta de acessibilidade para surdo, falta de recurso visual, falta empatia, respeito e equidade. Sempre o professor esquece que tem estudante surdo na sala de aula e, ao avaliar, esquece também que a língua portuguesa é considerada como 2ª língua e que estudante surdo tem que fazer avaliação diferente. O professor, por sua vez, não tem preparo para trabalhar com estudante surdo na sala de aula junto com estudante ouvinte. A metodologia que o professor trabalha na sala de aula é de acordo com cultura de ouvinte, isto é, o que o professor ensina na sala de aula não combina com estudante surdo, pois a língua de sinais é diferente da língua portuguesa. As duas línguas não têm como ser trabalhadas na sala de aula ao mesmo tempo. Lembrando que para o estudante ouvinte sua primeira língua é a Língua Portuguesa e para o surdo é Língua de Sinais, e cada língua tem sua estrutura gramatical e não tem como compartilhar na sala de aula. Como o surdo aprenderá Língua de Sinais se a escola trabalha tudo em Língua Portuguesa?

Não tive disciplina de Libras na escola. Como surdos vão aprender sua língua mais profundamente na estrutura gramatical e os estudantes ouvintes vão aprender Libras para comunicar com seus colegas surdos? Surdos estão incluídos, mas, ao mesmo tempo, excluídos por falta de conhecimento e comunicação. Isto é, quando o professor, por exemplo, de educação física, acha que surdos não podem jogar futebol e ouvintes podem. Estes surdos podem jogar ping pong ou xadrez. Isso é inclusão? Para que o surdo pudesse

jugar, o professor poderia usar bandeira de pano, ao invés de usar apito no jogo de futebol.

Na educação infantil a melhor coisa é a escola do surdo, que oferece base linguística, cognitiva e emocional. Nela o surdo terá contato com professor surdo, que tem didática e metodologia de acordo com a cultura surda. Também o professor ouvinte, que tem formação e conhecimento sobre cultura surda, recurso visual, fluente em Libras, vai poder trabalhar na escola do surdo.

Se a criança não aprender Língua de Sinais desde cedo, fica sem comunicação, gera vácuo cognitivo, emocional e causa atraso linguístico, que pode acarretar perdas para o resto da vida.

Com isso, a luta da comunidade surda por acessibilidade, educação e direito à Língua de Sinais foi importante no Brasil para que a Libras fosse normatizada em Leis e Decretos. Mas mesmo quando estas leis e decretos são aprovados, não há garantia de efetivação. Por isso a luta precisa continuar, em cada município e em cada escola. Importa dizer que surdos querem a escola bilíngue de/para surdos, pois precisam ter a língua de sinais como língua de instrução, o que não acontece no modelo inclusivo. Para que surdos não sejam segregados, precisam de instrução em língua de sinais e convivência com outras pessoas surdas, desde o nascimento.

Na escola de/para surdo, o conteúdo é ensinado em Libras, que é a língua de instrução. Significa que na sala de aula o professor vai ensinar conteúdo em Libras para estudante surdo. O professor surdo e ouvinte tem que ter conhecimento pedagógico, ter didática, ser fluente em Língua de Sinais e suas estruturas linguísticas e também ter conhecimento da Cultura Surda e da História de Educação dos Surdos.

De acordo com a professora Ronice Quadros, da UFSC, “a melhor escola para educar os surdos é que tenha um ambiente linguístico em que a Libras e a LP compartilham espaços e os conteúdos sejam acessíveis visualmente.” (LUCAS, 2010, p. 23)

Na educação de hoje, vimos que precisa uma mobilização para melhorar a qualidade do estudo, dando os valores para os educandos a serem críticos e não alienados nas mãos de opressores. Para despertar a curiosidade e ter vontade de estudar, o educador precisa conhecer a realidade local e a vida dos

educandos e partir de pré-conhecimento deles. É de suma importância dialogar com eles, por isso a importância de Paulo Freire e da palavra geradora. Cada palavra provoca os alunos a “ler o mundo”, isto é, ler e entender o que significa. O professor conversa com os alunos até compreenderem os conceitos, tornando-os cidadãos críticos. O costume na escola tradicional é a decoreba, o treinamento repetido, a educação bancária, tudo em forma vertical. Professor “poderoso” que manda, explica, aplica prova, sem perguntar o que os alunos querem aprender. Não conversa com os alunos sobre a vida que os rodeia, suas dificuldades e seus mitos e até sua linguagem. Para que haja transformação ou mudança de vida, abrindo sua consciência crítica e lutando pelos seus direitos contra opressores, é preciso educação crítica.

A educação precisa provocar educando a pensar, trabalhar raciocínio, saber realizar as tarefas, dialogando entre educando e professor, sair das “quatro paredes”, fazer passeio, conversação, saber o que cada coisa significa realmente e ter sentido para surdo. O método de ensino tem que combinar com a cultura surda, trabalhando sempre a Língua de Sinais e recurso visual. A maioria dos profissionais são professores ouvintes que têm sua cultura, que é diferente da Cultura Surda. Quem dá aula para surdos não pode pensar em Língua Portuguesa, pois esta é a 2ª língua do surdo. A educação do surdo precisa ser em Língua de Sinais. Para isso dar certo, basta conviver com a comunidade surda, conviver com surdo, participar de cursos ou eventos relacionados à área, para atualizar o conhecimento. Professores surdos e ouvintes precisam estar sempre relacionando-se no trabalho pedagógico.

No oralismo os surdos se tornam analfabetos funcionais. No Bilinguismo, os surdos superam a escolaridade. Tem muitos surdos que estudam na faculdade e até fazem mestrados e doutorados.

Por que tem surdo que vai para a escola e não aprende a ler e a escrever? Antes de analisar o erro, precisa ver que antes de ingressar na escola de/para surdo, 95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes.

Antes de chegar na família e na escola, o Governo, os Ministérios, as Secretarias, os Conselhos, as Pessoas com Deficiências, as Universidades, todos devem trabalhar em conjunto, sempre estarem abertos ao diálogo, pesquisas, projetos, leis, decretos, verbas, dentre outras, para o bem cidadão.

As Universidades, as Instituições e as Faculdades, têm papel importante, pois desenvolvem pesquisas e projetos relacionados à Comunidade Surda. Pesquisam linguística, acessibilidade, produção de material didático e formação continuada e realizam projetos de extensão. Ao desenvolver pesquisas sobre Libras, é fundamental analisar os dados sobre variações linguísticas, estudos linguísticos, terminologias, glossários, sinalários, corpus, para contribuir com os surdos, intérpretes de Libras e professores na área dos surdos, para que possam usar na sala de aula. Com isso, é fundamental, divulgação e valorização de Libras, que é a língua natural dos surdos.

A saúde é um ponto polêmico. O surdo é visto como sujeito “doente”, que precisa “tratamento”, realizado com uso de tecnologias. Com o teste da orelha se descobre mais cedo a surdez, mas, infelizmente, o médico, afirma que o sujeito é “deficiente auditivo”, e não surdo. Assim encaminha o surdo para profissionais da fonoaudiologia, otorrinolaringologista e neurologista, a fim de proporcionar uso de aparelho auditivo ou implante coclear (IC). A língua de sinais não é valorizada. Por isso é fundamental nos cursos de medicina e de fonoaudiologia a disciplina de Libras, para mostrar e valorizar Libras e sujeito surdo. Nem sempre sujeito surdo se adapta a implante coclear. Se aprender Libras, será garantido que terá uma língua. A Libras é importante desde que o surdo nasce.

A “inclusão” começa em casa, na família. O primeiro passo é aceitar o surdo e ajudar e incentivar no processo e na caminhada de vida. É importante levar para escola de surdos o mais cedo possível, bem antes de iniciar a escolaridade (1º ano de ensino fundamental). O Estatuto da Pessoa com Deficiência do Estado do Paraná, no art. 34, mostra que a criança com deficiência deve começar a ir na escola o mais cedo possível (desde 0 a 6 anos), para o bem desenvolvimento. Sem isso, no caso do surdo, haverá um atraso linguístico. Nesta idade é um período crítico e eu digo que é “idade de ouro”. Ao ingressar na escola com 6 anos de idade, na escola de surdo, esta criança não sabe Língua de Sinais. Já no 1º ano de ensino fundamental fica “perdida” de não saber Libras, professor ensinando conteúdo em Libras e os surdos participando em Libras. Com isso, pesa o trabalho do professor, pois

precisa ensinar em dobro, isto é, Língua de Sinais e conteúdo. Se a criança souber Língua de Sinais fica mais fácil assimilar o conteúdo e participar.

No sistema escolar, o Projeto Político-Pedagógico deve adotar o bilíngüismo para surdo, a escola de/para surdo, sendo que a L1 é a Língua de Sinais, que é a Língua de instrução e a L2 é Língua Portuguesa na modalidade escrita. E tudo isso tem que ser trabalhado junto.

No ambiente escolar, no bilíngüismo, todos os funcionários precisam saber Língua de Sinais e Cultura Surda. Relembrando que nas escolas regulares a maioria são ouvintes, nela tem cultura ouvinte, metodologia de ouvinte, português sinalizado e com isso não combina o ensino para surdo, e nem é bilingüismo e sim comunicação total. Precisa haver metodologia do surdo, campo visual mais do que auditiva e ensino em Libras. Melhor ter professor surdo, que tem conhecimento didático, isto é, pedagogia surda. O professor ouvinte precisa ser fluente em LS, ter didática de acordo com cultura surda, para não fazer português sinalizado, conforme as explicações de Fernandes (2003), Góes (1999), Quadros e Schmiedt (2006) e Ferreira Brito (1995), prejudicando a aprendizagem dos alunos.

O próprio surdo precisa parar de sentir coitadinho, ser “vítima”, se esforçar e lutar. O ouvinte que trabalha com surdo não pode olhar e pensar: “surdo coitadinho”, “ele não sabe”, “vou dar conteúdo simples”, “deixa para lá”, “passar direto sem aprender”. Deste jeito, o surdo vai acostumar, não vai ter autonomia, sempre vai depender de ouvinte. Surdo é um ser humano, igual ouvinte, exceto por não ouvir. A diferença é que ele possui sua língua, que é Libras, tem campo visual, isso é, aprende tudo pelo visual, e só precisa comunicar em Língua de Sinais. Ele aprende a ter autonomia, ser independente, ter capacidade, livrando-se de acomodação. Precisa parar de depender de assistencialismo e paternalismo que prejudicam o desenvolvimento de cidadão. A escola precisa mostrar e incentivar o surdo a viver no meio da sociedade. Surdos aprendem praticando, se esforçam e buscam alcançar sonhos. Eles são capazes de trabalhar, estudar, casar, dirigir e outras coisas na vida dentro da sociedade.

Maior sonho dos surdos é ter escola e universidade de educação bilíngüe para surdo, onde todos os funcionários e professores tenham consciência de trabalhar em Língua de Sinais, um ambiente acessível, com

metodologia para surdo em que os pais aprendem Língua de Sinais. Querem desde educação infantil até universidade. Pois há anos sofrem com as barreiras e é difícil a sociedade compreender o povo surdo.

Na realidade está longe para acontecer, uma luta constante contra a política atual sobre educação, acessibilidade (ainda falta), inclusão escolar (que pode fechar a escola especial e bilíngue do surdo). A comunidade surda está lutando contra o “novo Milão” e “Inclusão escolar” que gera um retrocesso na educação dos surdos, procurando melhorar acessibilidade e valorização de Libras e TILS.

“Nós não criamos muros, são vocês que criam muros e se trancam para que nós não possamos acessá-los”, afirmou Andréa Mazacotte, surda, Professora da Unioeste. (Notícia CMFI, 21/09/2017)

Não foram nós surdos que criamos o “muro” e sim a comunidade ouvinte, políticos, governantes, que criaram o muro que impede nós surdos. Inacessível. Você criou a barreira. Não querem nossa “voz”, nem querem diálogo, só simplesmente abrir as mãos, conversar e por na prática. Criam proposta sem conversar com a comunidade surda e depois terão “dor de cabeça”.

Para finalizar, relembro o hino nacional, que país é este? “Deitado eternamente em berço esplêndido”, as leis estão guardadas no berço esplêndido, cheias de poeira, teias de aranha, abandonadas. Nós surdos, estamos procurando, mas, caro leitor, as leis faltam cumprir, pois estão guardados no berço, ou seja, na gaveta.

“Teus risonhos, lindos campos têm mais flores
Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida no teu seio mais amores.”
(Hino Nacional, 2º Estrofe)

Nosso país, muitas árvores foram derrubados, não vejo frutos, um país violento, corrupto, ganância, opressores, falta de amor e de empatia, desrespeito, violando leis. Cadê a vida que nós plantamos? Onde está o amor e respeito ao próximo? Quantas pessoas que sofreram, se fecham, quantas pessoas ficaram “doentes” e buscando esperança para mundo melhor. Atualmente, pela luta de sobrevivência, não estão mais cuidando a natureza, cada dia mais difícil, cada um por si.

“Mas, se ergues da justiça a clava forte
Verás que um filho teu não foge à luta
Nem teme, quem te adora, a própria morte.”

(Hino Nacional, 2º Estrofe)

Não podemos desistir a batalha, nós surdos, lutamos contra opressores
– ouvintismo, levantamos a bandeira pela defesa de/da Língua de Sinais e da
Escola Bilíngue do Surdo.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira. **A Bíblia Sagrada**. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: 1996, Levítico 19:14; Marcos 7: 31-37.

BERNARDI, Fátima Bernadete. GARCIA, Juçara Salete Guedes. MAZACOTTE, Andréa Carolina Bernal. CESARO, Giliar. **LIBRAS**, Língua Brasileira de Sinais. Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu, 2010.

BRASIL. Lei Nº 1.098, de 19 de Dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida**, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm> Acesso em 26/11/2017

BRASIL. Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras** e dá outras providências. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>> Acesso em 26/11/2017

BRASIL. Decreto Nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, **que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras**, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em 26/11/2017

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

BRASIL. Lei Nº 12319, de 1º de Setembro de 2010. **Regulamenta a Profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm> Acesso em 26/11/2017

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Relatório sobre a Política Linguística da Educação Bilingue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Grupo de Trabalho designado pelas portarias nº 1.060 de 2013 e Nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/Relat%C3%B3rioMEC_SECADI%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/Relat%C3%B3rioMEC_SECADI%20(3).pdf)> Acesso em 26/11/2017

BRASIL. Presidência da República. Lei 13.005, de 25 de Junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>> Acesso em 19/12/2017

BRITO, L.F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: BABEL Editora, 1993

BUENO, J. G. S. A educação do deficiente auditivo no Brasil: situação atual e perspectivas. In: E. M. L. Soriano de Alencar (Org.). **Tendências e Desafios da Educação Especial**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 1994, p. 35-49

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e o estudo com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. V. 28, N. 01, p. 11-30, São Paulo: jan./jun., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>> Acesso em: 19/08/2018

CALDAS, Ana Luiza P. Movimento Surdo: identidade, língua, cultura. In: PERLIN, Gladis T.T; STUMPF, Marianne. (Orgs.) **Um olhar sobre nós surdos: Literatura Contemporâneas**. Curitiba: Editora CRV, 2012, p. 139-147

CAMPELLO, Ana Regina. REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em Defesa da Escola Bilingue para Surdos: a História de Lutas do Movimento Surdo Brasileiro. **Educar em Revista**. Curitiba, Paraná. N. 2, p. 71-92, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/06.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CAPOVILLA, Fernando C. **Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo**. Revista Brasileira de Educação Especial, São Paulo, V.6, nº1, 2000, p. 99-116.

CAPOVILLA, Fernando.C. Principais achados e implicações do maior programa do mundo em avaliação do desenvolvimento de competências linguísticas de surdos. In: SENNYEY, A; CAPOVILLA, F. C; MONTIEL, J.M F. (Orgs.) **Transtornos de aprendizagem**. São Paulo, SP: Artes Médicas, 2008, p. 151-164

CAPOVILLA, Fernando. C. **Dicionario Enciclopedico Ilustrado Trilingue Lingua de Sinais (LIBRAS)**. São Paulo: EDUSP, 2010.

CEZAR, Kelly Priscila Lóddo. ALMEIDA, Luiz Gustavo Paulino de. História da Educação de Surdos contada em HQ. **Ideação**, V. 18, N. 01, p. 178-194, Foz do Iguaçu, PR, 2016. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/17318>> Acesso em: 22/08/2018

CICCONI, Mário. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA, CORDE. **Ata VII Reunião do Comitê de Ajudas Técnicas – CAT**, de 13 e 14 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.infoesp.net/CAT_Reuniao_VII.pdf> Acesso em: 27/01/2018

COSTA, Juliana P. Barbosa. **A educação do surdo ontem e hoje: Posição sujeito e identidade.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

DEMARTINI, Z.B.F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O. R. de M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil.** São Paulo: Vértice, 1988. p. 44-105

DIAS, Tarcia R. S; PEDROSO, Cristina C. A; ROCHA, Patrícia; ROCHA, Juliana. Uma análise sobre o ensino (Libras) a familiares ouvintes de alunos surdos. In: LIMA, Rita de Cassia Pereira; GONÇALVES, Marlene Fagundes Carvalho.(Org.) **Sujeito, escola, representações.** Florianópolis: Insular, 2006, p. 95-111

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito. CAPORALI, Sueli Aparecida. A Língua de Sinais Constituindo o Surdo como Sujeito. **Educação e Sociedade.** V. 26, N. 81, p. 583-597. Campinas, SP, Maio./Ago, 2005.

ESTADO DO PARANÁ. Lei 12.095, de 11 de Março de 1998. **Reconhece Oficialmente**, pelo Estado do Paraná, a Língua Gestual Codificada na Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=2626&codItemAto=17854>> Acesso em: 19/12/2017

ESTADO DO PARANÁ. CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Dispõe sobre as Normas para a Modalidade Educação Especial no Sistema Estadual de Ensino do Paraná.** Curitiba, Setembro de 2016. Disponível em: <http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2016/Del_02_16.pdf> Acesso em: 19/12/2017

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **A educação que nós surdos queremos.** Documento elaborado pela comunidade surda a partir do pré-congresso ao V Congresso latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no salão de atos da reitoria da UFRGS, nos dias 20 a 24 de abril de 1999.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Propostas para a elaboração de uma Política Nacional de Educação Bilíngue para Surdos.** S/D

FERNANDES, Eulalia. **Linguagem e surdez.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERNANDES, Eulalia. **Surdez e Bilinguismo.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

FERNANDES, Sueli. **Fundamentos para Educação Especial.** São Paulo: IBPEX, 2011

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos.** Curitiba: InterSaberes, 2012.

FERNANDES, Sueli. MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de Educação Bilíngue para Surdos: o Contexto Brasileiro. **Educar em Revista**. Paraná: Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 51-69, 2014. Disponível em: <encurtador.net/eyELY>. Acesso em: 29 nov. 2017.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma Gramática das Línguas de Sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.

FOZ DO IGUAÇU, Lei Nº 2055 de 19 de Dezembro de 1996. **Reconhece oficialmente, no município de Foz do Iguaçu**, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a Linguagem Gestual Codificada na Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/1996/205/2055/lei-ordinaria-n-2055-1996-reconhece-oficialmente-no-municipio-de-foz-do-iguacu-como-meio-de-comunicacao-objetiva-e-de-uso-corrente-a-linguagem-gestual-codificada-na-lingua-brasileira-de-sinais-libras-1996-12-19.html>> Acesso em: 10/12/2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Surdez**: e a relação pais-filhos na primeira infância. Editora da ULBRA: Canoas, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996.

GARCÊZ, Regiane Lucas. Nada sobre nós, sem nós. Um ato político e Cultural. **Revista da FENEIS**. Nº 44, Junho-Agosto de 2011. p. 8-15. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/ca4a8b_d0d2043c0a364f22a11dc9103ffa5637.pdf> Acesso em: 08/04/2018

GESSER, Audrei. **LIBRAS?** Que língua é essa? São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESUELI, Zilda Maria. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos. In: LODI, Ana Cláudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. CAMPOS, Sandra Regina Leite de. **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 39-48

GOLDFELD, M. **A criança surda**: Linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOODSON, Ivor. **Studying teachers' lives**. London: Routledge, 1992.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem**, surdez e educação. Campinas: Autores Associados, 1999.

GOODSON, Ivor. Studying the teacher's life and work. **Teaching and Teacher Education**, Oxford, v.10, n.1, p. 29-37, 1994.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Atas do Congresso de Milão – 1880**. Série Histórica Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 13 maio 2018.

KARNOPP, Lodenir Becker e KLEIN, Madalena. **A língua na educação do Surdo**. Secretária Estadual da Educação, Governo do Estado, 2005

KUCHENBECKER, Liège Gemelli. **O Feijãozinho Surdo**. Porto Alegre: Editora da ULBRA, 2009.

LIMA, Priscila Augusta. PAULA, Flávia Priscila de. BERTHOU, François-Xavier. Implante Coclear, Libras e a Cultura Surda. **BOLETIM UFMG**, N.1674, 2009. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1674/2.shtml>> Acesso em: 18/10/2005

LODI, Ana Cláudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). **Letramento**, Bilinguismo e Educação de Surdos. Editora Mediação: Porto Alegre, 2012

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Educação Bilingue para Surdos e Inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto Nº 5626/05. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. V. 39, N. 01, p. 49-63, 2013.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

LUCAS, Regiane. Conferência Nacional de Educação rejeita proposta que apoia a escola de surdos. **Revista da FENEIS**. Nº 40, Jun./Ago, 2010, p. 22-23. Disponível em: < https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_40> Acesso em: 26/01/2019.

MEADOW, K. **Deafness and Child Development**. Ed. University of California Press. Los Angeles, 1980.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DEPORTO. **Parâmetro Curricular Nacional**. Volume 4, Ciências Naturais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997

MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo**. Caminho para uma Nova Identidade. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica.** 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/6547>>. Acesso em: 15/12/2009.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **SURDOS - Educação, Direito e Cidadania.** Rio de Janeiro: Editora WAK, 2010.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In. Nóvoa, Antônio (org). **Vidas de professores.** Portugal: Porto Editora, p. 11-30, 1992

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos.** UNESCO, 1996. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf> Acesso em: 22 maio 2018.

PERLIN, Gladis T.T. **História de vida Surda: identidades em questão.** Dissertação (Mestrado em Educação). 51.f Porto Alegre: Universidade federal do Rio Grande do Sul, 1998.

PERLIN, Gladis T.T; STUMPF, Marianne. (Orgs.) **Um olhar sobre nós surdos: Literatura Contemporâneas.** Curitiba: Editora CRV, 2012.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médica, 1997.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. **Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADRO, R.M; PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos II.** Petrópolis: Arara Azul, 2007.

QUADROS, R.M; CRUZ, C.R. **Língua de Sinais: Instrumento de Avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R.M; SCHMIEDT, M.L.P. **Idéias para Ensinar Português para Alunos Surdos.** 120 f. Brasília, Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Especial (SEESP), 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf> Acesso em: 18/10/2017

REIS, Flaviane. **Professor surdo: a política da transgressão pedagógica.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

REIS, Vania Prata Ferreira. **A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias.** 1992. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: UFES, 1992.

ROCHA, S. INES: Instituto Nacional de Educação de Surdos – **Revista Espaço**: Edição Comemorativa 140 anos. Belo Horizonte. Editora Littera. 1997.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de Surdos**: a caminho do bilinguismo. Niteroi, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spíndola Silveira Truzzi. **História & Documento e método de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

SÁNCHEZ, Carlos M. **La increíble y triste historia de la sordera**. Chile: Creprosordo, 1990

SANTOS, Marcelo. FINKLER, Michelle Kastner Olivi. BUCHE, Patrícia Gallas. **APASFI**: 30 anos de educação dos surdos em Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu: União Dinâmica das Cataratas, 2012.

SCHMITT, Deonísio. Espaço de conforto linguístico/cultural dos surdos na UFSC. In: QUADROS, Ronice Müller de (ORG). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008, p. 101-125.

SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (Org.) **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Ed. Arara Azul, 2006, p. 14 – 37.

SILVA, A.C.; NEMBRI, A.G (org.). **Ouvindo o silêncio**: surdez, linguagem e educação. Porto Alegre: Mediação, 2008

SKLIAR, C;. Uma perspectiva sócio-histórica sobre psicologia e a educação dos surdos. In: C. SKLIAR (org.). **Educação e Exclusão**: abordagens sócio-antropológica em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. p.105-153.

SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p. 07-30.

STOKOE, William. **El Lenguaje en las manos**. Madrid, Espanha: Fondo de Cultura Económica de España, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

SVARTHOLM, Kristina. Bilinguismo dos Surdos. In: SKLIAR, Carlos. **Atualidade da Educação Bilingue para Surdos**. Interfaces entre Pedagogia e Linguística. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 15-23.

SVARTHOLM, Kristina. 35 anos de educação bilingue de surdos – e então? **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil: Editora UFPR, Edição Especial, nº02, p. 33-50, 2014.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YANO, Célio. ANGELI, Gladson. **Surdos fazem passeata em Curitiba em defesa de Direitos na Educação.** Curitiba, Paraná: Gazeta do Povo. 01 de Junho de 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/surdos-fazem-passeata-em-curitiba-em-defesa-de-direitos-na-educacao-blmi7dvgq49v6w5kwlbj5j8lq>> Acesso em: 10/12/2017

APÊNDICE 1

Abaixo, seguem Quadros mostrando, em ordem cronológica, reportagens que registram os avanços da educação de surdos no Brasil, e nos estados e municípios nos quais de alguma forma participei das lutas da comunidade surda por direito à educação e à língua: Paraná, Santa Catarina e o município de Foz do Iguaçu.

QUADRO 5 - Reportagens sobre os avanços da educação de surdos no Brasil

BRASIL
<p>FENEIS. FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. A educação que nós surdos queremos. Documento elaborado pela comunidade surda a partir do pré-congresso ao V Congresso latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no salão de atos da reitoria da UFRGS, nos dias 20 a 24 de abril de 1999. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 24 de abril de 1999.</p>
<p>BRASIL. Lei Nº 1.098, de 19 de Dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm> Acesso em 26/11/2017</p>
<p>BRASIL. Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf> Acesso em 26/11/2017</p>
<p>BRASIL. Decreto Nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em 26/11/2017</p>
<p>BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SEESP Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Disponível em: <</p>

http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf > Acesso em 05/09/2018
UFMG – BOLETIM. Por Priscila Augusta Lima, Flávia Priscila de Paula e François Xavier Berthou. Implante Coclear, Libras e a Cultura Surda. Belo Horizonte, Minas Gerais, 02 de novembro de 2009. Disponível em: < https://www.ufmg.br/boletim/bol1674/2.shtml > Acesso em 05/09/2018
BRASIL. Lei Nº 12319, de 1º de Setembro de 2010. Regulamenta a Profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm > Acesso em 26/11/2017
REVISTA DA FENEIS. Por Regiane Lucas Garcéz. Nada sobre nós, sem nós. Um ato político e Cultural. Junho-Agosto de 2011. Disponível em: < http://media.wix.com/ugd/ca4a8b_d0d2043c0a364f22a11dc9103ffa5637.pdf > Acesso em 08/04/2018
GAZETA DO POVO. Nayadi Piva. Justiça determina tradução integral do Enem em Libras. Decisão é da justiça Federal de Curitiba e já vale para a edição 2015 da prova. Cabe recurso. Paraná, 30 de julho de 2015. Disponível em: < https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/justica-determina-traducao-integral-do-enem-em-libras-48x4qcb3rip0vo9u4kq2k25ul/ > Acesso em 04/09/2018

Fonte: Sistematização da Autora

QUADRO 6 - Reportagens sobre os avanços da educação de surdos nos Estados de Paraná e Santa Catarina

PARANÁ E SANTA CATARINA
FOLHA DE LONDRINA. O Jornal do Paraná. Andréa prestará vestibular para computação. Londrina, Paraná, 08 de dezembro de 1996. Disponível em: < https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/andrea-prestara-vestibular-para-computacao-2606.html > Acesso em 05/09/2018
PARANÁ, Gabinete da Casa Civil. Lei 12.095 de Março de 1998. Reconhece oficialmente, pelo Estado do Paraná, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente. Curitiba, Paraná, 11 de março de 1998. Disponível em: <

<p>http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=2626&indice=1&totalRegistros=1> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>TRIBUNA. Seminário Paranaense de Surdos debate a política de inclusão social. Curitiba, Paraná, 13 de novembro de 2004. Disponível em: < https://www.tribunapr.com.br/noticias/seminario-paranaense-de-surdos-debate-a-politica-de-inclusao-social/> Acesso em 09/09/2018</p>
<p>GAZETA DO POVO. Por Luigi Poniwass. Surdos pedem difusão da linguagem de sinais. Gazeta do Povo. Curitiba, Paraná, 07 de janeiro de 2006. Disponível em: < https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/surdos-pedem-difusao-da-linguagem-de-sinais-9uf34w616192vz6b8cab4xdn2/> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>DIÁRIO CATARINENSE. UFSC Começa 1º curso de Língua de Sinais. Florianópolis, Santa Catarina, 28 de outubro de 2006.</p>
<p>FOLHA DE LONDRINA. Vestibular da UEL tem novidade para surdos. Londrina, Paraná, 13 de setembro de 2007. Disponível em: < https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/vestibular-da-uel-tem-novidade-para-surdos-616180.html> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Superintendência de Comunicação Social. UFPR realiza o primeiro vestibular para graduação em Letras com licenciatura e bacharelado em Libras. Curitiba, Paraná, 30 de maio de 2008. Disponível em: < http://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/ufpr-realiza-o-primeiro-vestibular-para-graduacao-em-letras-com-licenciatura-e-bacharelado-em-libras/> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Superintendência Da Educação. Instrução Nº 008/08- SUED/SEED Estabelece normas para atuação do profissional tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras/Língua Portuguesa – TILS nos Estabelecimentos de Ensino da rede pública estadual. Curitiba, Paraná, 29 de julho de 2008. Disponível em: < http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao082008.pdf> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DE SURDOS. ESCRITÓRIO REGIONAL DO PARANÁ. Manifesto em Defesa da Obrigatoriedade da Língua de Sinais na Escola. Curitiba, Paraná, 24 de maio de 2009. Disponível em: <</p>

<p>http://surdosegentequeluta.blogspot.com/2009/05/manifesto-feneis-pr.html> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>GAZETA DO PARANÁ. Por Célio Yano e Gladson Angeli. Surdos fazem passeata em Curitiba em defesa de direitos na educação. Curitiba, Paraná, 01 de junho de 2009. Disponível em: < https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/surdos-fazem-passeata-em-curitiba-em-defesa-de-direitos-na-educacao-blmi7dvgq49v6w5kwlbj5j8lq/> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ. Nádia Fontana. Professora apresenta reivindicação da comunidade surda, durante sessão da Assembleia. Curitiba, Paraná, 12 de setembro de 2011. Disponível em: < http://www.alep.pr.gov.br/divulgacao/noticias/professora-apresenta-reivindicacoes-da-comunidade-surda-durante-sessao-da-assembleia-1> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>FOLHA DE LONDRINA. O Jornal do Paraná. Prova em Libras é realizada pela primeira vez. Londrina, Paraná, 31 de outubro de 2011. Disponível em: < https://www.folhadelondrina.com.br/geral/prova-em-libras-e-realizada-pela-1-vez-776074.html> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>TRIBUNA. Por Ana Carolina Bendlin. Surdos se mobilizam para reivindicar o ensino de Libras. Curitiba, Paraná, 12 de setembro de 2011. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/surdos-se-mobilizam-para-reivindicar-o-ensino-de-libras/> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>PARANÁ, Casa Civil. Lei 18419 de 07 de Janeiro de 2015. Estabelece o Estatuto da Pessoa com Deficiência do Estado do Paraná. Curitiba, Paraná, Disponível em: < http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=139152&codItemAto=845717> Acesso em 04/09/2018</p>
<p>PARANÁ, Conselho Estadual de Educação. Deliberação N° 2/2016. Dispõe sobre as Normas para a Modalidade Educação Especial no Sistema Estadual de Ensino do Paraná. Curitiba, Paraná, setembro de 2016. Disponível em: < http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2016/Del_02_16.pdf> Acesso em 04/09/2018</p>

Fonte: Sistematização da autora

QUADRO 7 - REPORTAGENS SOBRE OS AVANÇOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NOS MUNICÍPIOS PARANENSES DE FÓZ DO IGUAÇU E CASCAVEL

FOZ DO IGUAÇU E CASCAVEL, PARANÁ
FOZ DO IGUAÇU, Lei Nº 2055 de 19 de Dezembro de 1996 . Reconhece oficialmente, no município de Foz do Iguaçu, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a Linguagem Gestual Codificada na Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS. Foz do Iguaçu, Paraná, 19 de dezembro de 1996. Disponível em: < https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/1996/205/2055/lei-ordinaria-n-2055-1996-reconhece-oficialmente-no-municipio-de-foz-do-iguacu-como-meio-de-comunicacao-objetiva-e-de-uso-corrente-a-linguagem-gestual-codificada-na-lingua-brasileira-de-sinais-libras-1996-12-19.html > Acesso em 10/12/2017
A GAZETA DO IGUAÇU. Professora com deficiência auditiva vai lecionar na APASFI . Foz do Iguaçu, Paraná, 22 e 23 de março de 2003
A GAZETA DO IGUAÇU. Professores aprendem linguagem de sinais . Foz do Iguaçu, Paraná, 31 de maio e 01 de junho de 2003.
A GAZETA DO IGUAÇU. Surdos pedem inclusão . Foz do Iguaçu, Paraná, 27 e 28 de setembro de 2003
A GAZETA DO IGUAÇU. Ouvir com os olhos e falar com as mãos . Foz do Iguaçu, Paraná, 24 de fevereiro de 2005.
A GAZETA DO IGUAÇU. Por uma Cultura própria . Foz do Iguaçu, Paraná, 15 de março de 2005.
H2FOZ. Dia Nacional do Surdo será na segunda, 26 . Foz do Iguaçu, Paraná, 24 de setembro de 2005. Disponível em: < https://www.h2foz.com.br/noticia/dia-nacional-do-surdo-sera-na-segunda-26-10135 > Acesso em 05/09/2018
A GAZETA DO IGUAÇU. A linguagem dos gestos . Foz do Iguaçu, Paraná, 26 de setembro de 2005.
A GAZETA DO IGUAÇU. Um dia especial . Foz do Iguaçu, Paraná, 02 e 03 de dezembro de 2006.
A GAZETA DO IGUAÇU. Preconceito ainda é grande na inserção social de surdos . Foz do Iguaçu, Paraná, 19 de dezembro de 2006.
A GAZETA DO IGUAÇU. Com o mundo nas mãos . Foz do Iguaçu, Paraná. 15 de julho de 2010.

<p>A GAZETA DO IGUAÇU. Lutas históricas dos surdos são lembradas em encontro na APASFI. Foz do Iguaçu, Paraná. 26 de setembro de 2011.</p>
<p>A GAZETA DO IGUAÇU. APASFI: o que é? Foz do Iguaçu, Paraná, 11 de junho de 2011.</p>
<p>CLICKFOZ. Complexo turístico de Itaipu é capacitado para atender turistas com deficiência auditiva. Foz do Iguaçu, Paraná, 04 de maio de 2013. Disponível em: < https://www.clickfozdoiguacu.com.br/complexo-turistico-de-itaipu-e-capacitado-para-atender-turistas-com-deficiencia-auditiva/> Acesso em 05/09/2018</p>
<p>NOTÍCIAS. PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU. Conferência Mundial dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Foz do Iguaçu, Paraná, 17 de maio de 2013.</p>
<p>CLICKFOZ. Foz do Iguaçu recebe II Fórum de Acessibilidade. Foz do Iguaçu, Paraná, 30 de maio de 2016. Disponível em: < https://www.clickfozdoiguacu.com.br/foz-do-iguacu-recebe-ii-forum-de-acessibilidade/> Acesso em 05/09/2018</p>
<p>NOTÍCIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Concurso para Intérprete de Libras foi principal reivindicação do debate sobre acessibilidade. Foz do Iguaçu, Paraná, 27 de agosto de 2017. Disponível em: < ">http://www.cmfi.pr.gov.br/noticias_detalhesTV.php?concurso-para-int-rprete-de-libras-foi-principal-reivindicac-o-do-debate-sobre-acessibilidade&ID=MjUzOA==> Acesso em 05/09/2018</p>
<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA. NOTÍCIAS. Acessibilidade e inclusão. Edital do Sisu 2018 traz cotas para pessoas com deficiência; na Unila, há vagas em 28 cursos. Foz do Iguaçu, Paraná, 27 de janeiro de 2018. Disponível em: < https://www.unila.edu.br/noticias/acessibilidade-e-inclusao-0> Acesso em 05/09/2018</p>
<p>NOTÍCIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. Apoio do Legislativo. Em evento alusivo ao Dia Nacional da Libras, comunidade aborda dificuldades de comunicação e acessibilidade. Foz do Iguaçu, Paraná, 24 de abril de 2018. Disponível em: < http://www.cmfi.pr.gov.br/noticias_detalhes.php?em-evento-alusivo-ao-dia-</p>

nacional-da-libras-comunidade-aborda-dificuldades-de-comunicac-o-e-
acessibilidade&ID=Mjg1Mg==> Acesso em 24 de abril de 2018

RÁDIO CULTURA FOZ. **Em evento alusivo ao dia nacional da Libras, comunidade aborda dificuldade de comunicação e acessibilidade.** Foz do Iguaçu, Paraná, 27 de abril de 2018. Disponível em: <
<https://www.radioculturafoz.com.br/2018/04/24/em-evento-alusivo-ao-dia-nacional-da-libras-comunidade-aborda-dificuldades-de-comunicacao-e-acessibilidade/>> Acesso em 05/09/2018

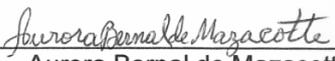
CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, **Indicação Nº 81/2018. Indica ao Prefeito Municipal a realização de concurso público objetivando a contratação de intérpretes, tradutores e professores de LIBRAS.** Foz do Iguaçu, Paraná, 22 de julho de 2018. Disponível em: <
http://www.camarafpz.pr.gov.br/pdf/projetos/6161_1.pdf> Acesso em 05/09/2018

Fonte: Sistematização da autora

ANEXO 1 - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DIÁRIOS COMO FONTE

Foz do Iguaçu, 18 de fevereiro de 2019

Eu, Aurora Bernal de Mazacotte, autorizo minha filha Andréa Carolina Bernal Mazacotte a utilizar o diário de seu desenvolvimento que eu escreverei.


Aurora Bernal de Mazacotte
Mãe - Andréa